



**Universidade de
Aveiro**
2020

Departamento de Línguas e Culturas

**Quanqin
Fu**

**A imigração chinesa em Portugal: evolução,
integração e comunicação intercultural**



**Universidade de
Aveiro**
2020

Departamento de Línguas e Culturas

**Quanqin
Fu**

**A imigração chinesa em Portugal: evolução,
integração e comunicação intercultural**

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Doutora Anabela Valente Simões da Universidade de Aveiro.

o júri

presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
Professor Associado da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Sílvia Isabel do Rosário Ribeiro
Professora Adjunta da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da Universidade de Aveiro (arguente)

Prof. Doutora Anabela Valente Simões
Professora Adjunta da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

Agradeço sinceramente à Professora Anabela Valente Simões, orientadora da dissertação, pela orientação, paciência e compreensão. Os meus agradecimentos estendem-se igualmente à comunidade chinesa imigrante em Portugal, pelo seu apoio e colaboração na realização do presente estudo.

palavras-chave

Relações bilaterais Portugal-China, investimento chinês, imigrantes chineses, cultura, adaptação, aculturação, integração, comunicação intercultural

resumo

Ao longo das últimas quatro décadas, em particular desde a década de 2000, a comunidade chinesa residente em Portugal tem crescido de forma consistente e, em paralelo, as relações sino-portuguesas têm vindo a estreitar-se cada vez mais. A presente dissertação tem como objetivo geral estudar a questão da adaptação, integração e da comunicação intercultural entre o povo português e o povo chinês. A partir de um questionário realizado à comunidade chinesa, traça-se, por um lado, o perfil deste grupo e, por outro lado, avalia-se a sua perceção no que diz respeito ao seu processo de adaptação ao país, à língua e à cultura portuguesas. Este estudo propõe-se ainda a avaliar e comparar o perfil de três grupos distintos de imigrantes, o que possibilita uma análise mais estreita dos aspetos que subjazem ao processo de adaptação e integração e uma previsão sobre a imigração chinesa no futuro.

keywords

Portugal-China bilateral relations, Chinese investment, Chinese immigrants, culture, adaptation, acculturation, integration, intercultural communication.

abstract

Over the past four decades, especially since the decades of 2000, the Chinese community residing in Portugal has been growing in a consistent way and, simultaneously, closer relationships between the two countries have been built. The present dissertation aims at studying the question of adaptation, integration and intercultural communication between Portuguese people and Chinese people. From a questionnaire made to the Chinese community, the present dissertation outlines, on the one hand, the profile of this group and, on the other hand, evaluates its perception with regard to its process of adaptation to the country, the language and to the Portuguese culture. This study also proposes to evaluate and compare the profile of three distinct immigrant groups, which enables a closer analysis of the underlying aspects of the process of adaptation and integration and a prevision about future Chinese immigration to Portugal.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo 1 - Chineses pelo mundo	4
1.1. Evolução socioeconómica da China: a abertura ao mundo.....	4
1.2. Relacionamento bilateral Portugal-China	7
1.3. Investimento chinês em Portugal	10
1.3.1. Investimento da China em Portugal e a sua expansão.....	11
1.3.2. Investimento chinês através do programa Vistos Gold	12
1.4. Evolução e principais destinos migratórios: do século XIX à atualidade	13
1.5. Evolução da imigração chinesa em Portugal.....	19
1.5.1. Fatores e motivos da imigração chinesa em Portugal	22
1.5.2. Origens dos imigrantes chineses em Portugal.....	24
Capítulo 2 - O lugar da cultura nos processos de comunicação e de adaptação das comunidades imigrantes.....	28
2.1. Cultura.....	28
2.1.2. O modelo das dimensões culturais de Fons Trompenaars.....	34
2.1.3. O modelo da cebola de Geert Hofstede.....	37
2.1.4. O modelo das dimensões culturais de Geert Hofstede	39
2.1.5. Comparação das dimensões culturais de Geert Hofstede.....	41
2.2. Comunicação intercultural	47
2.3. Adaptação.....	49
2.3.1. A identidade cultural	49
2.3.2. Modelos da adaptação cultural.....	50
Capítulo 3 - Adaptação, integração e comunicação intercultural: estudo da perceção da comunidade chinesa a residir em Portugal.....	56
3.1. Metodologia	56
3.2. Apresentação e análise dos dados recolhidos.....	59
3.2.1. Caracterização da amostra.....	59
3.2.2. Autoavaliação da população relativa ao processo de adaptação e integração	78
3.2.3. Caracterização do processo de adaptação e integração de três grupos de imigrantes chineses em Portugal.....	81

Capítulo 4 - Reflexão Crítica	102
4.1. Reflexão sobre as diferenças culturais e as maiores dificuldades no processo de adaptação e integração	102
4.2. Reflexão sobre o processo de adaptação e integração da amostra	105
4.3. Reflexão sobre o perfil da comunidade chinesa em Portugal e a imigração chinesa no futuro.....	111
Conclusão.....	115
Bibliografia	118
ANEXO 1	126
ANEXO 2	137
ANEXO 3	149

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 : Zonas económicas especiais	6
Figura 2 : Top 20 dos países migrantes asiáticos em 2019.....	17
Figura 3 : Top 20 do corredor de migração de países asiáticos em 2019	18
Figura 4 : Estimativa da população imigrante e emigrante segundo o país de origem e de destino em meados de 2017	19
Figura 5 : Salário líquido médio em Portugal e na China (2020).....	22
Figura 6 : O modelo do iceberg cultural de Hall.....	32
Figura 7 : O modelo da cebola de Hofstede	38
Figura 8 : A comparação das dimensões culturais entre China e Portugal	41
Figura 9 : Curva de aculturação	51
Figura 10 : O modelo de aculturação e desculturação.....	53
Figura 11 : O modelo de processo de adaptação	54
Figura 12 : O modelo de adaptação de J. Berry	54
Figura 13 : Distribuição dos inquiridos por género.....	60
Figura 14 : Distribuição dos inquiridos por idade.....	60
Figura 15 : Distribuição dos inquiridos por grau de escolaridade.....	61
Figura 16 : Distribuição dos inquiridos por local de origem na China	62
Figura 17 : Distribuição dos inquiridos por pessoas com quem vive em Portugal	63
Figura 18 : Distribuição dos inquiridos por nacionalidade das pessoas com quem residem em Portugal.....	63
Figura 19 : Distribuição dos inquiridos por gosta/gostaria de morar com portugueses	64
Figura 20 : Questão “Quando precisa de algumas informações, recorre à comunidade chinesa ou portuguesa?”.....	65
Figura 21 : Questão “As características de Portugal de que mais gosta? ”	66
Figura 22 : Distribuição dos inquiridos por características de que gosta menos.....	67
Figura 23 : Questão “Faz facilmente amizade com os portugueses?”	68
Figura 24 : Questão “Tem vontade de travar amizade com os portugueses?”	68
Figura 25 : Questão “Participou em alguma festa portuguesa ?”	69
Figura 26 : Questão “Está atento à vida política e social em Portugal?”	69
Figura 27 : Questão “Quando tem dificuldade, prefere pedir a ajuda aos portugueses ou	

chineses?”	70
Figura 28 : Distribuição dos inquiridos por o maior obstáculo no processo de adaptação e integração.....	71
Figura 29 : Questão “Em Portugal, tem mais contacto com a comunidade chinesa ou comunidade portuguesa?”	71
Figura 30 : Questão “Tem algum amigo português que lhe seja mais próximo?”	72
Figura 31 : Questão “Nos tempos livres, procura aprender português?”	72
Figura 32 : Questão “Nos tempos livres, procura conhecer a cultura portuguesa?”	73
Figura 33 : Questão “Alguma vez foi alvo de xenofobia ou racismo?”	73
Figura 34 : Questão “Acha que é tratado(a) de forma igual pelos portugueses?”	74
Figura 35 : Questão “Antes de ter migrado para Portugal, procurou aprender algo sobre a língua, a cultura e a sociedade portuguesas? ”	74
Figura 36 : Questão “Depois de ter vivido em Portugal, a sua opinião sobre Portugal e os portugueses mudou?”	75
Figura 37 : Distribuição dos inquiridos que acredita que os portugueses conhecem bem os chineses	77
Figura 38 : Distribuição dos inquiridos que se considera integrado na sociedade portuguesa	77
Figura 39 : Questão “Como avalia a sua adaptação à cultura portuguesa?”	78
Figura 40 : Questão “Como avalia a sua adaptação à língua portuguesa?”	79
Figura 41 : Questão “Como avalia a sua adaptação à sociedade portuguesa?”	79
Figura 42 : Questão “Como avalia a forma como foi acolhido em Portugal?”	80
Figura 43 : Questão “Como avalia a sua convivência com portugueses?”	80
Figura 44 : Distribuição dos inquiridos por grau de ensino em Portugal.....	82
Figura 45 : Distribuição dos inquiridos por curso	83
Figura 46 : Questão “Há quanto tempo estuda em Portugal?”	84
Figura 47 : Grau de satisfação dos estudantes relativamente à educação em Portugal	85
Figura 48 : Questão “Há colegas portugueses na sua turma?”	86
Figura 49 : Questão “Costuma estudar com os portugueses?”	86
Figura 50 : Questão “Participou em alguma atividade realizada pela/na sua universidade?”	87
Figura 51 : Questão “Gosta de participar nas festas organizadas pela/na universidade?”	88
Figura 52 : Questão “Quer continuar a estudar mais tempo em Portugal no futuro?”	88
Figura 53 : Questão “Por que motivos escolheu trabalhar em Portugal?”	89
Figura 54 : Distribuição dos inquiridos por área em que trabalham	90
Figura 55 : Distribuição dos inquiridos por há quanto tempo trabalha em Portugal.....	91

Figura 56 : Questão “A sua chefia é chinesa ou portuguesa?”	91
Figura 57 : Questão “Como encontrou o presente trabalho?”	92
Figura 58 : Questão “Há colaboradores portugueses no seu local do trabalho?”	93
Figura 59 : Questão “Se respondeu “Não” na questão anterior, gostaria de trabalhar com portugueses?”	93
Figura 60 : Questão “Se respondeu ‘Sim’ na questão anterior, sente-se próximo dos seus colegas de trabalho portugueses?”	94
Figura 61 : Questão “Gostaria de desenvolver a sua carreira a longo prazo em Portugal?” ...	94
Figura 62 : Distribuição dos inquiridos por depois de ter título de residência permanente, pensará trabalhar noutros países europeus	95
Figura 63 : Distribuição dos inquiridos pelo período temporal em que investem em Portugal	97
Figura 64 : Questão “Pretende expandir os seus negócios/ o seu investimento em Portugal?”	97
Figura 65 : Questão “A maioria dos seus empregados são chineses ou portugueses?”	98
Figura 66 : Questão “No caso de ter funcionários portugueses, aplica formas de gestão chinesas ou portuguesas?”	98
Figura 67 : Distribuição dos inquiridos por prefere recrutar chineses ou portugueses	99
Figura 68 : Questão “Arrepende-se de ter investido em Portugal?”	100
Figura 69 : Distribuição dos inquiridos por pensar alargar o seu investimento a outros países	101
Figura 70 : Autoavaliação do processo de adaptação à cultura, à língua e à sociedade, do acolhimento e da convivência com os portugueses	108

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 : As três fases da emigração chinesa.....	16
Tabela 2 : Evolução numérica da população chinesa a residir em Portugal.....	21
Tabela 3 : As sete dimensões culturais segundo Trompenaars e Hampden-Turner.....	34
Tabela 4 : Os aspetos que mais divergem entre a ideia inicialmente preconcebida e a realidade encontrada	76
Tabela 5 : Questão “Com que finalidade solicitou Visto Gold?”	95
Tabela 6 : Questão “Em que área investe em Portugal?”	96
Tabela 7 : Razão de investimento em Portugal	99
Tabela 8 : Vantagens de investir em Portugal comparando com outros países	100
Tabela 9 : Distribuição de imigrantes chineses em Portugal em 2017 por distrito: os 10 distritos com comunidades mais expressivas.....	113

Introdução

Ao longo das últimas três décadas, a comunidade chinesa residente em Portugal tem vindo a crescer de forma consistente, com particular intensidade a partir do início da década de 2000. De acordo com dados oficiais, em 2018 o número de chineses com estatuto legal de residente era de aproximadamente 25.000, valor que contrasta de forma significativa com os cerca de 3.000 residentes registados no início do milénio (PORDATA, 2019).

Esta evolução resultará do contexto socioeconómico em que vivemos, marcado pela globalização e internacionalização dos mercados, contexto que tem favorecido o investimento e o comércio entre a China e Portugal, os quais se têm tornado cada vez mais relevantes (Casaburi, 2018). Contribuíram para esta dinâmica não apenas as iniciativas do presidente chinês Xi Jinping com vista ao desenvolvimento das relações bilaterais entre os dois países, como também a implementação da Autorização de Residência para Atividade de Investimento em Portugal, medida que tem atraído um grande número de investidores chineses.

A revitalização económica e cultural da China a que assistimos atualmente, assim como o aumento do fluxo dos emigrantes e do investimento externo chinês, justifica que se aprofundem os motivos da escolha de Portugal como destino de emigração quer para trabalhar e residir, quer para investir ou estudar. Importa assinalar e compreender os problemas e as dificuldades encontrados ao nível da comunicação e convivência entre os dois povos e, ainda, compreender o impacto da crescente comunidade chinesa na sociedade portuguesa.

O presente estudo propõe-se, assim, a estudar a evolução da emigração chinesa em Portugal e caracterizar uma comunidade em si tão diversa, uma vez que inclui grupos provenientes de diferentes geografias e de contextos socioeconómicos e culturais bastante distintos. Pretende-se ainda analisar os fatores que, na atualidade, subjazem à escolha de Portugal como destino de emigração e caracterizar três grupos

específicos de migrantes: i) os estudantes em mobilidade internacional, ii) os sujeitos que emigraram por motivos económicos (normalmente, empregados no setor dos serviços) e iii) os sujeitos qualificados que procuram Portugal para investir.

Para além de uma revisão da literatura, esta caracterização será também ancorada num estudo elaborado a partir de um questionário a realizar na comunidade chinesa residente em Portugal.

Partindo da premissa de que uma comunicação eficaz é fundamental para a compreensão das diferenças culturais e elemento facilitador ao processo de integração social, o presente estudo pretende ainda explorar e comparar os padrões comunicacionais e culturais dos dois países e, a partir daí, identificar potenciais problemas ou desafios no que toca ao diálogo intercultural.

No que diz respeito à metodologia adotada para a realização do trabalho, levou-se a cabo pesquisa bibliográfica, em fontes diversas, com o objetivo de reunir informações necessárias para o enquadramento teórico da temática em estudo. Analisaram-se igualmente dados divulgados por agências e organismos internacionais e, ainda, por organismos oficiais e governamentais da China e de Portugal. Por fim, procedeu-se à elaboração e tratamento de um inquérito com carácter descritivo e explicativo realizado junto de uma amostra da comunidade chinesa que estuda, trabalha e investiu em Portugal. A partir da análise dos dados obtidos foi possível identificar relações e padrões entre os vários elementos/variáveis.

No que concerne à sua estrutura, a presente dissertação divide-se em quatro partes, seguidas de uma conclusão, referências bibliográficas e anexos. O primeiro capítulo debruça-se sobre a questão da evolução socioeconómica da China e da evolução da migração chinesa, em particular, para Portugal. De seguida, no segundo capítulo, analisa-se o lugar da cultura nos processos de comunicação e de adaptação das comunidades imigrantes, estudando-se o papel da cultura em várias dimensões e a sua importância no processo de adaptação cultural com base em modelos de análise de autores como Edward T. Hall, Fons Trompenaars, Geert Hofstede, Young Yun Kim, John Widdup Berry, entre outros. No terceiro capítulo apresenta-se a questão do

processo de adaptação intercultural e integração, tendo por base um estudo realizado a partir de um questionário aplicado a chineses a residir em Portugal. O último capítulo reflete sobre os resultados do questionário, relacionando-os com o papel central da cultura nos processos de comunicação e de adaptação da comunidade chinesa em Portugal.

Capítulo 1 - Chineses pelo mundo

1.1. Evolução socioeconómica da China: a abertura ao mundo

Atualmente, a China é a segunda maior potência económica do mundo (Silver, 2020), considerando-se que na próxima década provavelmente ultrapasse os EUA ultrapassando, assim, a primeira potência económica mundial (Zilber, 2019). Todavia, a evolução socioeconómica da China não teve um percurso fácil. No último século, antes da implementação da política de Reforma e Abertura e devido a uma série de revoluções e perturbações, a economia da China encontrava-se em situação de depressão. Após o início deste processo de abertura pela mão de Deng Xiaoping, líder político da República entre 1978 e 1992, uma sucessão de transformações foram realizadas, estabelecendo a política de Reforma e Abertura o ponto de viragem do desenvolvimento de economia (Mühlhahn, 2019).

O lançamento das políticas de Reforma e Abertura assume-se, assim, como um ponto de viragem na história chinesa. Antes de Reforma e Abertura, a China sofreu uma Revolução Cultural entre os anos de 1966 e 1976, durante a qual a economia urbana foi destruída e a produção industrial caiu profundamente (Lieberthal, 2020). A Revolução Cultural é uma revolução proletária lançada por Mao Tsé Tung, o fundador da República Popular da China. De acordo com Pinto (2017), depois de conseguir o controle do Politburo (Escritório político do Comité Central do Partido Comunista da Rússia criado em 1917) e de afastar os elementos que não lhe eram fiéis, Mao lançou uma série de apelos às bases do Partido, nomeadamente os Guardas Vermelhos e os jovens, no sentido de expurgar a China do que considerava serem os restos do feudalismo e da burguesia. Nos meses seguintes, foi elaborado um programa de eliminação dos chamados “4 velhos” de que padecia a China: as velhas ideias, a velha cultura, os velhos costumes e os velhos hábitos. Isto traduziu-se no assalto e destruição sistemática do património cultural do país, nomeadamente através da

queima de livros, destruição de obras de arte, mobiliário e edifícios e, ainda, a perseguição a artistas, intelectuais e professores. A Revolução Cultural, apesar de ter abrandado ao fim de algum tempo, prolongou-se por cerca de 10 anos, uma vez que só terminou oficialmente após a morte de Mao, em 1976.

De acordo com Carvalho (2019), no ano de 1978, a economia chinesa entrou em colapso após a controvertida Revolução Cultural. A morte de Mao Tsé Tung, dois anos antes, mergulhara o Partido Comunista da China num período de incertezas devido às disputas internas pelo poder e pela orientação política a ser dada para o futuro. No meio deste contexto, a figura de destaque foi Deng Xiaoping. Após assumir a liderança do Partido, Deng defendeu uma política de reforma e abertura com o objetivo de modernizar o país. O plano de modernização baseava-se, principalmente, na atração de investimentos estrangeiros. No âmbito da política externa, a China procurava equilibrar-se entre as duas superpotências da época, os Estados Unidos e a União Soviética, sem se alinhar a qualquer uma delas. O que prevalecia era o esforço concentrado na defesa do interesse nacional identificado com o crescimento económico.

A abertura da China favoreceu muitas empresas a conseguirem entrar no mercado chinês e também numerosas empresas chinesas a explorarem o mercado estrangeiro. Na altura, particularmente no litoral, nasceram as primeiras zonas económicas especiais (Figura 1) como Shenzhen, Zhuhai, Shantou, Xiamen (Song, 2009), as quais desempenham o papel articulador da comunicação entre a China e o estrangeiro.

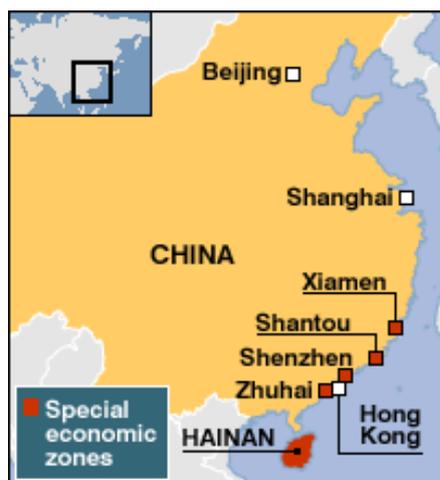


Figura 1: Zonas económicas especiais

Fonte: <http://pascalhistory12.weebly.com/special-economic-zones.html>

Em 2018, quando se celebraram os 40 anos de Reforma e Abertura, no Sítio Oficial do Governo Central Chinês, Hu (2018), professor da Universidade de Tsinghua, voltou a sublinhar que a política Reforma e Abertura é um caminho de inclusão e uma estratégia com benefícios para todos. Ele acrescentou que a globalização económica é uma tendência contemporânea. No 19º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, o presidente Xi enfatizou que a China deve continuar a sua política base de Abertura ao mundo e insistiu que se deve abrir a porta do país para o desenvolvimento.

De acordo com o *Livro Branco* (um documento oficial publicado pelo Governo), publicado no Sítio Oficial do Governo Central Chinês (2019), em 2001, a China juntou-se à Organização Mundial do Comércio (OMC) para participar de forma mais aprofundada no processo de comunicação e cooperação económicas internacionais. A China é uma China do mundo; o seu desenvolvimento assenta na conexão entre a China e o mundo. Desde os primórdios da sua fundação, a República Popular da China tem procurado quebrar os embargos externos, aprofundando a comunicação com o mundo tanto no âmbito do comércio como da cultura, entre outros. Após a Reforma e Abertura, a China desenvolveu-se, pois, ativamente seguindo as tendências da globalização, reforçando a sua política base de Reforma e Abertura, abrindo a porta do país para o desenvolvimento, abraçando o mundo, aprendendo com ele e dando o

seu contributo de forma positiva.

No mesmo *Livro Branco* também é mencionado que, após as políticas de abertura, a China está com maior vitalidade. Cada vez mais países assinam protocolos de cooperação com a China, cada vez mais empresas internacionais investem na China e cada vez mais estrangeiros vêm estudar e viajar para a China. Durante 1978 e 2018, a China atraiu um investimento estrangeiro direto não financeiro acumulado de 20.343 bilhões de dólares. O número das empresas fundadas com investimento estrangeiro ascendeu a cerca de 1 milhão. Em 2018, 492 mil alunos estrangeiros estudaram na China. Integrada na OMC, a China participou no melhoramento da qualidade e aceleração da globalização económica. Durante 2001 e 2008, o volume do comércio de carga evoluiu de 2.436 mil milhões de dólares para 21.358 bilhões de dólares, com um aumento anual em média a alcançar 13,6%, mais 6,8% que a média global. Nas últimas décadas, graças ao sucesso das políticas de Reformas e Abertura, a China estabeleceu a primeira Zona Piloto de Comércio Livre em Xangai, em 2013. Nos anos seguintes, estas Zonas Piloto expandiram-se no país (“China busca abertura e reformas”, 2018).

Em suma, o caminho para o desenvolvimento da China tem sido difícil ao longo das últimas décadas, não só devido a conflitos ideológicos e políticas governamentais nem sempre adequadas, mas também graças a uma evolução socioeconómica que tem evoluído de forma lenta. Com a reforma dentro do país e a abertura para o mundo, a China procura mais cooperações e conexões com o resto do mundo, ao mesmo tempo que aprofunda a Reforma e Abertura para poder acompanhar a tendência atual de globalização.

1.2. Relacionamento bilateral Portugal-China

O relacionamento bilateral Portugal-China tem uma história mais longa do que a maioria dos países do mundo. Desde o ano de 1513, quando Jorge Álvares chegou à China, deu-se o primeiro contacto direto entre o povo português e o povo chinês. Em 1554 as relações comerciais são juridicamente estabelecidas entre Leonel de Sousa e o

governo de Cantão. Em 1557 o acordo estende-se a Macau onde os portugueses passam a deter um entreposto comercial permanente (Duarte, 2017). Com o decorrer do tempo, o relacionamento bilateral Portugal-China deteriorou-se particularmente quando Macau se converteu numa colónia portuguesa. Segundo Carvalho (2018), Portugal interrompeu as relações diplomáticas com a China comunista em 1949 e Salazar nunca reconheceu qualquer legitimidade à República Popular da China. No entanto, em 1975, o governo liderado por Vasco Gonçalves mostrou-se disponível para recomeçar as ligações diplomáticas entre os dois países.

De acordo com o Sítio Oficial de Embaixada de Portugal em Pequim (2020), a visita a Portugal do Presidente Li Xiannian, em novembro de 1984, constituiu um momento histórico ao ser a primeira de um Chefe de Estado chinês. No ano seguinte, o seu homólogo Gen. Ramalho Eanes visitou a China. Em 1999, realizou-se a transferência da soberania de Macau para a República Popular da China e estabeleceu-se a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Em 2003, a pujança económica da China convida Portugal a uma nova dedicação às relações, por força de iniciativas como a criação do Fórum para Cooperação Económica e Comercial com os Países de Língua Portuguesa de Macau (Fórum Macau). Em 2005, foi formalizada uma Parceria Estratégica Global entre Portugal e a China e foram ainda assinados protocolos de cooperação nas áreas da Saúde, Justiça, e diversos acordos empresariais. Em 2006, Portugal reabre o seu Consulado Geral em Xangai e envia três delegados da AICEP - Associação Internacional das Comunicações de Expressão Portuguesa para a China, (Pequim, Xangai e Macau). Em 2016, Portugal estabelece seis novos centros de solicitação de vistos na China, com localização em Fuzhou, Guangzhou, Shenyang, Wuhan, Chengdu, Nanjing.

Em 2005, no âmbito da visita de Estado do Presidente Jorge Sampaio à China, é criado um Conselho Empresarial, assinado um Acordo de Cooperação Económica e celebrado um importante Acordo sobre o Reconhecimento de Graus Académicos e Períodos de Estudo no Estrangeiro (Sítio Oficial da Embaixada de Portugal em Pequim, 2020). O cada vez melhor relacionamento entre os dois países e o aumento

de parcerias estratégicas conduziu ao atual funcionamento de vários cursos de Português nas Universidades chinesas. Nos últimos anos, subiu de três para quarenta o número de universidades com ensino da língua portuguesa (Página Oficial da Presidência da República Portuguesa, 2019¹). Depois da visita do presidente chinês Xi em dezembro de 2018, entre os instrumentos bilaterais para assinatura, constam os acordos para o estabelecimento do Instituto Confúcio na Universidade do Porto e o estabelecimento de um Centro de Estudos Chineses na Universidade de Coimbra. A extensão do estudo das línguas portuguesa e chinesa e a disseminação das duas culturas são evidências da melhoria das relações Portugal-China. O relacionamento bilateral Portugal-China revela-se num vetor positivo e os institutos fundados, que visam divulgar as línguas e culturas, permitem um conhecimento mútuo e a criação de laços de amizade, o que também propicia uma melhor integração dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa.

Através do desenvolvimento saudável do relacionamento Portugal-China, apresentam-se também as suas culturas por várias vias. Em 2017, antes da celebração do Novo Ano Chinês, um gigante galo de Barcelos, o Pop Galo, partiu, de Lisboa, rumo à China. A obra de Joana Vasconcelos que conta com dez metros de altura, 3,5 toneladas de peso, nove quilómetros de cabos, cerca de 16 mil LED, vem à China celebrar o Ano do Galo (Sítio Oficial da Embaixada de Portugal em Pequim, 2020). Em 2019, o galo de Barcelos entrou na televisão de animação chinesa e, de acordo com um comunicado emitido pela estação, numa série que pretende integrar elementos característicos e as culturas da China e de Portugal. A personagem interpretada pelo galo de Barcelos é descrita como um animal popular e auspicioso e a mascote de Portugal, que na história, aparece a jogar futebol e o seu avô que toca guitarra portuguesa (Ânia, 2019). Em 2019, realizou-se a abertura do Festival de Cultura Portuguesa na China na Cidade Proibida em Pequim quando se celebraram os 40 anos de restabelecimento das relações diplomáticas. O concerto marcou o início de um ano de intensas trocas culturais entre os dois países e assinalou a primeira vez que as autoridades chinesas abriram as portas da Cidade Proibida a um evento musical estrangeiro, o que exprime a solidez e o dinamismo das relações sino-portuguesas

(Página Oficial da Presidência da República Portuguesa, 2019²). Por intermédio da divulgação de conhecimento das culturas, proporcionam-se mais contactos culturais que auxiliam a chamar a atenção dos não só cidadãos, mas também dos investidores.

Com a disposição para a abertura da China a Portugal, registam-se ainda mais categorias de comércio entre os dois países. De acordo com a Página Oficial da Presidência da República Portuguesa (2019³), em 20 de setembro de 2019 foi aberto o mercado chinês à exportação da uva da mesa produzida em Portugal. Trata-se do primeiro acordo fitossanitário conseguido com as autoridades chinesas, abrindo-se mais uma oportunidade de crescimento para o setor hortofrutícola nacional. Para o Secretário de Estado da Agricultura e Alimentação, Luís Medeiros Vieira, “esta é uma excelente notícia para o setor hortofrutícola nacional, cujas exportações têm vindo a registar uma trajetória ascendente muito consistente”. Medeiros Vieira cita os números recentes: “até ao mês de julho, em 2019, as exportações do setor hortofrutícola ultrapassaram já os 900 milhões de euros, valor que corresponde a um crescimento de 11% face ao período homólogo”. “O mercado chinês, que este Governo abriu para a carne de porco, é um mercado de extrema exigência, mas de uma dimensão relevantíssima, capaz de fazer a diferença para muitos produtores nacionais”, acrescentou o governante.

Em conclusão, o relacionamento bilateral Portugal-China entrou numa nova era nas últimas décadas e a comunicação encontra-se cada vez mais intensificada. Ambos os governos depositam confiança um no outro e têm vontade de explorar cada vez mais formas de comunicação e investimento entre si.

1.3. Investimento chinês em Portugal

Portugal é o país onde o investimento chinês assume o maior peso na economia nacional (Almeida, 2017). A influência do capital chinês na economia cresceu e o interesse da China em Portugal e a influência do capital chinês nas principais empresas portuguesas cotadas na bolsa tem crescido nos últimos anos (Lopes, 2018).

O investimento chinês em Portugal é mais notório em setores como a banca, energia e seguros (“O TOP3”, 2019). Registam-se igualmente outros tipos de investimento chinês que chamam progressivamente a atenção nos últimos anos como o imobiliário, turismo, infraestruturas, ciência e etc. Com a gradual entrada dos imigrantes chineses em Portugal, os géneros de atividades profissionais ou de investimento demonstram uma grande diversificação no investimento chinês. Para a China, Portugal não é apenas um país que capta muito interesse para o investimento, mas também uma porta para divulgar a sua influência no mercado da comunidade dos países de língua portuguesa. Como um parceiro estratégico preferencial da China, aprender português torna-se um novo tipo de investimento na educação nas universidades chinesas, ou seja, uma estratégia preparada para preparar mais bilingues que falem português e mandarim para servirem as negociações, já que os falantes das duas línguas são muito procurados no mercado de trabalho chinês.

1.3.1. Investimento da China em Portugal e a sua expansão

Considera-se que o desenvolvimento do investimento chinês no mercado português remonta ao ano 2005. Com a visita do primeiro ministro chinês Wen Jiabao a Portugal, formalizou-se uma relação de parceria estratégica com Portugal como sendo um dos países preferenciais para a China (Página Oficial de Embaixada de Portugal em Pequim, 2020).

Em 2012, a primeira empresa chinesa China Three Gorges (CTG) tomou a decisão de investir em Portugal através da aquisição da Empresa de Energias de Portugal (EDP) por 2.690 milhões de euros (21,35% do total da empresa). Em 2018, sob o comando de Lu Chun, a empresa reforçou a sua posição e comprou mais 1,9% da empresa, traduzidos em 208 milhões de euros, elevando, assim, a sua participação para 23,3% (“O TOP3”, 2019). Na privatização da REN (Redes Energéticas Nacionais), a Sate Gird adquiriu 25% da gestora de infraestruturas, por 387 milhões de euros (Sítio Oficial da Embaixada de Portugal em Pequim, 2020).

Em 2014, a Fosun, com os apoios de bancos estatais chineses, comprou 80% da

maior seguradora portuguesa, a Fidelidade. Mais tarde, o capital subiu para 85% e em 2016, a empresa voltou a apostar e comprou, por 175 milhões de euros, 16,7% do BCP, assumindo-se como o maior acionista do grupo (“O TOP3”, 2019).

Além do investimento como a compra de empresas portuguesas pelas grandes empresas chinesas em Portugal, notam-se sucessivamente mais tipos de investimento chinês em setores diferenciados. Na área de ciência, por exemplo, em 2019 a China e Portugal criaram um laboratório tecnológico direcionado para a construção de microssatélites e observação dos oceanos, a funcionar em Peniche e Matosinhos. O laboratório STARLab encontra-se a funcionar em pleno desde março de 2019, e implicará um investimento global de 50 milhões de euros a cinco anos, repartido em partes iguais entre Portugal e a China. O Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, afirmou que a iniciativa irá fortalecer uma parceria de longo prazo entre a China e Portugal nas áreas da Ciência e Tecnologia, passando a ser uma entidade de referência na Europa, de colaboração com a Academia de Ciências Chinesa, parceira deste projeto (Página Oficial da Presidência da República Portuguesa, 2018).

Simultaneamente, com a tendência de entrada chinesa no mercado português, as empresas chinesas ganham também novas oportunidades de negócio em Portugal. Os chineses da CRRC Tangshan ganharam o concurso internacional para o fornecimento de 18 comboios ao Metro do Porto num contrato no valor de 49.6 milhões de euros totalmente financiados pelo Fundo Ambiental do Ministério do Ambiente, destacando a Metro do Porto que o valor do contrato representa uma redução de 6.5 milhões de euros face ao investimento inicialmente previsto (“Os chineses da CRRC”, 2019).

1.3.2. Investimento chinês através do programa Vistos Gold

A Autorização de Residência para Atividade de Investimento (ARI), mais conhecida como o Visto Gold, entrou em vigor em 2012. Desde o seu lançamento, este programa já atraiu muitos investidores estrangeiros, em particular, os investidores chineses (Almeida, 2017).

Desde o início do programa e até 2017, que já se legalizaram 11.461 estrangeiros, na sua maioria chineses (Neves, 2017). De acordo com dados do Serviço de Estrangeiro e Fronteiras (SEF), nos primeiros nove meses do ano de 2019 o investimento proveniente da China por via de ARI atingiu os 180 milhões de euros (menos 11% em termos homólogos dos 203 milhões atingidos no ano anterior) (“Visto Gold: Investimento chinês”, 2019).

Segundo informação veiculada pela RTP (2020), com a nova proposta de alteração do regime das ARI pretende-se aliviar a pressão do mercado imobiliário em zonas como Lisboa e o Porto, através da extinção da possibilidade de obtenção de um Visto Gold através de investimento em imobiliário nestas zonas, assim como também nas Comunidades Intermunicipais do Litoral. Isto é, no futuro, é possível que se registem menos investidores chineses a aderir a este programa, uma vez que Lisboa e o Porto são as duas cidades onde residem mais imigrantes chineses e os chineses gostam de viver perto da sua comunidade. Também poderá existir a hipótese que com a limitação de escolha de Lisboa e do Porto os investidores chineses procurem outras zonas para investimento, o que poderá conduzir a um novo panorama de distribuição de população chinesa em Portugal.

1.4. Evolução e principais destinos migratórios: do século XIX à atualidade

A evolução das migrações chinesas tem uma longa história. Sempre que se praticou vaga migratória, terá sido por razões socioeconómicas heterogéneas. No século XIX, o ambiente internacional deu origem a uma nova vaga migratória. De acordo com Zhuang (2015), nos meados do século XIX, após a Revolução Industrial, quando as potências ocidentais repartiram as colónias pelo mundo, abriram numa grande escala as plantações, construíram ferrovias, estradas e canais e exploraram minerais, que conduziu a uma tremenda necessidade de mão-de-obra. A proibição do comércio de escravos negros, no início do século XIX, resultou na carência de mão de obra. Por este motivo, a mão de obra não qualificada chinesa veio substituir os escravos negros. As duas Guerras do Ópio (Guerras contra a imposição do comércio

de ópio da Britânia para a China) obrigaram a Dinastia Qing (1644-1912) a abrir portos para comércios, permitindo aos poderes das potências ocidentais o recrutamento de mão de obra na China. Desde o século XVIII a meados do século XIX, a população chinesa cresceu de 100 milhões para cerca de 400 milhões, o que gerou uma mão de obra excessiva. Tendo as migrações interiores e exteriores ocorrido em simultâneo, durante esta época, no total, houve quase 5 milhões de trabalhadores chineses que foram traficados e enviados para o estrangeiro. Destes, cerca de 2 milhões de chineses foram enviados para as plantações e minas no sudeste da Ásia.

Desde o final do século XIX e até meados do século XX, a América do Norte, a Europa, a Austrália e a América Latina, exceto as regiões do sudeste da Ásia, restringiram a entrada e residência de imigrantes chineses e o número dos chineses locais no exterior diminuiu. O governo Qing e o governo nos primeiros anos da República da China (1912-1949) reprimiram severamente o tráfico de mão de obra; portanto, do início do século XX e até a metade do século XX, a vaga migratória chinesa foi dominada por emigrantes livres, tendo a maioria migrado para o sudeste asiático. Durante esse período, nas regiões do sudeste da Ásia, o desenvolvimento da indústria de transporte, indústria naval, indústria da extração de minério, indústria de processamento e indústria de plantio tiveram um grande avanço. As empresas chinesas envolvidas, principalmente no comércio, também entraram no campo industrial nas décadas de 1920 e 1930. As várias empresas de chineses no exterior fizeram progressos rápidos, atraindo mais imigrantes chineses. Durante a Primeira Guerra Mundial, mais de 200 mil de trabalhadores chineses migraram para a Europa para se dedicarem a serviços de mão de obra em tempo de guerra, tendo alguns deles se fixado em lugares que se viriam a tornar no berço das *Chinatowns* europeias.

A segunda vaga migratória chinesa é a continuação da primeira vaga migratória. Milhões de chineses emigraram para, na sua grande maioria, se fixarem no sudeste da Ásia. Em simultâneo, algumas centenas de milhares de emigrantes chineses deslocaram-se para a América, África e Austrália. As províncias chinesas com maior taxa de emigração foram Cantão e Fujian, cujos emigrantes representavam mais de

90% dos emigrantes chineses no total. No início dos anos 50 do século XX, mais de 11 milhões de emigrantes chineses viviam no sudeste da Ásia e mais de 1 milhão de chineses se haviam espalhado por outras regiões do mundo.

Desde a década de 1950 e até ao final da década de 1970, a vaga migratória chinesa que durou centenas de anos foi basicamente interrompida. Durante a Guerra Fria, o movimento anticomunista no Ocidente associou os emigrantes chineses ao socialismo e à ameaça vermelha chinesa. A maioria dos países onde se haviam estabelecido chineses adotou políticas que restringiram e excluíram os chineses em múltiplos aspetos. Ao mesmo tempo, não permitiram mais a entrada de emigrantes chineses da China continental. Na China, naquela altura, controlou-se rigorosamente a migração doméstica e não era permitida a emigração para o exterior.

Depois do lançamento da política de Reforma e Abertura, os chineses obtiveram mais liberdade de migração. De acordo com Lin e Chen (2014), desde a Reforma e Abertura, a evolução das emigrações chinesas pode ser dividida em 3 fases:

Na primeira fase, iniciada a partir do lançamento da Reforma e Abertura, muitos chineses com relações com o exterior saíram do país com objetivo de reunião ou emigração. Além disso, também existiram muitos estudantes que foram para o estrangeiro para um estudo mais profundo. A segunda fase começou no início dos anos 90 do século passado, quando muitos países desenvolvidos começaram a absorver emigrantes qualificados chineses. A terceira fase é a vaga migratória do século XXI que está a ocorrer neste momento, cuja peculiaridade é que os emigrantes são principalmente elites, incluindo muitos emigrantes de investimento, emigrantes qualificados, bem como um grande número de estudantes internacionais.

Na tabela 1 apresenta-se um resumo das três fases das emigrações chinesas desde o início do processo de Reforma e Abertura e as suas principais características.

Tabela 1: As três fases da emigração chinesa
 Fonte: Elaboração própria, a partir de Lin e Chen (2014)

	Primeira fase	Segunda fase	Terceira fase
Tempo	Desde o fim dos anos 70 até ao fim dos anos 80 do século XX	Desde o fim dos anos 90 até ao fim do século XX	Desde o século XXI até à atualidade
Destinos	Ásia do Sudeste, o Ocidente e Hong Kong	EUA, Austrália, Canadá e os países do leste europeu	Novos países emigrantes
Tipos de emigração	Mão de obra não qualificada, estudantes e refugiados	Mão de obra qualificada e estudantes	Elites

Hoje em dia, sob a tendência de globalização e internacionalização, o fenómeno de migrações torna-se cada vez mais evidente. Em simultâneo, e por norma devido a conflitos religiosos e perseguições políticas, os refugiados são também uma parte importante das migrações. Os emigrantes, na sua esmagadora maioria, partem dos seus países em busca de melhores condições e qualidade de vida. De acordo com o relatório publicado pela Organização Internacional para as Migrações (2020, p.19), estima-se uma existência de aproximadamente 272 milhões de emigrantes em todo o mundo em 2019, número que corresponde a 3,5% da população mundial.

A China, como o país que tem a maior população do mundo, ocupa um lugar notável nas migrações internacionais. De acordo com o relatório IOM (2020, p.71) e como mostrado na Figura 2, a China é o país asiático, o segundo em relação à Índia, que tem o maior número absoluto de emigrantes que vivem no estrangeiro. No entanto, essa população constitui uma porção pequena da população total da China. Os

emigrantes da China constituem-se na terceira posição de terceira maior população de emigrantes nascidos no estrangeiro, no mundo, a seguir à Índia e México. Cerca de 3 milhões de emigrantes chineses nascidos na China residem nos EUA (Figura 3).

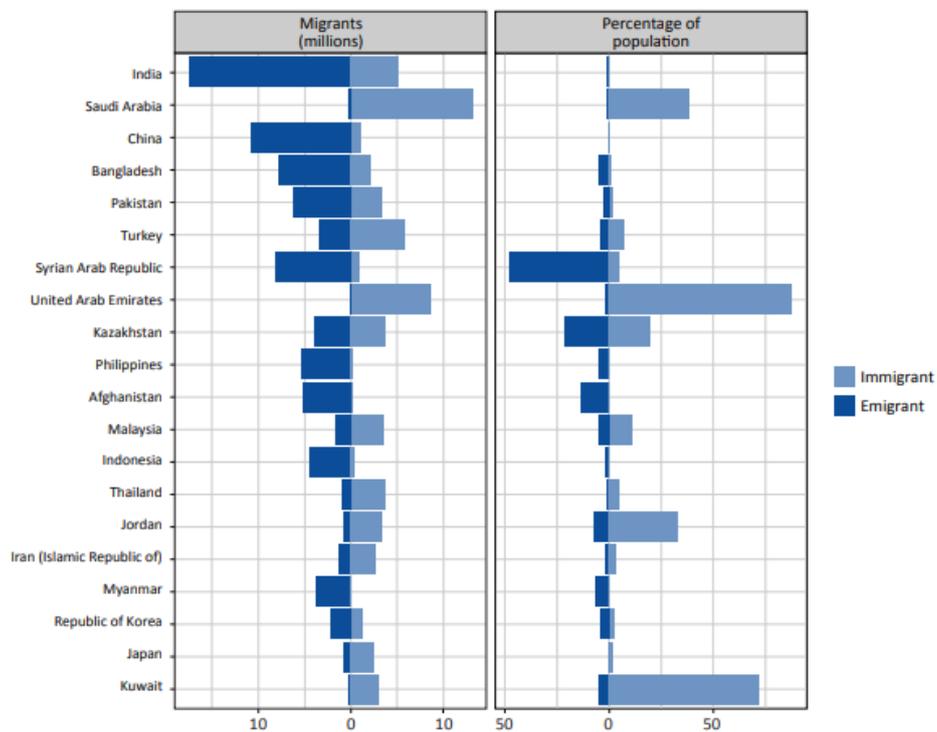


Figura 2: Top 20 dos países migrantes asiáticos em 2019

Fonte: UN DESA, 2019^a

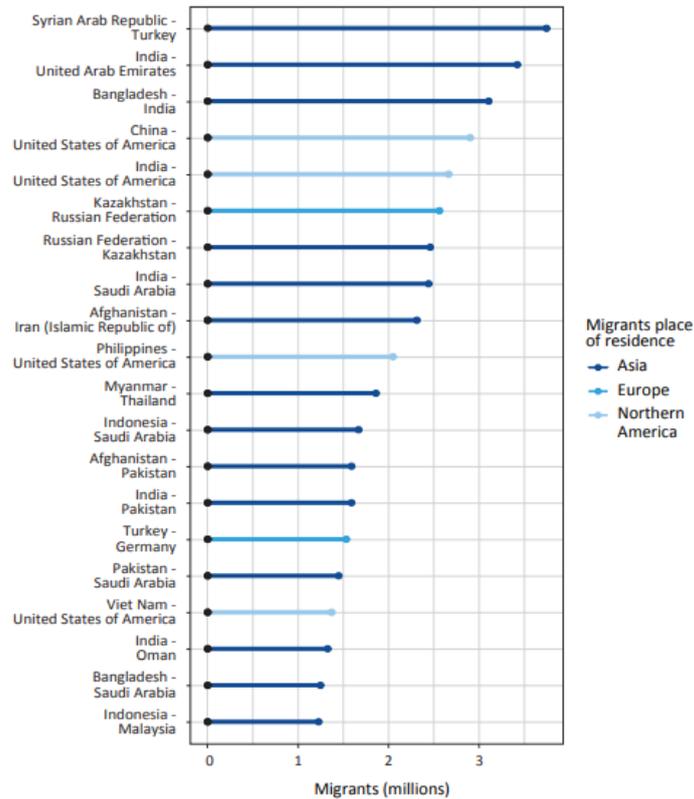


Figura 3: Top 20 do corredor de migração de países asiáticos em 2019

Fonte: UN DESA, 2019^a

Em suma, à conta dos fatores históricos e evolução socioeconômica e política, as trajetórias das emigrações chinesas são variadas e têm contribuído para a distribuição dos emigrantes chineses um pouco por todo o mundo. Com o decorrer do tempo, desenvolvem-se preferências por novos destino de emigração e a abertura da China ao mundo através de novas políticas conduziu a novas vagas migratórias. De acordo com o Migration Policy Institute (2017), a distribuição dos chineses pelo mundo é a que se pode observar na Figura 4:

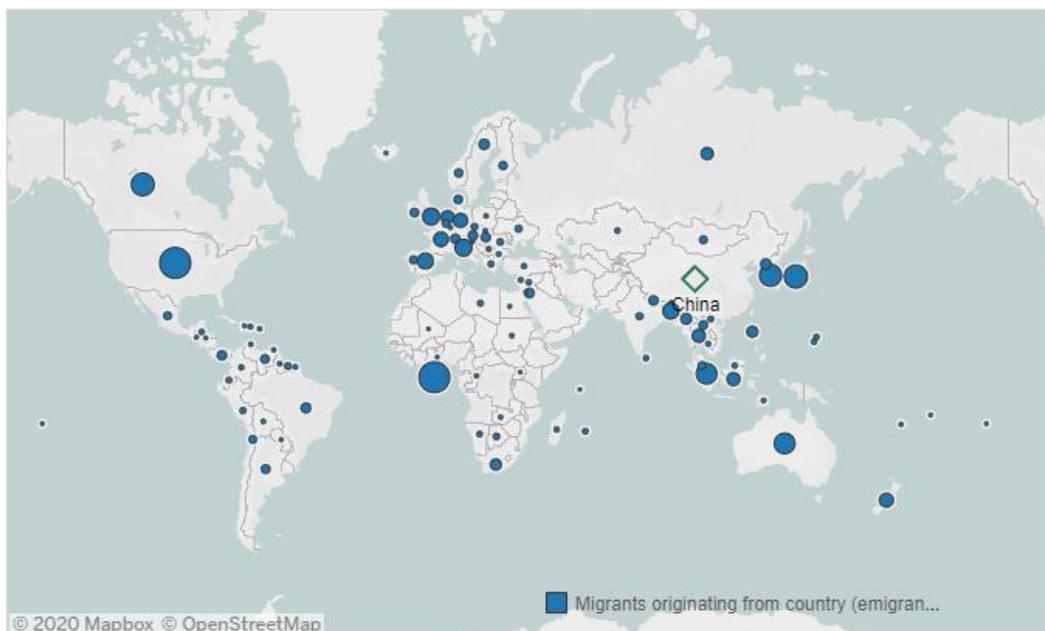


Figura 4: Estimativa da população imigrante e emigrante segundo o país de origem e de destino em meados de 2017

Fonte: Migration Policy Institute (2017).

1.5. Evolução da imigração chinesa em Portugal

Não é fácil caracterizar o trajeto inicial dos chineses por Portugal. De acordo com Matias (2007, p.47), os primeiros chineses chegaram a Portugal, alegadamente viajando em barcos a vapor, em embarcações mistas de carga e passageiros, tendo como objetivo ir para outros destinos europeus, tais como a França, a Itália e a Holanda. Um estudo da Universidade Portuguesa revela a falta de dados registados da presença dos primeiros imigrantes chineses, na década de 20, do século XX. Outros estudos revelam a existência de notícias não confirmadas da presença dos primeiros produtos na área do Porto, desde a Idade Média, no século XV, mas não existem notícias em relação a imigrantes chineses. Segundo o mesmo estudo, não se sabe ao certo quando chegou o primeiro chinês à região norte, contudo, sabemos que através de registos dos anos 1921 e 1922 do Arquivo do Governo Civil do Porto, que a primeira comunidade chinesa se instalou na área do Porto na segunda metade do século XX.

Com uma representação residual na sociedade portuguesa, a influência chinesa

era pois muito reduzida. No último século, após a Reforma e Abertura da China, o estabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e a China, em 1979, proporcionou um aumento do fluxo migratório e Portugal conseguiu ser uma opção para aqueles que querem emigrar da China para um outro país à procura de melhor qualidade e condições de vida. Desde os anos 70 até aos anos 90 do século XX, o número de chineses cresceu em Portugal, de norte a sul do país (Matias, 2007, p.89).

Segundo Matias (2007, p.91), a instabilidade política chinesa dos anos 70 deu origem a migrações para vários países da Europa, e a partir dos anos 80 deu-se uma nova vaga de imigração chinesa. Este novo movimento poderá ter relação com as políticas restritivas de emigração chinesas. Nos anos 80 deu-se o início de outra era e na vaga que se seguiu, deram entrada em Portugal imigrantes oriundos de diversos pontos da China e em muito maior número, assinalando a era transnacional. A intensidade da vaga migratória até aos anos 90 está interligada com as alterações surgidas em Hong Kong e Macau, com as transferências de soberania de Inglaterra e Portugal, respetivamente, para a administração chinesa, mas também devido à continuidade do fluxo migratório anterior. Durante este período, chegaram a Portugal também os imigrantes chineses oriundos de Moçambique depois da descolonização (Matias, 2007, p.87).

Desde 2012, quando foi lançado o programa dos Vistos Gold, regista-se uma nova vaga migratória chinesa para Portugal. Atualmente, com o crescimento da comunidade chinesa em Portugal, são necessários mais trabalhadores dentro da comunidade. No entanto, perante a barreira da língua e das diferenças culturais, os empregadores chineses preferem recrutar trabalhadores chineses, o que propicia um aumento da vinda de mais chineses para Portugal.

Como Portugal é considerado um parceiro estratégico para a China, com o estabelecimento de cursos de português cada vez mais populares nas universidades chinesas, chegam todos os anos a Portugal estudantes chineses para estudar português. Habitualmente, estes grupos dos imigrantes chineses residem temporariamente no país, porventura 1 ou 3 anos, considerando que há intercâmbios de 1 ano e programas de

mestrado entre duas universidades.

Os dados sobre a população estrangeira com estatuto legal de residente de nacionalidade chinesa (PORTADA, 2019) apontam para que, antes de 2000, o incremento da população chinesa era muito ligeiro. Os dados indicam também uma falta de indicadores relativamente à população chinesa em Portugal antes de 1980, registando apenas 244 indivíduos em 1980. Desde 1980, dois anos depois da Reforma e Abertura, o número da população chinesa tem vindo gradual e lentamente a aumentar. A partir de dados da PORTADA (2019), apresenta-se de seguida uma tabela que resume a oscilação anual da população chinesa total desde 1980 até 2018 (Tabela 2).

Tabela 2: Evolução numérica da população chinesa a residir em Portugal
 Fonte: Elaboração própria, a partir de PORTADA (2019)

Ano	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Mudança	+53	+56	+79	+178	+175	+82	+80	+55	+100	+130

Ano	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Mudança	+122	+263	+183	+181	+221	+178	+30	+87	+265	+520

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Mudança	+671	+576	+281	+468	+273	+2530	+1608	+3624	+1060	+1227

Ano	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Mudança	+995	+591	+1259	+2597	-227	+1138	+745	+2158

Através destes quadros, verificamos que a partir de 1999 e até 2005 existiu um aumento franco no número de imigrantes chineses em relação aos anos anteriores, sendo este aumento ainda mais significativo a partir de 2006, com a chegada de mais 2530 migrantes após o estabelecimento da parceria entre Portugal e a China, e a partir de 2013, após o lançamento dos Vistos Gold.

1.5.1. Fatores e motivos da imigração chinesa em Portugal

Os fatores e os incentivos subjacentes à escolha de Portugal como país de acolhimento dependem dos objetivos dos emigrantes. Segundo Matias (2007, p.89), no início, muitos cidadãos vieram residir em Portugal para ganhar dinheiro e depois voltar para a China. Depois, com o estabelecimento de parcerias estratégicas e o lançamento de programa dos Vistos Gold, como mencionados anteriormente, os chineses optam por Portugal como um destino para procurar oportunidades e viver.

A 1 de janeiro de 2020, o valor do salário mínimo mensal em Portugal passou de 600 euros para 635 euros (Silva, 2020). Apesar deste incremento, este valor é muito menor em relação ao de outros países da Europa ocidental. Contudo, e como se pode constatar na Figura 5, os ordenados, em média, de Portugal e da China rondam o mesmo nível – que também justifica o porquê de Portugal ser menos preferido comparativamente a outros países de acolhimento, como os EUA ou outros países europeus.

39. Portugal		833.74 €
40. China		821.99 €

Figura 5: Salário líquido médio em Portugal e na China (2020)

Fonte: https://www.numbeo.com/cost-of-living/country_price_rankings?itemId=105&displayCurrency=EUR

Aliás, outro facto muito importante é que na China não existe um salário mínimo nacional como Portugal tem. Na China, o salário mínimo varia de cidade para cidade. Segundo dados recentes, o maior salário mínimo regista-se em Xangai, com um valor

de 2480 yuan (cerca de 324,00 €), o que é praticamente metade do valor auferido em Portugal (Yang, 2019). Na China, a bipolarização das classes sociais e do salário é inequívoca. Embora haja uma ténue diferença dos salários médios entre Portugal e a China, não existe uma lei que garanta um salário mínimo nacional na China. Assim, podemos concluir que apesar de muitos esforços feitos pela classe trabalhadora, o dinheiro que recebem no fim do mês não corresponde à quantia de salário desejada.

De acordo com Zhang (2016, p.33), muitos imigrantes chineses de Fujian que ganham a vida em França, na Holanda, Alemanha e Bélgica não têm autorização de residência. Devido à política de imigração mais liberal em Portugal e à possibilidade de obtenção do estatuto de residência fixa, esses imigrantes fazem de Portugal um trampolim para entrada noutros países da Europa. Após alcançarem o estatuto de residentes em Portugal, podem voltar àqueles países onde o salário é mais alto. Nesse caso, podemos considerar que é possível que existam imigrantes doutras cidades chinesas que ficam noutros países europeus sem autorização de residência e que querem aproveitar a facilidade de obtenção do estatuto de residência fixa em Portugal para permanecerem na Europa.

Na pesquisa feita por Zhang (2016, p.31), alguns emigrantes chineses tentaram, sem sucesso, abrir restaurantes ou lojas em outros países europeus, nomeadamente na Alemanha, França, Luxemburgo ou Bélgica. Antes de desistirem e voltarem para a China, fizeram uma última tentativa em Portugal e, surpreendentemente, constataram que o país é capaz de integrar os estrangeiros. A mesma autora (2016, p.36) indica também outras razões para a vinda de imigrantes chineses, nomeadamente, a boa qualidade ambiental; qualidade do ensino; condições favoráveis ao investimento em bens imóveis; procedimentos de imigração simples; baixo custo do processo de imigração.

Segundo os dados de SEF, são poucos os chineses que pedem a nacionalidade portuguesa, talvez pelo facto de que não se conseguem adaptar à língua e à cultura ocidental, mas também porque a China não reconhece múltiplas nacionalidades. Segundo Matias (2007, p.89), para os cidadãos chineses que vêm ganhar dinheiro em

Portugal, voltar à terra natal representa não abandonar os antepassados com quem querem manter a proximidade e de quem não se querem esquecer. A ligação aos antepassados é vital para manter uma corrente indestrutível com as gerações seguintes e, portanto, a sua perda será sinal do desaparecimento da sua família, tendo esta um valor muito importante na cultura chinesa.

Após o lançamento dos Vistos Gold, como mencionado antes, muitos imigrantes chineses apostaram neste programa. Zhang (2016, pp.38-39) considera que existem algumas razões para a escolha de Portugal como o país de investimento: o bom clima, a história e a cultura ricas; o investimento seguro em bens imóveis; os requisitos simples do programa Vistos Gold ao nível da língua, a educação e etc.

O grupo dos estudantes imigrantes chineses é menor em comparação aos outros dois grupos estudados na presente dissertação. Os estudantes chineses, na sua grande maioria, vêm fazer intercâmbio e aperfeiçoar o português, considerando que os recursos para a aprendizagem da língua portuguesa são reduzidos na China. Devido ao afastamento geográfico e cultural, estudar em Portugal oferece também melhor ambiente para se adaptarem à língua portuguesa e a colocarem em prática. Para os estudantes que frequentam cursos de mestrado em língua e cultura portuguesas, é mais fácil o ingresso nestes cursos em Portugal do que na China. Na China, são poucas as universidades que abrem cursos de mestrado no que diz respeito ao português e os estudantes que se pretendem candidatar têm que, para além de dois exames em matérias do seu curso, realizar ainda um exame de inglês e um exame de política. Portanto, vir estudar português em Portugal torna-se na melhor opção para muitos que têm vontade de desenvolver não só as suas competências linguísticas ao nível do português, como também a sua capacidade de comunicação intercultural em contexto de imersão no país.

1.5.2. Origens dos imigrantes chineses em Portugal

Os imigrantes chineses em Portugal têm várias origens como, de resto, também terão os restantes grupos estrangeiros. Na verdade, a comunidade chinesa chegou a

Portugal a partir de diferentes pontos da China e do mundo, sendo também esta a razão que justificará as diferenças ao nível das dificuldades de interação e integração. Os imigrantes chineses em Portugal não só são da China continental; são também oriundos de Hong Kong, Macau e ex-colónias portuguesas como Moçambique.

O maior grupo de chineses é oriundo da província de Zhejiang, de cidades como Wenzhou e Qingtian, localizadas no sul do país, perto do mar. Ali sempre houve uma tradição, talvez subconsciente, da população de viajar, sobretudo para o estrangeiro, com o propósito de trabalhar e ganhar dinheiro; esta tradição continua a ser mantida até aos dias de hoje (Yu, 2015, p.65). Os imigrantes chineses de Zhejiang têm uma fama de comércio e são habitualmente reconhecidos como comerciantes. De acordo com Neves e Rocha-Trindade (2008, p.175), em relação aos comerciantes originários da República Popular da China (RPC), a esmagadora maioria são da Província de Zhejiang que representa 74% de todos os comerciantes chineses da toda China. No seio da Província de Zhejiang, existem duas cidades/regiões dominantes, em primeiro lugar, a cidade portuária de Wenzhou, que representa 35% dos comerciantes de Zhejiang, e em segundo lugar, a zona rural de Qingtian, que representa 22% dos da Província. Segundo o estudo de Zhang (2016, pp.32-34), o número de imigrantes de Qiangtian é superior ao de Wenzhou. Ambos os subgrupos estão envolvidos no setor da restauração. Embora os imigrantes de Wenzhou prevaleçam no comércio grossista e no setor de retalho, os imigrantes de Qiangtian estão em maioria. Depois de trabalharem, em média, como empregados durante cinco anos em Portugal, os imigrantes de Zhejiang iniciaram o seu próprio negócio. Atualmente, o número de comerciantes por conta própria vindos de Zhejiang é muito superior aos dos que trabalham por conta de outrem.

Para além dos imigrantes de Zhejiang, os oriundos da Província de Shandong formam um outro grande grupo (Zhang, 2016, pp.32-34). Por volta de 1992, um grande número de imigrantes de Shandong vieram para Portugal, a maioria de Qingdao. A partir de 1998, cidadãos de Laixi, Shandong começaram a visitar Portugal e, sobretudo a partir de 2001, um grande número de pessoas dali vieram residir em

Portugal. Em 2004, o número de imigrantes de Laixi era já superior aos originários de Qingdao. Desde então, a maior parte dos novos imigrantes vem de Laixi. Para além disso, existem mais de dois mil imigrantes de Fujian a residir em Portugal. Uma pequena parte destes imigrantes oriundos de Fujian fazem de Portugal um trampolim de entrada noutros países da Europa, mantendo-se aqui durante um curto espaço de tempo. Similarmente, os de Xangai também veem Portugal como um trampolim para trabalharem noutros países europeus. Existem ainda centenas de imigrantes do Nordeste da China em Portugal, chegados sobretudo no século XXI.

Os imigrantes chineses de Hong Kong e Macau formam uma pequena parte da comunidade chinesa em Portugal. Apesar de serem do mesmo país, vieram para Portugal com motivações diferentes. Segundo Santos (2009, p.58), os anos 90 do século XX testemunharam duas novas vagas de imigrantes. Por um lado, os cidadãos naturais de Macau e Hong Kong motivados a abandonar a sua origem por uma questão de incerteza quanto ao futuro, já que ambos os territórios atravessavam nesta altura um período de transição política e económica. Este grupo trouxe consigo mais-valias, conseguindo dinamizar as relações comerciais com a RPC, já que com eles vieram também contactos internacionais de clientes e fornecedores, aproveitando desta maneira o período de crescimento económico da economia portuguesa durante a segunda metade da década de 1990.

Por outro lado, os imigrantes chineses oriundos das ex-colónias portuguesas também contribuíram para a construção da comunidade chinesa em Portugal. A comunidade chinesa que se encontrava em Moçambique radicou-se em Portugal ainda mais cedo uma vez que, por força da descolonização, viu-se obrigada a imigrar para a metrópole. Estima-se que dos 7.500 chineses que constituíam esta comunidade, apenas 700 viajaram para Portugal (Santos, 2009, p.56). Distinguindo-se de todos os outros subgrupos, este subgrupo geralmente tem o português como língua materna ou possui um elevado nível de domínio da língua portuguesa (Yu, 2015, p.65). Timor-Leste, outra comunidade chinesa radicada num país do mundo lusófono, contribuiu também para o fluxo migratório dos chineses para Portugal. Após a invasão

da Indonésia, em 1975, esta comunidade viu-se obrigada a abandonar o país. Dos cerca de 10.000 chineses estabelecidos em Timor-Leste, poucos foram os que escolheram Portugal como destino e, à semelhança do caso da comunidade proveniente de Moçambique, é ainda menor o número dos que optaram por viver em Portugal (Santos, 2009, pp. 56-57).

Capítulo 2 - O lugar da cultura nos processos de comunicação e de adaptação das comunidades imigrantes

No primeiro capítulo, o autor fez referência à evolução histórica da relação Portugal-China e à evolução da migração chinesa desde o século XIX até aos dias de hoje, tendo-se concluído que nos últimos anos o relacionamento bilateral entre os dois países atingiu um nível de aprofundamento sem precedentes.

Com este estreitamento das relações entre Portugal e a China, regista-se um crescimento de população da comunidade chinesa em Portugal, a qual tem vindo a ocupar um lugar cada vez mais relevante no seio da sociedade portuguesa. Neste contexto, torna-se necessário perceber quais os fatores e mecanismos que conduzem a um processo de comunicação mais eficaz e a um melhor entendimento intercultural, assim como, também, a um bem-sucedido processo de adaptação cultural.

Para uma compreensão destas questões é necessário definirmos alguns conceitos básicos, nomeadamente, as noções de Cultura, Comunicação Intercultural e Aculturação, as quais serão apresentadas neste capítulo.

2.1. Cultura

Sabemos que cultura é um termo que abrange muitos aspetos da nossa vida, que é comum a todos os povos e possui um conjunto de características que podem ser únicas ou resultantes de um processo de contacto com elementos de outros povos / culturas.

Durante séculos, vários autores têm apresentado várias definições de cultura. Com efeito, e de acordo com a compilação de definições elaborada por Spencer-Oatey (2012, p.1), a cultura é um termo notoriamente difícil de se definir. Em 1952, os antropólogos americanos Kroeber e Kluckhohn reavaliaram criticamente conceitos e

definições de cultura até então formulados e compilaram uma lista de 164 definições diferentes. Por outro lado, Apte (1994, p.2001) na *Encyclopedia of Language and Linguistics*, afirmou também que “apesar dos esforços por um século para definir adequadamente a cultura, nos anos de 1990, não houve concordância relativa à sua natureza entre os antropólogos”.

Edward Tylor, antropólogo inglês reconhecido como o fundador da antropologia cultural, propôs uma definição de cultura que constitui um dos contributos mais reconhecidos no âmbito de antropologia:

Cultura ou civilização, tomada no seu vasto sentido etnológico, é aquela totalidade inclusive o conhecimento, a crença, a arte, a moral, a lei, o costume e quaisquer outras competências e hábitos adquiridos pelo humano enquanto membro da sociedade (Tylor, 1874, p.1).

A definição de Edward Tylor é popular na área de antropologia e tornou-se uma referência indispensável para o estudo mais profundo de cultura. Igualmente incontornável é o contributo do antropólogo americano Edward T. Hall (1914-2009). Hall propôs um modelo de análise no qual dividiu culturas e respetivos padrões de comunicação em dois grupos: as culturas de alto contexto (onde a mensagem é apresentada de forma implícita) e as culturas de baixo contexto (as informações são mais explícitas) (Hofstede, 2011, p.4, original de Hall, E. T, 1976). Para além destes conceitos, no livro *The Silent Language*, com primeira edição em 1959, foram ainda identificados os conceitos de “culturas policrónicas” e “culturas monocrónicas”, os quais descrevem, respetivamente, a capacidade que o indivíduo tem para executar várias tarefas simultaneamente ou de as abordar de forma sequencial. Em 1976, no seu livro *Beyond Culture*, Hall apresentou também a analogia de cultura como sendo comparável a um iceberg que contém um lado visível, acima da superfície do mar, e um lado profundo, abaixo da superfície da água (invisível).

Posteriormente, num estudo da Universidade de Cornell (Smircich, 1983, p.342), compilaram-se outras conceções de cultura, nomeadamente as seguidamente apresentadas:

1. Cultura é um instrumento que serve necessidades biológicas e psicológicas dos humanos (Malinowski, 1944).
2. Cultura funciona como um mecanismo de adaptação e regulamentação. Une individuais na estrutura social (Radcliffe-Brown, 1952).
3. Cultura é um sistema de cognições compartilhadas. O ser humano gere a cultura segundo um número finito de regras (Goodenough, 1971).
4. Cultura é um sistema de símbolos e significados compartilhados. Ação simbólico precisa de ser interpretada, lida e decifrada a fim de ser entendida (Geertz, 1973).
5. Cultura é um projeto infraestrutura universal e inconsciente da mente (Levi-Strauss, 1973).

Para além destas, em 1991, o antropólogo holandês Geert Hofstede (2010, p.6), definiu ainda cultura como um programa mental: “Cultura é uma programação coletiva da mente dos humanos que distingue os membros de uma categoria de pessoas de outras.”

Na declaração de UNESCO (2001, p.3), consta que a cultura tem de ser considerada como uma série de particularidades distintas, de natureza espiritual, material, intelectual e emocional de uma sociedade ou de um grupo social e que a cultura se manifesta, para além da arte e da literatura, também no estilo de vida, nas formas de convivência, nos sistemas de valores e nas tradições e crenças.

Perante todas estas definições de cultura, podemos afirmar, portanto, que se trata de facto de um conceito muito complexo. Cada cultura tem as suas características próprias, distintas das particularidades de outras culturas. Quando se fala de convivência entre os imigrantes e os nativos de um país de acolhimento, sabemos que existem alguns problemas de comunicação relativos às atitudes de ambos os grupos perante alguns dilemas e comportamentos do outro.

As diferenças culturais não só se mostram nos costumes, tradições e etc., mas também orientam as formas como as pessoas lidam com determinados assuntos e/ou situações. Por exemplo, podemos imaginar dois grupos de funcionários com culturas diferentes trabalhando na mesma empresa, preferindo um executar uma tarefa de cada vez, de forma linear, e o outro preferindo executar várias tarefas ao mesmo tempo.

O consultor holandês Fons Trompenaars (2000, p.6) refere que “a cultura é um

meio pelo qual um grupo de pessoas soluciona os problemas e reconcilia os dilemas”. Ele indica que a forma através da qual as atitudes são expressas dentro de uma organização específica é descrita como a cultura corporativa e organizacional e as pessoas dentro de certas funções têm tendência de partilhar as orientações profissionais e éticas (Trompenaars, 2000, p.7).

Para se compreender a cultura organizacional, tem-se de distinguir os seus elementos e como funcionam. Como Schein (1984, p.3) concluiu:

Cultura organizacional é o padrão de pressuposições básicas que um dado grupo inventou, descobriu ou desenvolveu na aprendizagem a fim de resolver seus problemas de adaptação externa e integração interna, a qual funciona bem para ser considerado válido. E por isso, é ensinado aos novos membros como a maneira correta para perceber, pensar e sentir em relação a esses problemas.

No mesmo estudo, Schein (1984, pp.3-4), explica os três níveis essenciais de cultura: artefactos, valores e pressupostos fundamentais.

- **Artefactos:** O nível dos artefactos inclui todo o fenómeno que vê, ouve e sente quando se encontra com um novo grupo com cultura não familiar. Os artefactos incluem os produtos visíveis do grupo como a disposição física, a maneira de vestir, etc. O ponto mais importante deste nível é que é facilmente observado, mas dificilmente decifrado.
- **Valores:** O nível dos valores reflete-se nas decisões tomadas por um grupo. Quando a forma de resolver um problema é criada pela primeira vez, não é necessariamente adotada para sempre. Se continuar a ser adotada e partilhada, passam a ser crenças e valores que servem de pressupostos e estratégias.
- **Pressupostos fundamentais:** O nível dos pressupostos básicos diz respeito às soluções utilizadas pelos grupos para resolver o problema. Os pressupostos básicos são muitas vezes inconscientes, mas determinam a maneira como os membros de grupo percebem, pensam e sentem.

Nos pontos seguintes apresentam-se com maior detalhe alguns dos modelos culturais elaborados com o objetivo de clarificar o complexo conceito de cultura e,

ainda, apoiar o indivíduo no nem sempre fácil processo de interação com uma cultura muito distinta da sua.

2.1.1. O modelo do iceberg cultural de Edward T. Hall

A analogia entre a cultura e um iceberg é-nos apresentada por Edward T. Hall, em 1976, no livro *Beyond Culture*. O autor analisa a cultura a partir de uma metáfora que se ilustra na figura 6:

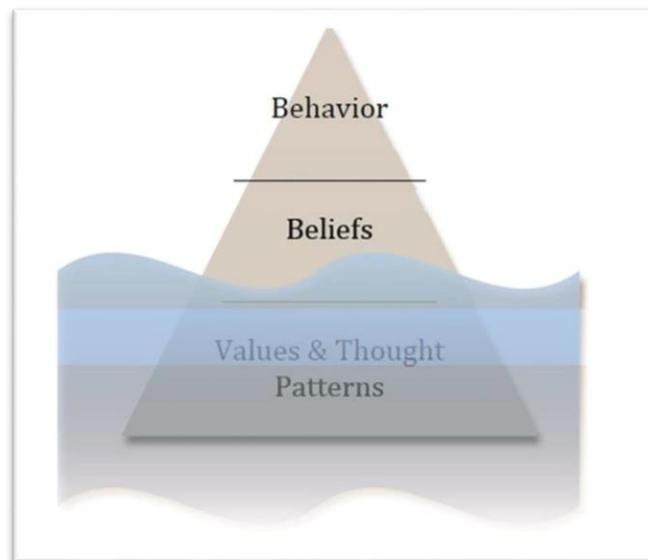


Figura 6: O modelo do iceberg cultural de Hall

Fonte: https://www.researchgate.net/figure/the-iceberg-model-of-culture-Hall-1976_fig1_263887965

Esta analogia entre a cultura e um iceberg assenta no facto de ambos possuírem aspetos visíveis e invisíveis, ou seja, externos e internos. No exterior, isto é, acima do nível do mar, encontramos tudo o que podemos mais facilmente observar, nomeadamente a língua, comportamentos, costumes, rituais e tradições, símbolos, artefactos, heróis nacionais, formas de expressão artística como a música e a dança. Contudo, estes aspetos visíveis, tal como um iceberg que flutua no mar, apenas representa 10% do todo. Os outros 90% encontram-se por baixo da superfície, incluindo algumas crenças, valores, perceções, atitudes, ideologias, conceitos de tempo ou padrões de pensamento que orientam os comportamentos. Enquanto que a parte visível é facilmente alterada, a parte invisível é difícil de alterar. Hall sugere que

o único método de aprender verdadeiramente a cultura do outro é indo para além da superfície, isto é, imergindo e participando ativamente nessa cultura.

Para entender a parte visível e a parte invisível de uma cultura, podemos utilizar o exemplo em relação à temperatura da água preferida entre os chineses e os portugueses. Os chineses gostam de beber água quente considerando que a água quente é mais saudável para o organismo de corpo, no entanto, os portugueses gostam de beber água fresca. Estes costumes são manifestações culturais de pessoas vindas de países diferentes, refletindo as diferenças entre os chineses e os portugueses.

Quando uma pessoa se depara com outra cultura pela primeira vez, interage habitualmente com apenas 10% da cultura total, a parte mais aparente. Por seu turno, as pessoas criam pressupostos ou ideias sobre a outra comunidade sem perceber a cultura interna e profunda que constituem os valores e as crenças principais, levando ao preconceito. Por exemplo, uma pergunta muito realizada quando os portugueses conhecem alguns chineses pela primeira vez: se os chineses comem cães. Na verdade, apenas em algumas regiões da China existe este costume e a maioria dos chineses não o faz. Na China, existem 56 etnias e a cultura de comida é distinta de região para região. Com esta pergunta, revela-se o desconhecimento da sociedade ocidental relativamente à cultura chinesa.

Por isso, quando entramos em contacto com pessoas de outras culturas, não só devemos observar a parte explícita como os costumes ou os comportamentos que podem variar de indivíduo para indivíduo, mas também aprender a cultura e as razões que causam esses fenómenos, evitando conflitos que possam conduzir a um choque cultural.

No processo de interação e convivência, podemos comparar a sociedade de acolhimento como o maior iceberg e outras comunidades como os icebergs pequenos à sua volta. Numa visão panorâmica, o maior iceberg atrai à atenção de toda a sociedade e os traços dos outros são menos notados, ou seja, facilmente ignorados. Mesmo que na sociedade plural haja uma diversidade de cultura, nem todas as pessoas estão disponíveis para conhecer outras culturas. Nesta perspetiva, os valores inerentes

doutras culturas mantêm-se invisíveis para muitas pessoas. A comunicação e a interação, então, representam um grande desafio para as pessoas de outras culturas.

2.1.2. O modelo das dimensões culturais de Fons Trompenaars

O modelo das dimensões culturais de Trompenaars é apresentado em 1997 pela primeira vez no livro *Riding The Waves of Culture*, escrito em coautoria com o acadêmico britânico Charles Hampden-Turner. Fons Trompenaars e Charles Hampden-Turner (2000, p.8) acreditam que cada cultura se distingue das outras por intermédio das soluções específicas encontradas para certos problemas ou dilemas. Estes problemas podem ser incluídos em três categorias: i) aqueles que emergem das nossas relações com outras pessoas; ii) aqueles que advêm da passagem do tempo; iii) aqueles que se relacionam com o ambiente. Os autores sistematizaram estes problemas, apresentando para tal um modelo constituído por sete dimensões culturais fundamentais, as quais procuram responder as sete questões centrais (Tabela 3). As cinco primeiras questões dizem respeito à categoria i), isto é, problemas que emergem das nossas relações interpessoais.

Tabela 3: As sete dimensões culturais segundo Trompenaars e Hampden-Turner

Fonte: <https://www.psychologytoday.com/sg/blog/between-cultures/201901/leading-organizations>



- **Universalismo vs. Particularismo**

O universalismo assenta na crença de que as ideias e as práticas podem ser aplicadas a todos, de forma universal e sem modificação, ao passo que o particularismo assenta na visão de que as circunstâncias ditam a forma como as práticas devem ser aplicadas. Nesta dicotomia, a questão central é “O que é mais importante, as regras ou o relacionamento interpessoal?” Em culturas com alto universalismo – Alemanha, Austrália, Canadá, Estados Unidos, Reino Unido e Suécia, por exemplo, – as regras formais ocupam um papel central e o que é considerado bom e correto é aplicado a todas as situações. Nas culturas particularistas, onde a China se situa, a realidade é vista de forma mais subjetiva e é dado maior ênfase aos relacionamentos e maior atenção é atribuída às circunstâncias únicas de cada situação (Trompenaars & Hampden-Turner, 2000, p.8).

- **Individualismo vs. Comunitarismo**

Esta dimensão assenta na questão “As pessoas identificam-se, principalmente, como indivíduos ou como parte de um grupo /elementos de um coletivo?” Isto é, para um sujeito é mais importante estar primeiramente atento às suas necessidades individuais, contribuindo estas depois de forma indireta para a comunidade, ou é mais importante focar-se na comunidade primeiro, já que esta é constituída por todos (Trompenaars & Hampden-Turner, 2000, p.8).

- **Neutral vs. Emocional**

“Deve a natureza das nossas interações ser contida ou é aceitável que as emoções possam ser exprimidas?” é a questão central desta dimensão. Uma cultura neutra é uma cultura na qual as emoções são controladas – japoneses e britânicos, por exemplo –, ao passo que uma cultura emocional é uma cultura onde as emoções são expressas de forma mais aberta e natural. Em culturas emocionais, nomeadamente em alguns países da América Latina ou em países mediterrâneos, é comum as pessoas sorrirem, falarem alto ou cumprimentarem-se com maior entusiasmo. (Trompenaars & Hampden-Turner, 2000, p.9).

- **Específico vs. Difuso**

Esta dimensão diz respeito à questão de a vida pública e privada se encontram associadas ou não. Em culturas específicas as agendas privadas e de trabalho são separadas, as reuniões de trabalho têm uma duração predefinida, a comunicação é direta e sem delongas e o uso de títulos é dispensado. Em culturas difusas, a vida privada e a vida profissional interpenetram-se, permite-se que as reuniões “fluam” sem a imposição de uma hora de conclusão, a comunicação é mais indireta e circundam-se as questões. O respeito pelo título, idade e percurso, assim como pelas ligações da pessoa são respeitados (Trompenaars & Hampden-Turner, 2000, p.9).

- **Resultado vs. Atribuição**

Esta dimensão diz respeito à circunstância de uma cultura valorizar o indivíduo pelo seu próprio desempenho, conhecimento e capacidades ou por circunstâncias relacionadas com o seu nascimento, parentesco, género, idade, ou as conexões (quem conhece) (Trompenaars & Hampden-Turner, 2000, p.9).

Uma vez analisadas as cinco dimensões relativas às relações interpessoais, apresentam-se seguidamente as duas dimensões respeitantes às atitudes.

- **Orientação temporal**

A dimensão da orientação temporal encerra em si dois aspetos: por um lado, a importância que as culturas dão ao passado, ao presente e ao futuro e, por outro lado, a forma como estruturam o tempo. Com efeito, a forma como as sociedades percebem o tempo é variável. Em algumas sociedades não importa o que um indivíduo alcançou no passado, mas sim saber quais são os seus projetos para o futuro. Noutras sociedades, as realizações do passado podem de facto influenciar a avaliação que se faz de determinada pessoa no presente e nas suas ações futuras. Já no que diz respeito ao segundo aspeto desta dimensão, o sequenciar as ações e o sincronismo assumem-se como diferentes abordagens para estruturar o tempo. As pessoas que estruturam o tempo sequencialmente tendem a fazer uma ação de cada vez, planificam e seguem o plano delineado; são rigorosos no que diz respeito aos compromissos que

assumem e o respeito pelo horário é um imperativo. Por seu turno, outras culturas há em que várias ações são desenvolvidas em simultâneo, os compromissos são desejados, mas não têm uma obrigatoriedade absoluta e os planos são facilmente alterados (Trompenaars & Hampden-Turner, 2000, p.10).

- **Controlo interno vs. controlo externo**

Por fim, a última dimensão relaciona-se com a questão do controlo do ambiente / contexto que rodeia o sujeito. Nas culturas em que o controlo interno é valorizado, o sujeito atua como sendo capaz de controlar a natureza e o futuro; um obstáculo a algo que se deseja não altera o objetivo, mas sim e apenas a forma de o alcançar. Por outro lado, as culturas orientadas para o controlo externo procuram viver em harmonia com a natureza e as situações com que se deparam, ajustando-se sempre que necessário (Trompenaars & Hampden-Turner, 2000, p.10). No contexto específico das organizações,

esta dimensão poderia ser identificada nas práticas de gestão: em uma cultura orientada para o controle interno, a gestão seria baseada em objetivos claros e as metas estariam ligadas às recompensas. No outro tipo de orientação, a gestão seria caracterizada pela flexibilidade, por concessões, pela busca da harmonia, e pelo foco nos outros (clientes, parceiros) (Lopes & Hilal, 2011).

Através do modelo de Trompenaars e Hampden-Turner é possível compreender a amplitude do quão as diferenças culturais podem de facto impactar na construção de relações e na vivência de um indivíduo numa sociedade com cultura distinta da sua.

2.1.3. O modelo da cebola de Geert Hofstede

Outra forma de analisar e compreender a complexa ideia do que será a cultura é a partir do “modelo da cebola”, concebido por Geert Hofstede. Trata-se de um modelo sistematizado que compara a cultura às camadas de uma cebola. A cebola cultural neste modelo consiste na identificação de quatro camadas, que se sobrepõem do exterior para o núcleo, sendo cada uma dessas camadas representações dos símbolos, heróis, rituais e valores de cada sociedade. Como ilustrado na figura 7, o termo “práticas” atravessa as três camadas periféricas. Segundo Hofstede (2010, p.9), os

símbolos, os heróis e os rituais encontram-se agrupados sob as práticas na medida em estas três camadas são visíveis a partir do exterior, isto é, por todos, mesmo pelos sujeitos que não são membros dessa cultura; no entanto, os valores são invisíveis, isto é, os valores nucleares que estão na génese dessas mesmas práticas apenas são (re)conhecidos pelos “insiders”.

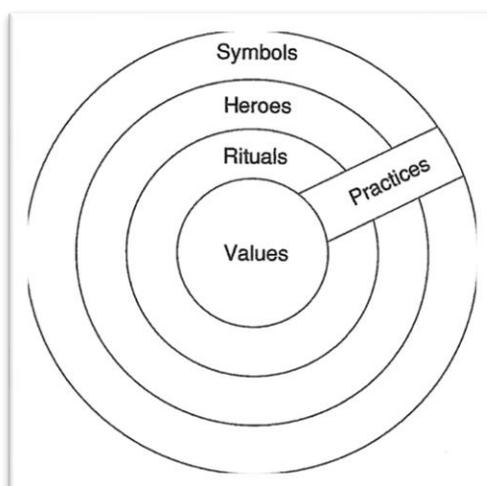


Figura 7: O modelo da cebola de Hofstede

Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Hofstedes-Onion-Model-of-Culture-Cultural-Values-are-located-at-the-core-and-are_fig3_254921413

De acordo com Hofstede (2010, pp.8-9), os símbolos são palavras, gestos, imagens ou objetos que veiculam o significado particular reconhecido por aqueles que partilham a mesma cultura. Os novos símbolos são desenvolvidos facilmente e os velhos desaparecem. Os símbolos de um grupo cultural são regularmente copiados pelos outros. Os heróis são pessoas, vivos ou mortos, reais ou imaginários, que possuem características muito valorizados numa cultura e que servem de modelos comportamentais. Por seu turno, os rituais são atividades coletivas. Não são obrigatórios para concretizar um objetivo, mas considerados absolutamente essenciais e necessários pelos membros da cultura. Por fim, os valores são o núcleo da cultura, são ideias que dizem o que é importante na vida.

Podemos também imaginar quando temos cebolas de categorias díspares, por exemplo, uma cebola roxa e uma cebola branca, já sabemos que são diferentes as aparências. Quando nós descascamos as duas, vemos as estruturas diferentes dentro

delas e quando as comemos, saboreamos os paladares heterogêneos.

2.1.4. O modelo das dimensões culturais de Geert Hofstede

Para além de nos ter apresentado o “modelo da cebola”, Geert Hofstede foi igualmente pioneiro no estudo das questões interculturais quando nos apresentou aquele que será o seu trabalho mais notável: o modelo das dimensões culturais. Este modelo analisa cada cultura nacional a partir dos seguintes aspetos ou dimensões: i) distância do poder, ii) individualismo/coletivismo, iii) masculinidade/feminidade, iv) aversão à incerteza, v) orientação a longo prazo/a curto prazo e vi) indulgência. A partir destas seis dimensões culturais específicas, podemos entender a cultura de uma forma mais profunda e esclarecida. Nos parágrafos que se seguem apresentam-se cada uma destas dimensões.

- **Distância do poder**

A dimensão da distância do poder exprime o grau em que os membros menos poderosos da sociedade aceitam e esperam o poder ser distribuído desigualmente. Esta dimensão indica que o nível de desigualdade é aceite tanto pelos seguidores como pelos líderes (Hofstede, 2011, p.9).

- **Individualismo vs. coletivismo**

O individualismo e o seu oposto, o coletivismo, compreendem o grau em que as pessoas estão integradas em grupos na sociedade. Do lado individualista encontramos culturas em que os laços entre indivíduos são amplos: espera-se que todos cuidem de si próprio e dos que lhe são próximos. Do lado coletivista encontramos culturas em que as pessoas desde o momento em que nascem estão integradas em grupos fortes e coesos, frequentemente famílias grandes (com tios e avós) os quais protegem em troca de lealdade e apoio mútuo (Hofstede, 2011, p.11).

- **Masculinidade vs. feminilidade**

Em sociedades com índice de masculinidade elevado, os indivíduos são

impulsionados pela competição e pelos resultados, são ambiciosos e há uma certa admiração pelo sucesso. São assertivos e centrados no sucesso material. Em sociedades com baixa masculinidade ou com características de feminilidade, as pessoas são mais focadas na construção de relações interpessoais e em garantir uma melhor qualidade de vida para todos. Não é tanto o “ser melhor” que é importante, antes, sim, uma ideia de obtenção de felicidade (Hofstede, 2011, p.12).

- **Aversão à incerteza**

A aversão à incerteza aborda o problema de tolerância social para com a ambiguidade. Indica o grau em que uma cultura programa os seus membros a sentirem-se mais ou menos confortáveis em situações desestruturadas ou de maior risco. As situações desestruturadas são estranhas, desconhecidas, surpreendentes e diferentes das usuais. As culturas que demonstram mais aversão à incerteza tentam diminuir a possibilidade das tais situações ocorrerem através de códigos comportamentais, leis e regras rigorosas, de desaprovação de opiniões desviantes e de crenças numa verdade absoluta (Hofstede, 2011, p.10).

- **Orientação a longo prazo vs. orientação a curto prazo**

Esta dimensão avalia se uma sociedade tende a assumir uma perspetiva mais pragmática e orientada para o futuro ou se, pelo contrário, adota um ponto de vista mais a curto prazo, assente num pensamento mais normativo, com respeito pelas tradições e, ainda, com uma propensão mais baixa para se preparar para o futuro e com um foco mais voltado para resultados rápidos. Indivíduos situados no polo “orientação a longo prazo” manifestam os valores como perseverança e parcimónia; no polo oposto, o indivíduo tende a retribuir as obrigações, a proteger a cara e a buscar a estabilidade pessoal (Hofstede, 2011, p.13).

- **Indulgência versus restrição**

A indulgência significa que uma sociedade permite a satisfação dos desejos básicos e naturais dos humanos no que toca a desfrutar e apreciar a vida. As restrições caracterizam-se por uma sociedade que suprime a gratificação e a regula através de

normas sociais exigentes. (Hofstede, 2011, p.15).

2.1.5. Comparação das dimensões culturais de Geert Hofstede

De acordo com o modelo das dimensões culturais de Geert Hofstede, o autor desenvolve a análise e a comparação das dimensões culturais de vários países. Apresentam-se de seguida (Figura 8) os resultados da comparação entre Portugal e a China.

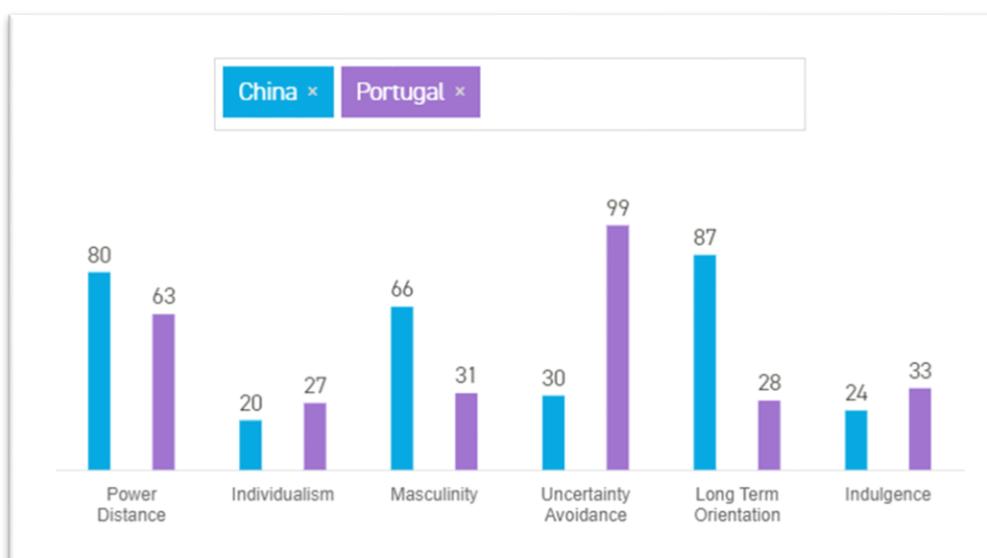


Figura 8: A comparação das dimensões culturais entre China e Portugal

Fonte: <https://www.hofstede-insights.com/product/compare-countries/>

Como se observa nos dados apresentados na figura 8, as principais divergências culturais situam-se nas dimensões masculinidade vs. feminidade, aversão à incerteza e orientação a longo prazo vs. curto prazo. As dimensões convergentes consistem na distância do poder, o individualismo vs. coletivismo e a indulgência vs. restrição.

- **Distância do poder**

Como já referido, esta dimensão diz respeito ao grau de tolerância para com a desigualdade de poder na sociedade. Aqui Portugal obteve 63 pontos (em 100) e a China obteve 80 pontos.

Na China a aceitação da desigualdade do poder é efetivamente mais comum do que em Portugal. Na China, a existência de hierarquia e a consciência de obediência é mais respeitada. Nas escolas, os professores são respeitados e os estudantes têm de cumprir o que os professores exigem. Quando ocorrem situações de conflito entre os professores e os estudantes, os seus pais muitas vezes põem-se no lado dos professores e repreendem os filhos. Nas empresas, os funcionários em posições mais elevadas têm mais voz. Em muitas situações, os colaboradores em posições mais baixas da hierarquia organizacional não podem expor as suas opiniões e são obrigados a aceitar tudo o que os seus superiores propõem. Nas famílias, os pais ou os membros mais velhos são naturalmente dignos de mais respeito, mesmo quando não têm razão.

A cultura de submissão radica no confucionismo profundamente enraizado na cultura chinesa. No livro antigo mais famoso de Confúcio, *Os Analectos de Confúcio* (论语), pode ler-se: “os governantes, os gentis-homens, os pais e os filhos têm de fazer mesmo o seu trabalho, ficar na sua posição e não podem superar para os poderes superiores (君君臣臣父父子子)”. O conceito de submissão e deveres de Confúcio fortaleceu o papel desempenhado pela hierarquia e tornou-se numa parte integrante da cultura chinesa durante 2000 anos. Até hoje, apesar de vivermos numa era em que procuramos a igualdade entre todos, na sociedade chinesa, os chineses cumprem essa regra com espontaneidade, assim como os povos influenciados profundamente pela cultura chinesa, nomeadamente os japoneses e os coreanos.

Na China, prevalece um tipo de eleição dos governantes que difere do praticado nos países democráticos, isto é, os votantes não elegem os seus governantes diretamente. Ao mesmo tempo, muitas pessoas na China não se importam com a participação política e a falta de noção de participação política também favorece a continuação de hierarquia na sociedade chinesa.

Comparando com a China, Portugal não revela uma noção de obediência tão profunda, levando em conta que Portugal aprecia os valores comuns no mundo ocidental, tal como o desejo de igualdade para todos. Segundo Xia (2016, p.23), na escola, os alunos e os professores são relativamente iguais. O professor respeita as

ideias e ouve as perguntas dos alunos num processo de ensino muito interativo. É normal que as decisões sejam tomadas unicamente pelo supervisor. Os empregados, na sua grande maioria, desejam um padrão forte e assertivo com opinião apenas ligeiramente influenciada (Fonseca, 2013, p.2). Por outras palavras, os portugueses aceitam a existência de desigualdade como uma convenção nas práticas profissionais. Com respeito aos direitos, os portugueses têm maior liberdade de expressão para manifestar as suas necessidades e desejos, mesmo quando tal vai contra a vontade do governo.

- **Individualismo vs. coletivismo**

Na dimensão de individualismo vs coletivismo, Portugal e a China demonstram um nível baixo de individualismo, com 27 e 20 pontos, respetivamente. O alto nível de coletivismo entre Portugal e a China indica que os dois povos atribuem grande importância ao relacionamento social e à união familiar. Na comparação desta dimensão, observa-se que a China é ligeiramente mais coletiva do que Portugal.

A cultura de coletivismo tem existido na China ao longo da sua história seja nas tradições seja nas ideologias. De acordo com Xu (2017, p.8), na sociedade chinesa antiga, devido à falta de mão de obra para a agricultura, as pessoas tinham de colaborar para assegurar a produção. Por isso, as pessoas tiveram que se unir para conseguirem desenvolver, coletivamente, a agricultura. O nascimento do coletivismo tradicional chinês nasceu, assim, no grupo de pessoas que dependiam da agricultura para sobreviver. Já que a sobrevivência do indivíduo tem de depender do grupo, a classe dominante fortaleceu o conceito de coletivismo como uma ferramenta para salvaguardar a sua posição de governança.

A cultura de confucionismo também é responsável pelo desenvolvimento do coletivismo na China. Confúcio apelou ao conceito de ren (仁) no que diz respeito ao altruísmo e considerou-o como a deontologia superior. O confucionismo defende as virtudes como “pessoas de ren amam e respeitam todos”(仁者爱人) e “se não quer algo, não o imponha a outras pessoas”(己所不欲, 勿施于人). O confucionismo orienta os comportamentos de interação entre pessoas e enfatiza a importância de

pensar em prol da comunidade e não apenas para beneficiar o sujeito individual.

Na China observa-se um tipo de coletivismo chamado guanxi (关系), um sistema crucial de redes de conhecimentos. Isto é, na cultura chinesa, busca-se a construção de relacionamentos sociais para facilitar a abordagem de problemas e para reforçar a rede de relacionamentos com o fito de se ser mais poderoso e flexível perante os desafios. Os chineses constroem guanxi para serem preparados com perspectivas para o longo prazo e as atividades integrais são muito praticadas nesse sentido.

O conceito de coletivismo nota-se igualmente em muitos aspetos culturais chineses. Em chinês, a palavra “país” é 国家 que é a combinação de dois caracteres. O 国 indica país e o 家 indica família e como mostrados o caracter 国 fica antes do 家, que implicitamente expressa a importância disposta mais no conceito de toda a comunidade em vez de um indivíduo. A sublinhar esta ideia existe um provérbio muito conhecido e reconhecido na China: “Nasce o país primeiro e depois existe família” (先有国，才有家).

Em suma, pode-se afirmar que o coletivismo atual na China corresponde aos requisitos de desenvolvimento ideológico veiculados pelo socialismo.

- **Masculinidade vs. feminidade**

A masculinidade caracteriza-se pela assunção de atitudes de maior assertividade e competitividade. Por outro lado, a feminidade reflete-se na “suavidade” e modéstia do sujeito. Nesta dimensão, Portugal tem 31 pontos e a China possui 66 pontos. O resultado da China é duas vezes maior do que o de Portugal, o que indica uma grande heterogeneidade dos valores essenciais na construção da sociedade.

Depois da política Reforma e Abertura, a economia da China tem evoluído a um ritmo bastante acelerado e isso também tem relação com os valores de masculinidade na cultura chinesa, nomeadamente, com o ser estudioso, trabalhador, persistente e etc. Na China, estudar muito e trabalhar muito são reconhecidos como boa ética para o autodesenvolvimento, recebendo as pessoas que seguem esses valores mais respeito e importância social.

A China é um país muito populoso, razão pelo qual em muitas circunstâncias os chineses têm de se esforçar imenso para captar recursos limitados ou oportunidades a fim de atingirem o seu objetivo, o que faz com que os chineses tenham que competir uns com os outros. Na China, na educação familiar, prevalece um ditado popular “Não se pode perder no início da pista (不能输在起跑线上).”, o que significa que tem de ser preparado para o futuro logo a partir do infância. Com esta ideia muito vincada entre os pais chineses, é usual os seus filhos terem aulas extras fora da escola e, ainda, serem obrigados a estudar até muito tarde à noite.

Em Portugal, a sociedade mostra-se mais relaxada. A competição em Portugal é muito menor do que na China. Por exemplo, alguns estudantes não têm aulas à tarde e no tempo livre aproveitam para fazer coisas de que gostam. A cultura de café e de bar são reflexo da feminilidade da sociedade portuguesa, uma vez que os portugueses apreciam um ritmo mais pausado e a sua qualidade de vida. Comparando com os chineses, os portugueses acostumam-se a dizer a palavra “calma” e tratam os assuntos mais devagar. Nas organizações, por exemplo nas lojas chinesas, se existirem funcionários portugueses, é muito habitual que o supervisor chinês considere que os funcionários portugueses trabalham vagarosamente.

- **Aversão à incerteza**

Nesta dimensão, as pontuações de Portugal e a China situam-se nos 99 e 30 pontos, respetivamente, sendo esta a maior diferença cultural entre os dois países. O baixo nível de aversão à incerteza da China demonstra que a sociedade chinesa possui a maior tolerância à ambiguidade e que não receia assumir riscos, estando aberta à mudança e a experimentar / colocar em prática novas ideias. Todavia, Portugal possui um índice muito mais alto do que o da China, o que significa que a sociedade portuguesa não é muito aberta à implementação de mudanças, preferindo seguir códigos comportamentais, leis e guias, sendo ainda pouco recetiva a comportamentos e ideias pouco ortodoxas.

- **Orientação a longo prazo vs. curto prazo**

A dimensão de orientação a longo prazo vs curto prazo posiciona de novo a China (87) e Portugal (28) em polos opostos.

A orientação a longo prazo é, no fundo, uma característica intrínseca à cultura chinesa. Graças ao confucionismo, os chineses tratam todos os assuntos com meticulosa consideração. Hofstede considerou que as características de economia e forte propensão para economizar e investir são uma prova da orientação a longo prazo dos chineses. Na China, gastar muito dinheiro é reconhecido como uma má qualidade individual porque revela que essa pessoa não tem noção de como planear a sua vida com perspetivas a longo prazo. Economizar e depois investir é quase um costume chinês que também é verificado na comunidade chinesa em Portugal. Quando se pergunta a um chinês porque é que economiza tanto, muitas vezes é respondido que tem que se preparar para o futuro e não se sabe o que irá acontecer – sendo este, aliás, um posicionamento bastante diferente do que se encontra no mundo ocidental, onde se defende que a vida é curta e que, por isso, tem que se aproveitar.

A orientação a longo prazo dos chineses deve-se, maioritariamente, ao confucionismo. O confucionismo defende valores como a diligência, perseverança, o ser-se trabalhador etc., princípios que são integrados na tradição chinesa e simultaneamente introduzidos desde cedo na educação escolar na China. Para além disso, o confucianismo atribui maior importância ao trabalho árduo do que à inteligência natural.

O índice baixo desta dimensão indica que os portugueses preferem estar atentos aos resultados e sucessos imediatos. A taxa de poupança das famílias portuguesas, por exemplo, caiu muito em relação ao passado, a qual foi de 14,78% em 1995 e desceu para 7,1% em 2018 (PORDATA, 2020). A respeito da educação, os pais chineses não só incentivam os seus filhos a estudar mais, como também fazem muitos sacrifícios para suportar os seus filhos, para estudarem com melhores condições. Em particular, em décadas anteriores, muitos pais chineses vendiam as suas casas para os seus filhos poderem estudar nas grandes cidades ou no estrangeiro onde se encontrava melhor

educação. Nota-se uma grande diferença no número de chineses que vêm estudar para Portugal financiados apenas pelos pais e nos jovens portugueses que se veem impedidos de frequentarem educação superior no estrangeiro, uma vez que estão sobretudo dependentes de bolsas públicas (Xia, 2016, p.26).

- **Indulgência vs. Restrição**

Como demonstrando na figura 8, observa-se que Portugal e a China são países com índices de restrição aproximados. Na verdade, a cultura de restrição está enraizada na cultura chinesa há muito tempo. O Taoísmo é um elemento crucial na cultura chinesa quanto se ambiciona algo, a qual vive não só na cultura de comida e de medicina tradicional chinesa, mas também nas práticas comportamentais. O Taoísmo apresenta-nos o conceito de Yin e Yang; os chineses acreditam que, quando o equilíbrio de Yin e Yang é destruído pela indulgência, os problemas emergem. O conceito de Yin e Yang orienta os comportamentos dos chineses no dia-a-dia e segue-se a regra de que as restrições ajudam a equilibrar o funcionamento global da vida. Na China, como mencionado nas dimensões de masculinidade e de orientação a longo prazo, os chineses despendem mais tempo para estudar ou trabalhar para estarem preparados e, em simultâneo economizam, que numa menor apetência e menos oportunidades para praticarem atividades indulgentes.

No que toca a Portugal, o resultado também ilustra que os portugueses se limitam aos seus desejos imediatos e necessidades. Portugal está entre os países altamente restritivos, segundo a opinião de alguns autores devido ao pensamento católico vigente e ao regime autoritário que viveu durante várias décadas (Xia, 2016, p. 26). Talvez também por causa da situação económica portuguesa e da queda da sua taxa de poupança, os portugueses têm de restringir as suas atividades de ócio.

2.2. Comunicação intercultural

A comunicação intercultural refere-se, geralmente, à atividade comunicativa e interativa realizada quando se assiste ao encontro de duas culturas distintas. Por sua

vez, as particularidades específicas de cada cultura e o desconhecimento do Outro são frequentemente a causa de problemas de comunicação intercultural.

A palavra “comunicação” tem origem no termo latim “communicare”, que significa “partilhar”, “tornar comum”. Comunicação é o resultado e a causa do diálogo e a forma natural de os seres humanos se relacionarem e sobreviverem (Bauru, 2006, p.50, original de Andrade, 1993, p.103).

O termo comunicação intercultural refere-se ao processo de comunicação que se realiza entre pessoas de contextos culturais heterogêneos, quer sejam de países diferentes quer entre sujeitos do mesmo país mas com subculturas distintas (Shibata, 1998, p.105). Edward Hall afirma que cultura é comunicação (Shibata, 1998, p.106, original de Edward, 1976), isto é, tudo ao nosso redor são formas de comunicação. Não conseguimos não comunicar; uma vez que muito de nós é culturalmente determinado, a nossa cultura então transforma-se no nosso modo de comunicação (Shibata, 1998, p.106).

Os problemas surgem quando o indivíduo se encontra com os outros, cujos sistemas de símbolos e sinais próprios se desviam tanto do seu que as reações são inevitáveis, conduzindo eventualmente à incompreensão. Nesse caso, percepções, interpretações, compreensões errôneas e até conflitos são quase pré-programadas e muitas vezes ocorrem quando observando, interpretando e caracterizando os comportamentos do outro (Thomas, Kinast & Schroll-Machl, 2010, p.86, original de Thomas, 2000).

De acordo com Ramos (2001, p.166), a comunicação intercultural envolve os problemas e os processos de interação verbais e não verbais entre indivíduos pertencentes a grupos ou subgrupos culturais diferentes em contextos situacionais variados e a variação cultural na percepção dos objetos e dos acontecimentos sociais.

A falta de comunicação intercultural ou a comunicação cultural ineficaz pode conduzir a dificuldades de adaptação e interação, podendo os indivíduos sentir confusão, até mesmo desconforto perante os fatores não familiares. Podemos, então,

imaginar uma conversa entre os dois interlocutores de culturas distintas: de um lado um sujeito que não pretende exprimir aquilo que é interpretado pelo outro interlocutor, e do outro, um interlocutor que pensa da sua forma com espontaneidade, o que poderá conduzir ao conflito e ao desagrado. Por isso, é necessário ter em conta os traços distintivos de cada grupo cultural e assumir uma atitude de respeito pelas diferenças. Assim facilita-se a concretização da comunicação e evitam-se eventuais problemas entre os interlocutores durante o processo de convivência.

2.3. Adaptação

A questão da adaptação é um tema incontornável quando se fala de indivíduos que vivem noutros países, com tantas diferenças em seu redor. A adaptação é uma noção que abarca os valores, os costumes, as tradições, os pensamentos, a língua, etc. No seu sentido mais geral, adaptação refere-se a mudanças que têm lugar nos indivíduos ou nos grupos em resposta a exigências ambientais (Berry, 1997, p.9). A função do processo de adaptação consiste em manter ou aumentar a possibilidade de agir de forma apropriada em todas as situações possíveis (Gillert, 2001, p.26).

Partindo deste pressuposto, pretende-se seguidamente apresentar alguns modelos de adaptação que nos permitirão compreender a base deste processo e demonstrar quais os problemas e os desafios comuns com que os imigrantes se deparam.

2.3.1. A identidade cultural

A identidade cultural é a herança recebida de uma certa cultura. Stuart Hall, teorista cultural britânico, propôs o seu entendimento de identidade cultural na obra *Cultural Identity and Diaspora* em 1996:

There are at least two different ways of thinking about 'cultural identity'. The first position defines 'cultural identity' in terms of one, shared culture, a sort of collective 'one true self', hiding inside the many other, more superficial or artificially imposed 'selves', which people with a shared history and ancestry hold in common. Within the terms of this definition, our cultural identities reflect the common historical experiences and shared cultural codes which provide us, as 'one people', with stable, unchanging and continuous frames of reference and meaning,

beneath the shifting divisions and vicissitudes of our actual history (Pines, p.223).

A identidade de um grupo caracteriza-se pela sua própria cultura partilhada e orienta os comportamentos segundo as próprias regras. Isto é, cada cultura é dotada das suas peculiaridades e distingue-se das outras. Quando as pessoas oriundas de outra cultura vivem noutra ambiente cultural, a identidade cultural deste ambiente pode tanto recusar ou aceitar a coexistência de ambas as culturas. Em resultado da imigração, muitas sociedades são culturalmente plurais, formando-se, assim, grupos culturais que não são iguais em termos de poder (numérico, económico e político). Essas diferenças de poder dão origem aos termos “a maioria”, “a minoria”, “o grupo de etnia” e etc. (Berry, 1997, p.8). A diferenciação de identidade cultural divide todos os indivíduos em grupos, que podem suscitar a curiosidade entre pessoas vindas das culturas distintas, no entanto, pode também levar a um sentido negativo como a xenofobia, o que terá consequências no processo de adaptação e integração do indivíduo migrante.

No processo da adaptação destes indivíduos à sociedade de acolhimento, a troca de símbolos culturais e o impacto de situações de adversidade vividas desafiam a sua identidade, sendo que, para além das condições objetivas de vida, o indivíduo confronta-se também com um contexto culturalmente diverso onde terá que interagir, interpretando comportamentos e práticas, os quais terá que articular com os próprios da sua cultura (Pimentel, 2006, p.41). Para os imigrantes com características de identidade cultural muito distintas das do país de acolhimento, as dificuldades de adaptação serão inevitavelmente maiores.

2.3.2. Modelos da adaptação cultural

A definição clássica de aculturação foi apresentada por Redfield, Linton e Herskovits (1936, p.149): “Acculturation comprehends those phenomena which result when groups of individuals having different cultures come into continuous first-hand contact, with subsequent changes in the original cultural patterns of either or both groups”. Com as tais alterações de padrão, é normal que os visitantes sintam um

choque cultural quando se encontram num novo ambiente.

A adaptação cultural é um processo complexo que conduz a vários resultados. A este respeito, Hofstede (2010, p.384) refere que “Intercultural encounters are often accompanied by similar psychological and social processes. The simplest form of intercultural encounters is between one foreign individual and a new cultural environment”.

Hofstede (2010, p.384) acredita que os estrangeiros normalmente experimentam alguns tipos de choque cultural porque os valores que obtemos são adquiridos quando somos mais jovens, sendo normal não termos a consciência deles. Esses valores formam a base das nossas manifestações de cultura conscientes e mais superficiais. As pessoas que passam a residir num ambiente cultural estrangeiro apresentam uma mudança de sentimentos que, por norma, tende a seguir o padrão evolutivo ilustrado na Figura 9:

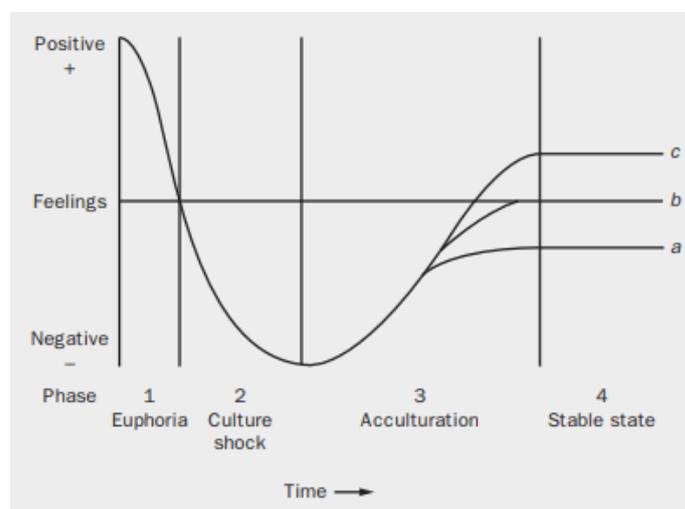


Figura 9: Curva de aculturação
Fonte: Hofstede, 2010, p.385

Como se pode observar, o processo de aculturação percorre quatro fases ou períodos distintos: primeiramente o indivíduo passa por um estado de euforia, depois emerge o choque cultural seguido de um período de aculturação, atingindo, por fim, a um estado de estabilização. Segundo Hofstede (2010, pp. 384-385), a primeira fase é curta, sendo comparada a uma lua-de-mel, marcada pelo entusiasmo da viagem e do

conhecer um sítio novo. A segunda fase diz respeito ao período de choque cultural que se instala quando a nova vida começa nesse novo ambiente. A fase 3, aculturação, inicia-se quando o visitante aprende, gradualmente, a funcionar sob as novas condições, adota alguns dos valores locais, e sente a sua autoconfiança aumentar à medida que se integra nas novas redes sociais. A fase 4, por fim, é o período em que se atinge a estabilidade. Tal como nos explica o autor, “it may remain negative compared with home 4(a), for example, if the visitor continues to feel alienated and discriminated against. It may be just as good as before (4b), in which case the visitor can be considered to be biculturally adapted, or it may be better (4c)”

É ainda importante reforçar que o termo “aculturação” não é sinónimo de “assimilação”. A assimilação é apenas perder as características originais e absorver as novas particularidades e a aculturação é um processo que mantém as originais e as novas.

(...) A adaptação no novo ambiente não é um processo em que os novos elementos culturais são simplesmente adicionados às condições internas anteriores. Como a nova aprendizagem ocorre, a desculturação de pelo menos alguns velhos elementos culturais tem de ocorrer, isto é, as novas respostas são adotadas em situações que antes iam evocar os velhos elementos (...) Como a interação de aculturação e desculturação continua, o recém-chegado recebe a transformação interna. Claro, a alteração dos valores básicos é bastante difícil, e ocorre lentamente (Kim, 2001, p.51).

De acordo com a perspectiva do psicólogo coreano Young Yun Kim, a mudança interna quando ocorre um processo de aculturação, é obrigatória. Perante as diferenças culturais, o indivíduo adapta-se voluntariamente e absorve os elementos do novo ambiente, processo que se desenrola ao longo de 3 fases, como se ilustra através do modelo de aculturação e desculturação seguinte (Figura 10):

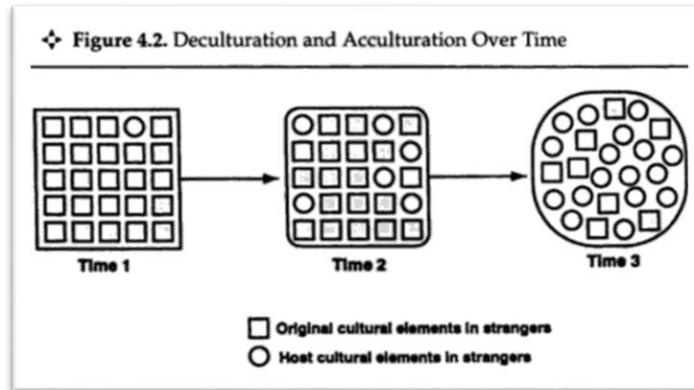


Figura 10: O modelo de aculturação e desculturação

Fonte: Kim, 2001, p.54

Quando colocado num novo ambiente pela primeira vez, o indivíduo integrou poucos elementos fora da sua cultura original; contudo, com o passar do tempo e o contacto contínuo com a nova cultura, passa a integrar cada vez mais elementos, tornando-se, idealmente, os traços identitários da sua cultura compatíveis com o novo ambiente cultural.

No seu livro *Becoming intercultural: An integrative Theory of Communication and Cross-Cultural Adaptation* Kim (2001) apresenta-nos igualmente um processo que designou de “Stress-Adaptation-Growth Dynamic”, através do qual procura demonstrar que a aculturação resulta da pressão externa a que o indivíduo é sujeito para se adaptar às regras vigentes, as quais foram criadas pelo grupo em maioria.

A este respeito e como se ilustra na Figura 11, a progressão do indivíduo não é linear, mas sim circular, caracterizando-se por um movimento constante de avanços e recuos. Kim considera que quando o indivíduo se insere numa nova cultura, a cada experiência stressante há um recuo, o qual, por seu turno, ativa a energia de adaptação e motiva o migrante a uma reorganização e a avançar no sentido de atingir o crescimento e a adaptação pelos quais anseia (Kim, 2001, pp.56-57).

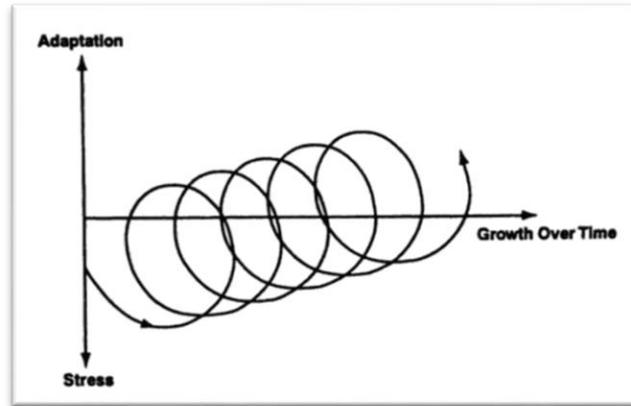


Figura 11: O modelo de processo de adaptação
 Fonte: Kim, 2001, p.57

O psicólogo John W. Berry criou um modelo de adaptação que assenta em quatro categorias estratégicas de aculturação: i) assimilação, ii) separação, iii) integração e iv) marginalização (Berry, 1997, p.9). O autor considera que em todas as sociedades ou grupos plurais prevalecem dois problemas que precisam sempre de ser resolvidos (Figura 12): por um lado, o problema da manutenção das próprias características culturais (*Issue 1*) e, por outro lado, a importância dada / a dar ao contacto e participação na sociedade de acolhimento (*Issue 2*).

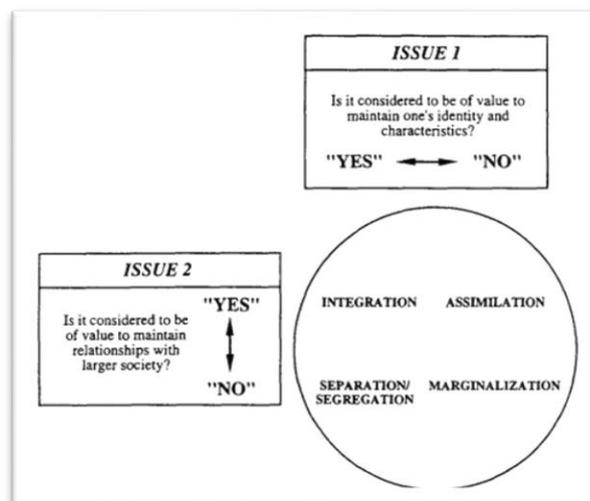


Figura 12: O modelo de adaptação de J. Berry
 Fonte: Berry, 1997, p.10

A estas duas perguntas podemos responder negativa ou afirmativamente,

podendo estas respostas cruzar-se para definir as quatro estratégias de aculturação propostas pelo autor. Por um lado, quando o indivíduo não faz questão de manter a sua identidade cultural e busca a interação quotidiana com outras culturas, a estratégia de assimilação é definida. Ao invés, quando os migrantes mantêm os seus valores originais e querem evitar a interação com outros, a separação é a estratégia definida. Por outro lado, quando existe a intenção de manter a própria cultura e, ao mesmo tempo, a vontade de interagir com os outros, a estratégia de integração é uma opção. Quando há baixo interesse ou possibilidade de manutenção cultural e pouco interesse em se relacionar com o ambiente externo, a estratégia de marginalização é definida. O modelo é baseado na suposição de que as pessoas são livres para escolher as suas estratégias interculturais (Berry, 1997, p.9).

Como explicado nos modelos acima apresentados, verificamos que o processo de aculturação representa, acima de tudo, um longo caminho a percorrer. Os imigrantes, ao ter que adaptar os valores e normas do seu padrão cultural original aos da sociedade de acolhimento, sentem pois, por vezes, que a sua adaptação é um grande desafio a ultrapassar. A adaptação é, em suma, um processo gradual que leva tempo. Cada indivíduo tem os seus problemas e as suas dificuldades de adaptação e nem todos têm as mesmas competências de adaptação, as quais são afetadas por muitas razões, nomeadamente a faixa etária, o conhecimento da cultura, a própria personalidade, etc.

Face às discrepâncias culturais, cada indivíduo tem mais ou menos vontade de se integrar e interagir com os membros da outra cultura, dependendo tal, frequentemente, do motivo que em primeira instância conduziu à situação de imigração. Por exemplo, muitos imigrantes chineses que trabalham em lojas chinesas ou restaurantes chineses vêm para Portugal apenas com objetivo de ganhar dinheiro, vivendo por isso sempre dentro da comunidade chinesa. Esse grupo de imigrantes chineses, no fundo, manifesta a sua opção pela separação, considerando central a manutenção das suas características culturais (*Issue 1*) e prescindindo do estabelecimento de relações com o grupo dominante (*Issue 2*).

Capítulo 3 - Adaptação, integração e comunicação intercultural: estudo da perceção da comunidade chinesa a residir em Portugal

No segundo capítulo, o autor apresenta alguns conceitos e teorias no que diz respeito ao lugar da cultura no processo de comunicação, entendendo-se que a adaptação e a integração são processos graduais, nos quais todos os indivíduos podem demonstrar um grau diferente de adaptação à nova cultura.

Com o objetivo de investigar situações reais de imigrantes chineses a residir em Portugal, o autor elaborou um questionário e procedeu à recolha de dados junto de uma amostra de sujeitos chineses. Os resultados obtidos permitem caracterizar uma parte da comunidade chinesa residente em Portugal e avaliar a sua perceção no que diz respeito ao seu processo de adaptação e integração na sociedade portuguesa, procedendo-se ainda a uma reflexão crítica na qual se identificam os problemas existentes e os aspetos que podem ser melhorados no futuro.

3.1. Metodologia

O presente estudo é baseado na perceção de um conjunto de imigrantes chineses residentes em Portugal. Com o gradual aumento da comunidade chinesa e o desenvolvimento das relações Portugal-China, os motivos da imigração chinesa para Portugal têm-se alterado ao longo das últimas décadas. Em simultâneo, o processo de adaptação e integração destes indivíduos na sociedade portuguesa tem variado também, razão pela qual neste estudo se pretende proceder a uma reflexão sobre a evolução da comunidade chinesa e sobre a situação atual deste grupo em Portugal. Para obter resultados que possam refletir a situação real, o autor expandiu a amostra o mais possível, distribuindo o questionário por si elaborado a um leque de setores o mais variado possível.

Concluído o processo de recolha de dados, o autor obteve 103 respostas válidas dadas por imigrantes chineses residentes em Portugal, pertencendo a faixas etárias distintas e com profissões heterogéneas. Ressalve-se que os dados apresentados não são representativos de todos os imigrantes chineses, apenas da amostra, no entanto, pensa-se que representarão a situação de adaptação e integração da comunidade chinesa em geral.

Inicialmente, o autor pretendia contactar os inquiridos diretamente, distribuir os questionários e anotar as respostas. Posteriormente, deparou-se com algumas dificuldades na recolha de dados para o presente estudo, especialmente dificuldades motivadas pelo isolamento imposto pelo atual estado de emergência pandémica, tendo depois optado por contactar os inquiridos através das redes sociais e também por distribuir os questionários em lojas.

O objetivo do presente trabalho é o de estudar o processo de adaptação e integração dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa e aferir a perceção de três grupos desta comunidade, a saber, os estudantes, os empregados e os investidores. Neste sentido, o autor desenvolveu 3 questionários (Anexos 1, 2, 3). Os questionários para estudantes e para classe trabalhadora são constituídos por 46 perguntas e o questionário para investidores reúne 48 perguntas. Cada questionário divide-se em três partes: 1) “Caracterização e situação gerais da amostra”, 2) “Autoavaliação de adaptação e integração” e 3) “Situação específica de cada grupo”. A primeira e a segunda partes são comuns aos três questionários, sendo que a terceira parte é, então, constituída por questões específicas a cada um dos perfis que se pretendia estudar.

O autor optou por predefinir a maioria das questões como sendo de resposta obrigatória. No questionário, há três categorias de perguntas fechadas: de escolha única, de escolha múltipla e com uma escala de tipo Likert. O autor elaborou o maior número possível de perguntas fechadas para reduzir o tempo de preenchimento do questionário, no entanto, propôs também algumas perguntas abertas com o objetivo de obter resultados mais pormenorizados.

Na primeira parte do questionário, “Caracterização e situação gerais”, são colocadas 31 perguntas que pretendem reunir informação individual, características dos imigrantes chineses em Portugal e a situação geral do processo de adaptação e integração. As perguntas são concebidas para caracterizar os imigrantes chineses e definidas de acordo com os modelos de Kim (2001) e Berry (1997). Para além destas, o autor elaborou questões que pretendem reunir as opiniões dos inquiridos em relação à cultura e sociedade portuguesas e aos portugueses. É de salientar que estas questões não foram elaboradas de forma arbitrária, mas em linha com alguns dos aspetos delineados no enquadramento teórico do presente trabalho.

Na segunda parte do questionário, “Autoavaliação do processo de adaptação e integração”, foram elaboradas 5 perguntas que permitem uma análise geral do processo de adaptação e integração da comunidade chinesa em Portugal, servindo para complementar a perspetiva que os chineses têm da vida em Portugal e ajudar a formar uma conclusão mais completa. Nesta parte solicita-se que os inquiridos procedam a uma autoavaliação no que diz respeito a cinco aspetos de adaptação e integração, numa escala de cinco níveis. Ao elaborar as questões, o autor procurou avaliar a adaptação intercultural dos inquiridos em duas dimensões: a adaptação sociocultural e a adaptação psicológica, através de teoria de Ward. Em articulação com a análise da primeira parte do inquérito, podemos verificar de que forma e quais são os fatores que impedem o processo de adaptação e integração transculturais dos chineses a residir em Portugal e de que forma podemos melhorar os problemas de comunicação e convivência.

Na terceira parte do questionário, “Análise da situação específica de cada grupo”, são propostas, respetivamente, 10 perguntas específicas para o grupo de estudantes chineses e o grupo da classe trabalhadora chinesa e 12 perguntas para o grupo de investidores chineses. Esta secção inclui 4 questões relevantes aos contextos básicos de cada grupo de imigrantes chineses e, respetivamente, 5 questões relativas ao processo de adaptação e integração para estudantes e trabalhadores chineses e 7 questões sobre o processo de adaptação e integração para investidores chineses. No

final é colocada uma questão que pretende avaliar a vontade ou intenção dos inquiridos continuarem a viver em Portugal.

Depois de elaborar uma primeira versão do questionário, o autor enviou os três questionários, primeiramente à sua orientadora para revisão, e depois a duas pessoas de cada grupo passíveis de serem integradas na amostra, pedindo-lhes que o preenchessem, testando-se, assim, a adequação das questões no questionário.

Ultrapassada a fase do pré-teste, o autor optou por contactar os inquiridos por Wechat, uma aplicação muito utilizada entre os chineses, e enviar-lhes um *link* para o *google form*. Considerando que os inquiridos eram todos chineses, o autor traduziu o questionário para Mandarim, com o objetivo de que conseguissem compreender com mais facilidade e precisão.

Através de Wechat, o autor contactou então diretamente um conjunto de chineses residentes em Portugal, tendo também enviado o *link* a alguns *group-chats* de imigrantes, solicitando-lhes o preenchimento do questionário que melhor se adequasse ao seu perfil (estudante/trabalhador/investidor). Foi-lhes pedido que o reencaminhassem para amigos ou colegas que também vivessem em Portugal. Para poder recolher mais dados, o autor também enviou o questionário a lojas de imigrantes chineses. No final deste processo, o autor recebeu 103 respostas, sendo 42 enviadas por estudantes, 30 por trabalhadores e 31 por investidores. Nos pontos seguintes, o autor irá proceder à apresentação e análise dos resultados dos questionários aplicados a esta amostra.

3.2. Apresentação e análise dos dados recolhidos

3.2.1. Caracterização da amostra

De acordo com os dados recebidos, como mostrado na figura 13, dos 103 inquiridos, 34 são do género masculino (33%) e 69 são do género feminino (67%). Como se observa na figura 14, verificamos que 62 dos inquiridos pertencem à faixa

etária entre 20 e 30 anos (60,2%); 23 inquiridos têm idades compreendidas entre 31 e 40 anos (22%); 16 pessoas têm mais de 40 anos (15,5%); há apenas 2 pessoas com idade inferior a 20 anos (2%).

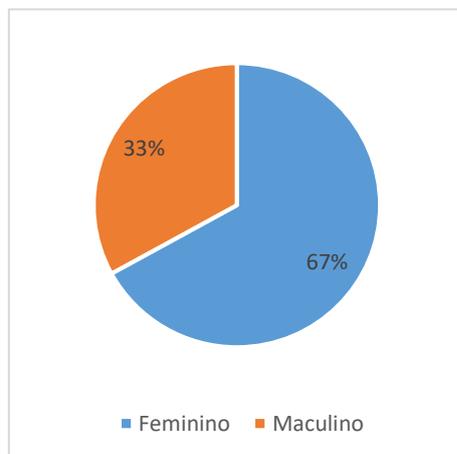


Figura 13: Distribuição dos inquiridos por género

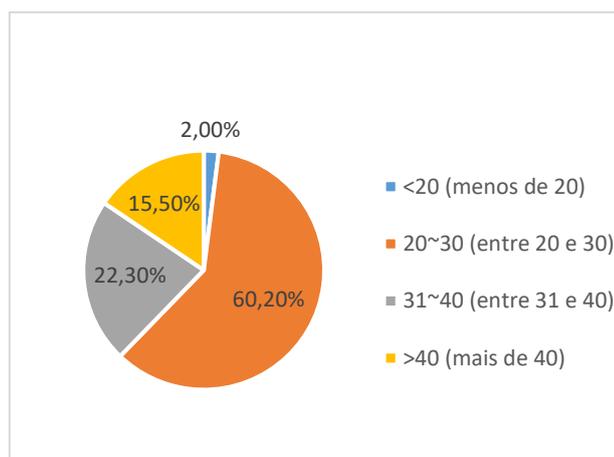


Figura 14: Distribuição dos inquiridos por idade

Com respeito ao grau de escolaridade (Figura 15), quase metade dos inquiridos (51 respondentes, 49,5%) são titulares de licenciatura ou de um grau de escolaridade mais elevado; os restantes 52 inquiridos (50,5%) têm um grau de escolaridade abaixo da licenciatura.

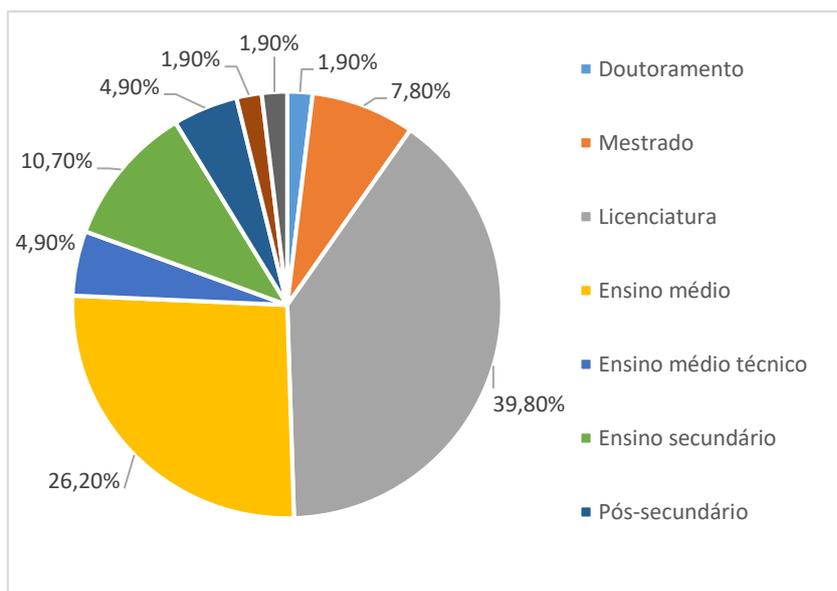


Figura 15: Distribuição dos inquiridos por grau de escolaridade

Destes 103 inquiridos, uma pessoa não quis referir o local de origem na China. Como se observa na Figura 16, 26 inquiridos vêm da província de Zhejiang; 11 inquiridos são oriundos da província de Shandong; 8 inquiridos têm origem na província de Sichuan; 7 pessoas são oriundas da província de Guangdong (Cantão); 5 inquiridos são provenientes da província de Heilongjiang, 5 inquiridos são da província de Liaoning e os restantes inquiridos vêm de outras regiões chinesas. Como referido, a maioria dos inquiridos chegam da província de Zhejiang, que é a origem tradicional dos imigrantes chineses em Portugal; da província de Shandong, local de origem da vaga migratória para Portugal, chega o segundo maior grupo de inquiridos. No mapa, podemos constatar que a origem dos inquiridos é bastante diversa. Para além de chegarem a partir de locais tradicionalmente associados à migração para Portugal, há também muitos inquiridos que vêm de novos sítios.

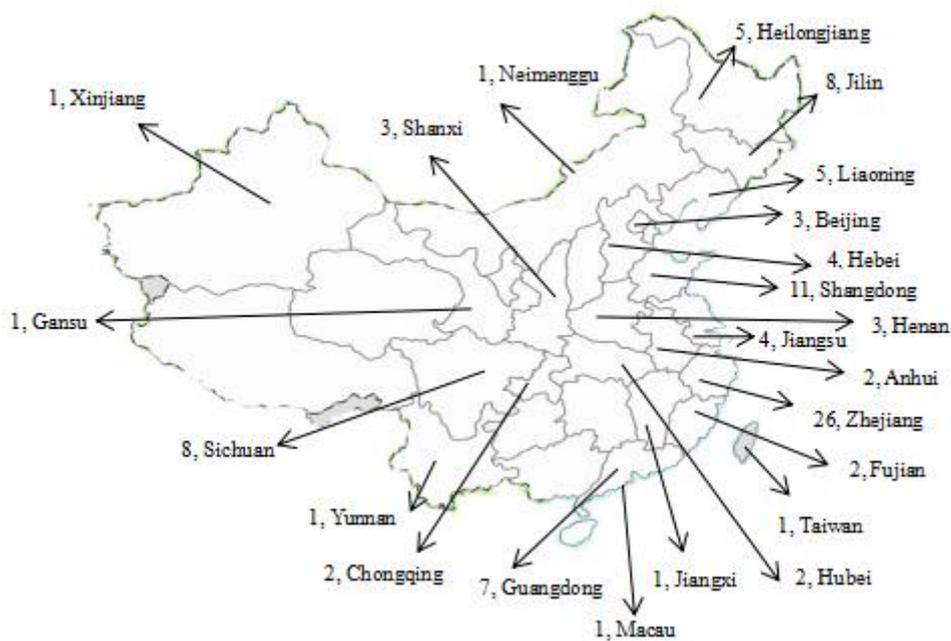


Figura 16: Distribuição dos inquiridos por local de origem na China

Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito ao local de residência em Portugal, 50 inquiridos moram em Lisboa, 26 residem em Aveiro, 10 em Leiria, 5 no Porto e os restantes moram em cidades como Sintra, Coimbra, Cascais, Braga, Peniche, Quarteira, Cantanhede, Albufeira e Viseu. A partir dos dados da amostra, podemos concluir que os inquiridos se estabelecem maioritariamente nas grandes cidades e nas cidades onde existe um projeto de aprendizagem entre as universidades portuguesas e chinesas, nomeadamente Lisboa, Aveiro, Leiria e o Porto.

Quanto às pessoas com quem vivem em Portugal (Figura 17), 42 inquiridos (40,8%) afirmaram viver com família; 29 pessoas (28,2%) indicaram viver sozinhos; 21 inquiridos (20,4%) vivem com amigos; apenas 11 pessoas (10,7%) indicaram viver com namorado(a).

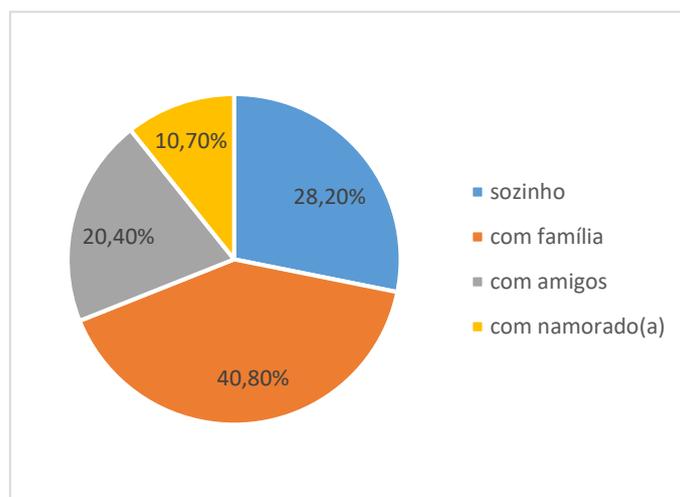


Figura 17: Distribuição dos inquiridos por pessoas com quem vive em Portugal

No que diz respeito à nacionalidade das pessoas com quem residem em Portugal (Figura 18), no universo de 103 inquiridos, 63 pessoas (61,2%) indicaram morar com chineses; 21 inquiridos (20,4%) indicaram morar com portugueses; 17 pessoas (16,5%) afirmaram morar sozinhas; apenas 2 pessoas (1,9%) moram com portugueses e chineses.

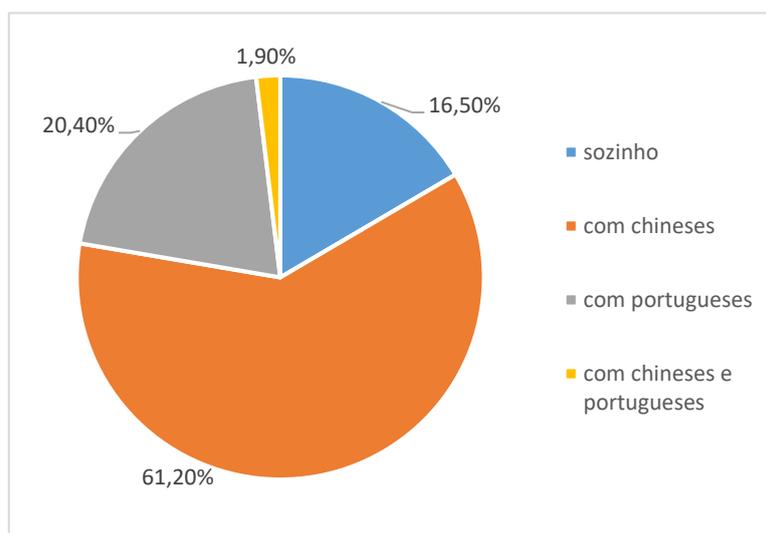


Figura 18: Distribuição dos inquiridos por nacionalidade das pessoas com quem residem em Portugal

Como demonstrado na figura 19, na questão “Gosta/Gostaria de morar com portugueses?”, 43 inquiridos (41,7%) escolheram a resposta “Não”, 40 inquiridos (38,8%) escolheram a resposta “Indiferente” e 20 pessoas (19,4%) afirmaram gostar de morar com portugueses. A partir da figura 19, podemos concluir que genericamente os inquiridos não sentem vontade de partilhar o seu quotidiano com portugueses e uma porção considerável deles não quer morar com portugueses. As razões subjacentes a tal atitude talvez sejam as diferenças culturais ou a ansiedade de incertezas de viver com outro povo.

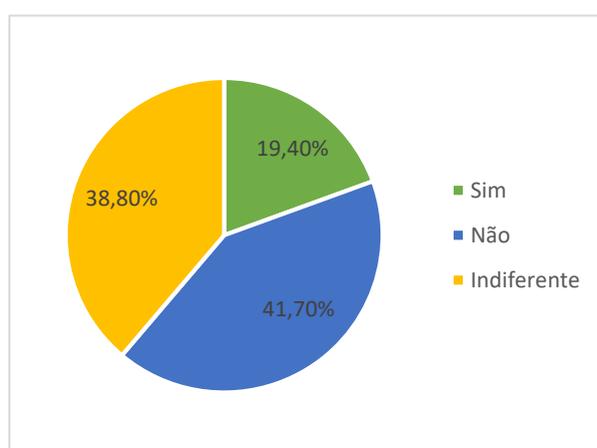


Figura 19: Distribuição dos inquiridos por gosta/gostaria de morar com portugueses

À questão seguinte “Quando precisa de algumas informações, recorre à comunidade chinesa ou portuguesa?” (Figura 20), 42 pessoas (40,8%) afirmaram recorrer à comunidade chinesa, 6 pessoas (5,8%) indicaram recorrer à comunidade portuguesa, 53 inquiridos (51,5%) indicaram recorrer às duas comunidades. Nos dados recolhidos, uma pessoa (1%) escolheu “Outro” mas não indicou a que comunidade costuma pedir a ajuda e uma pessoa (1%) respondeu que costuma recorrer à família sem indicar mais nada específico. De acordo com estes resultados, podemos concluir que em alguns casos há mais de 90% dos inquiridos que recorrem à comunidade chinesa, ou seja, os inquiridos dependem muito da comunidade chinesa quanto aos métodos de informação.

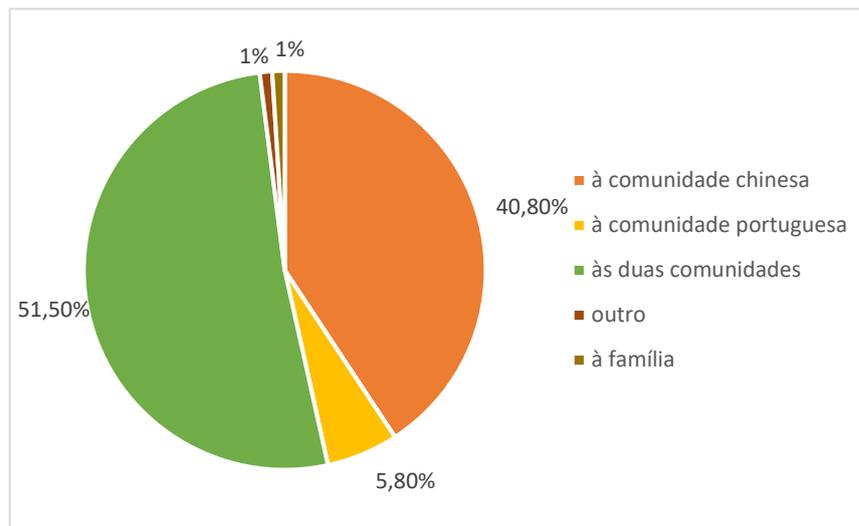


Figura 20: Questão “Quando precisa de algumas informações, recorre à comunidade chinesa ou portuguesa?”

Na questão de resposta múltipla no que toca às impressões sobre o ambiente da sociedade portuguesa, o autor recebeu 134 respostas, sendo 53 “lento”, 44 “confortável”, 27 “sossego”, 5 “organizado”, 3 “desorganizado” e 2 “mais ou menos como na China”.

Quanto às características da sociedade portuguesa de que mais gosta, como se ilustra na figura 21, 60 pessoas (58,3%) escolheram “Clima”, 26 pessoas (25,2%) elegeram a “Tranquilidade”, 7 pessoas (6,8%) escolheram “Segurança”, 6 pessoas (5,8%) indicaram “Comida”, 2 pessoas (1,9%) indicaram “Inclusão de culturas e raças diferentes”, 1 pessoa (1%) indicou “Qualidade de pessoa” e 1 pessoa (1%) “Abertura de pensamento”. Podemos dizer então que a tranquilidade e o clima portugueses podem ser os fatores mais essenciais para os inquiridos decidirem viver em Portugal.

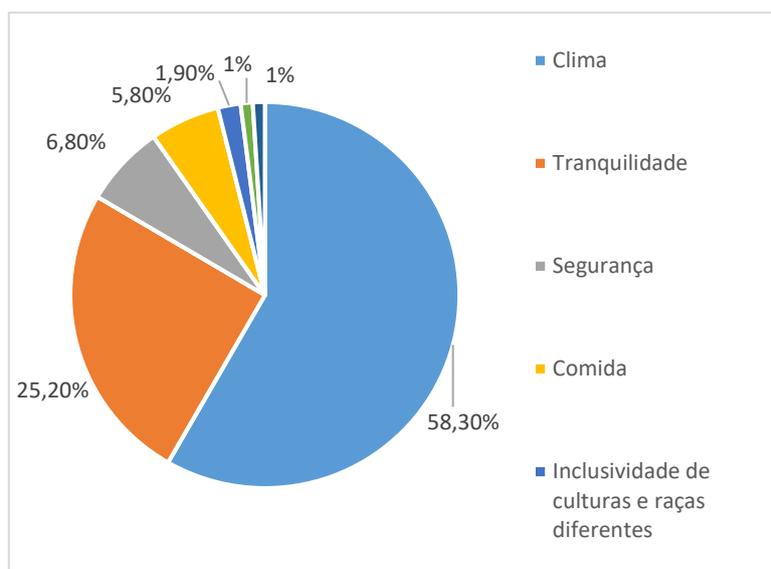


Figura 21: Questão “As características de Portugal de que mais gosta? ”

Na questão seguinte “Quais são as características da sociedade portuguesa de que menos gosta?” (Figura 22), 92 pessoas (89,3%) indicaram que foi a ausência de “Eficiência”; 4 pessoas (3,9%) escolheram “Comida” e 4 pessoas (3,9%) escolheram “Burocracia”; apenas 2 pessoas (1,9%) afirmaram desgostar do clima em Portugal e uma pessoa (1%) apontou que não gosta de ladrões. Consoante os dados, a esmagadora maioria dos inquiridos não estão satisfeitos com a eficiência em Portugal, o que corresponde às impressões dos inquiridos que acham o ambiente de Portugal ser muito lento. É óbvio que para os chineses a eficiência é uma parte importante da vida, já que, como mencionado antes, a sociedade chinesa demonstra o grau mais alto de masculinidade, isto é, a propensão para a competitividade, assertividade e realizações laborais pautadas pelo sucesso.

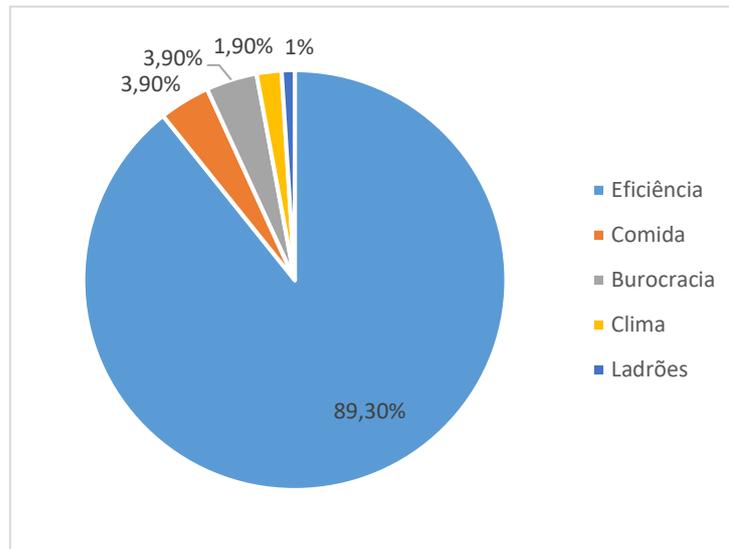


Figura 22: Distribuição dos inquiridos por características de que gosta menos

Quanto à questão de resposta múltipla “Quais são as maiores diferenças entre Portugal e a China?”, o autor recebeu 180 respostas. Segundo os dados recolhidos, a maior diferença reside na atitude perante a vida, com 62 respostas. A segunda maior diferença mais sentida (59 respostas) é a eficiência. 37 respostas afirmaram que a maior diferença é pressão, isto é, o stress de trabalho, e 22 respostas mostraram que é qualidade de vida.

Na questão “Estabelece facilmente amizade com os portugueses?” (Figura 23), 62 inquiridos (60,2%) escolheram “Sim” e 41 inquiridos (39,8%) escolheram “Não”. Na questão seguinte “Tem vontade de travar amizade com os portugueses?” (Figura 24), 83 inquiridos (80,6%) revelaram vontade de travar amizade com os portugueses e 20 pessoas (19,4%) afirmaram não ter vontade. Isto é, na verdade, a maioria dos inquiridos têm vontade de conhecer ou integrar-se mais com os portugueses, mas devido a certos fatores não conseguem fazer amizade facilmente com portugueses como esperado.

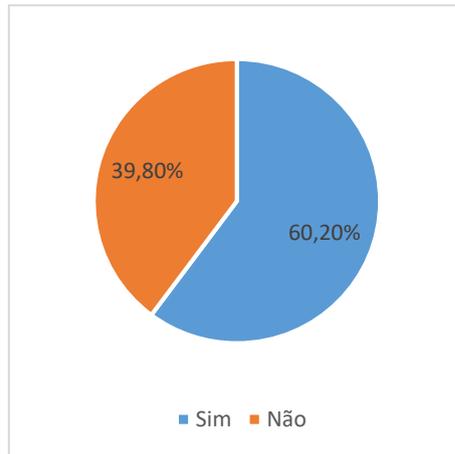


Figura 23: Questão “Faz facilmente amizade com os portugueses?”



Figura 24: Questão “Tem vontade de travar amizade com os portugueses?”

Em relação à questão “Participou em alguma festa portuguesa?” (Figura 25), 80 inquiridos (77,7%) afirmaram já ter participado em alguma festa portuguesa e 23 inquiridos (22,3%) indicaram nunca participar em nenhuma. Na questão seguinte, “Está atento à vida política e social em Portugal?” (Figura 26), 53 pessoas (51,5%) indicaram que sim e 50 pessoas (48,5%) afirmaram que não. Estes dados demonstram que a maioria dos inquiridos tiveram contacto com a cultura portuguesa, todavia não têm um interesse muito forte em se inteirarem de questões de ordem política e social portuguesas.



Figura 25: Questão “Participou em alguma festa portuguesa ?”

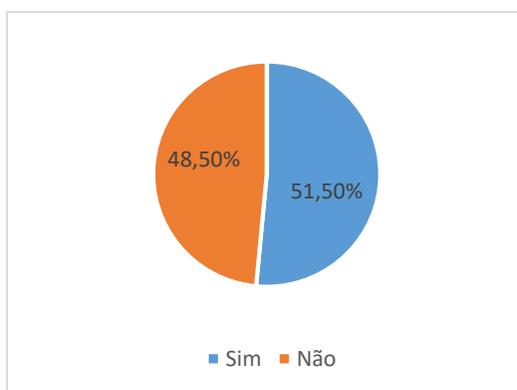


Figura 26: Questão “Está atento à vida política e social em Portugal?”

Na questão “Quando tem dificuldade, prefere pedir a ajuda aos portugueses ou aos chineses?” (Figura 27), 72 inquiridos (69,9%) indicaram preferir pedir a ajuda aos chineses, 16 inquiridos (15,5%) preferem pedir a ajuda aos portugueses e 15 pessoas (14,6%) apontaram que depende da situação. As respostas obtidas permitem concluir que os inquiridos manifestam um alto grau de dependência da comunidade chinesa.

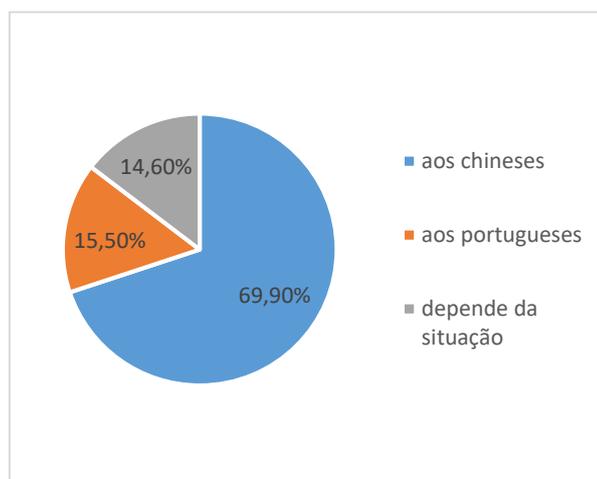


Figura 27: Questão “Quando tem dificuldade, prefere pedir a ajuda aos portugueses ou chineses?”

No que diz respeito à imagem que os Chineses têm dos Portugueses, o autor recebeu 174 respostas, sendo que em 82 respostas se indica que os Portugueses são “amistosos”, 5 respostas indicam “diligentes”, 25 respostas “abertos”, 5 respostas “antipáticos”, 40 respostas “preguiçosos” e 17 respostas “fechados”. Os inquiridos geralmente acham que os portugueses são amigáveis, mas preguiçosos. Considerando que os inquiridos atribuem grande importância à eficiência e à dimensão da masculinidade (tal como é descrita por Hofstede) presentes na cultura chinesa, é normal que percecionem os portugueses como sendo mais preguiçosos.

Em matéria do maior obstáculo no processo de adaptação e integração (Figura 28), a maioria (52 pessoas) indicam que a língua foi o maior obstáculo; 20 inquiridos consideram as normas de relacionamento entre as pessoas; 17 inquiridos indicam a cultura e 14 pessoas apontam para os problemas de comunicação. Obviamente a dificuldade no domínio da língua pode gerar muitos problemas no processo de adaptação e integração. Quer durante as conversas do quotidiano, quer no trabalho, adquirir um bom conhecimento de língua é fundamental para alargar e aprofundar a comunicação, que depois pode aumentar a frequência de interação com portugueses e, por conseguinte, melhorar o processo de adaptação e integração.

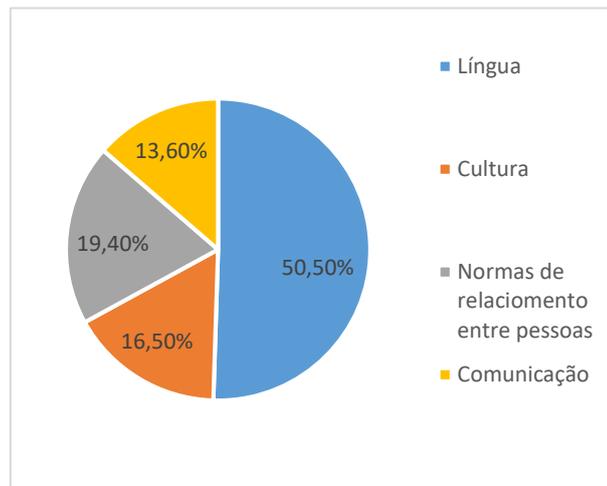


Figura 28: Distribuição dos inquiridos por o maior obstáculo no processo de adaptação e integração

Na questão “Em Portugal, tem mais contacto com a comunidade chinesa ou comunidade portuguesa?” (Figura 29), 88 inquiridos (85,4%) indicaram que têm mais contacto com a comunidade chinesa e apenas 15 inquiridos (14,6%) consideraram ter mais contacto com a comunidade portuguesa. Na questão seguinte (Figura 30), 58 inquiridos (56,3%) indicaram que tiveram algum amigo português próximo e 45 inquiridos (43,7%) indicaram que não tiveram.

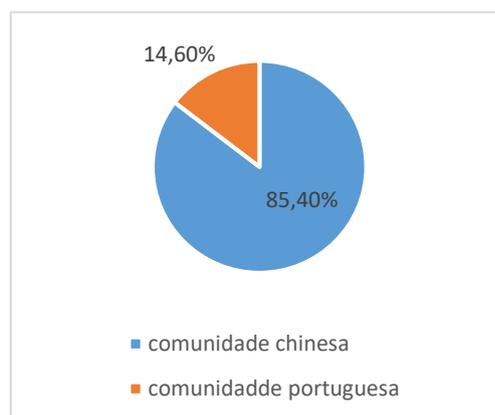


Figura 29: Questão “Em Portugal, tem mais contacto com a comunidade chinesa ou comunidade portuguesa?”

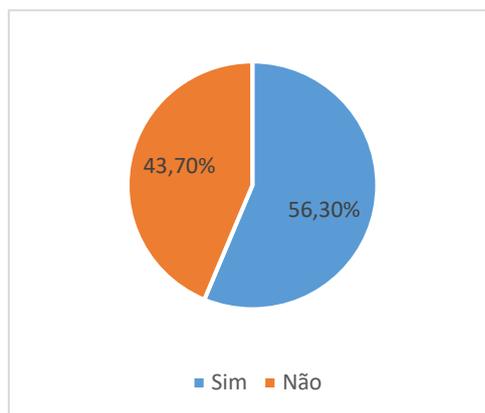


Figura 30: Questão “Tem algum amigo português que lhe seja mais próximo?”

À questão “Nos tempos livres, procura aprender português?” (Figura 31), 79 inquiridos (76,7%) indicaram procurar aprender português quando estão livres; 24 inquiridos (23,3%) mostraram que não querem aprender português nos tempos livres. Quanto à cultura portuguesa (Figura 32), 75 inquiridos (72,8%) indicaram procurar conhecer a cultura portuguesa nos tempos livres e 28 inquiridos (27,2%) não revelaram essa vontade.

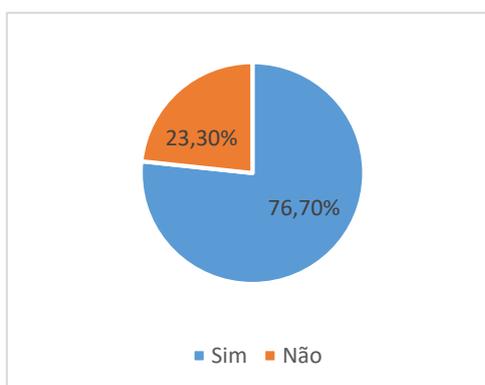


Figura 31: Questão “Nos tempos livres, procura aprender português?”

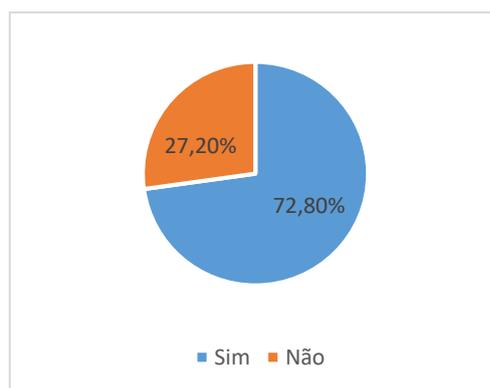


Figura 32: Questão “Nos tempos livres, procura conhecer a cultura portuguesa?”

Na questão “Alguma vez foi alvo de xenofobia ou racismo em Portugal?” (Figura 33), 61 inquiridos (59,2%) indicaram que sofreram xenofobia ou racismo, 42 inquiridos (40,8%) indicaram que não. À questão seguinte “Acha que é tratado(a) de forma igual pelos portugueses?” (Figura 34), 71 inquiridos (68,9%) escolheram “Sim” e 32 inquiridos (31,1%) escolheram “Não”. A xenofobia e o racismo talvez sejam um dos mais significativos fatores que impedem o processo de adaptação e integração, visto que alguns inquiridos podem recear a aproximação dos portugueses ou o viver episódios de discriminação. Contudo, em geral, os Chineses sentem-se tratados de forma igual pelos portugueses.

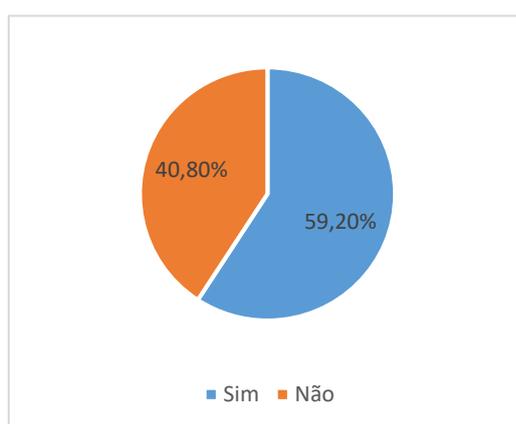


Figura 33: Questão “Alguma vez foi alvo de xenofobia ou racismo?”



Figura 34: Questão “Acha que é tratado(a) de forma igual pelos portugueses?”

Na questão “Antes de ter migrado para Portugal, procurou aprender algo sobre a língua, a cultura e a sociedade portuguesas?” (Figura 35), 60 inquiridos (58,3%) escolheram a resposta “Sim” e 43 inquiridos (41,7%) escolheram a resposta “Não”. Isto é, muitos inquiridos não se prepararam antes início do processo de adaptação e integração.

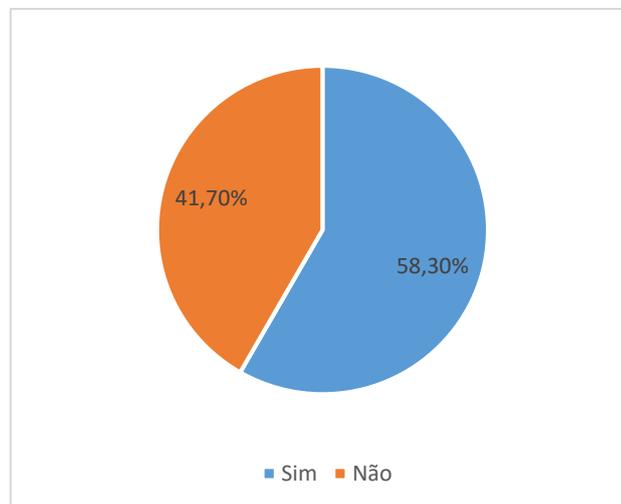


Figura 35: Questão “Antes de ter migrado para Portugal, procurou aprender algo sobre a língua, a cultura e a sociedade portuguesas? ”

No que toca à questão “Depois de ter vivido algum tempo em Portugal, a sua opinião sobre Portugal e os portugueses mudou?”, como se observa na figura 36, 57

inquiridos (55,3%) responderam afirmativamente e 46 inquiridos (44,7%) indicaram que a sua opinião se manteve inalterada.

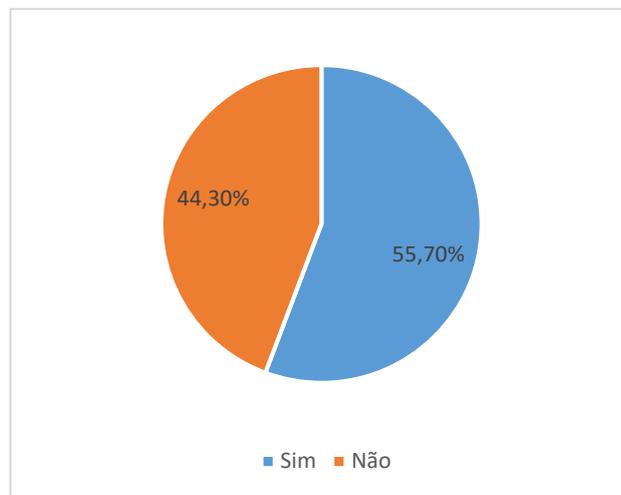


Figura 36: Questão “Depois de ter vivido em Portugal, a sua opinião sobre Portugal e os portugueses mudou?”

Na questão seguinte “Se respondeu ‘Sim’, que aspetos mais divergiram entre a sua ideia inicial e a realidade encontrada?”, as respostas obtidas encontram-se elencadas na tabela 4:

Tabela 4: Os aspetos que mais divergem entre a ideia inicialmente preconcebida e a realidade encontrada

Os portugueses...
Têm diferentes atitudes relativamente à vida e ao dinheiro.
Têm o pensamento mais aberto.
Não é tão difícil dar-se bem com portugueses como pensava.
Têm formas distintas de pensamento e são mais negativos.
Têm melhor qualidade de vida.
São simpáticos.
Os portugueses vindos de cidades diferentes são diferentes.
Mantêm relações distintas entre os amigos e os colegas.
A maioria das pessoas são educadas.
As atitudes para com a família e os amigos são iguais às atitudes dos chineses.
Os portugueses também gostam de arroz.
Têm salários baixos.
Têm formas de viver diferentes.
Portugal é um bom sítio para viajar.
Têm baixa eficiência.
Têm costumes quotidianos diferentes.
Têm pior eficiência do que imaginava.
Têm culturas diferentes no que toca à comida e à comunicação.
São preguiçosos.

Na questão “Acha que os portugueses conhecem bem os chineses?” (Figura 37), 99 inquiridos (96,1%) escolheram “Não” e apenas 4 pessoas (3,9%) escolheram “Sim”, o que revela que, de acordo com a perceção dos respondentes, o conhecimento que os portugueses têm dos chineses é extremamente baixo. Em relação à questão “Considera-se integrado na sociedade portuguesa?” (Figura 38), 71 inquiridos (68,9%) escolheram “Não” e os restantes 32 (31,1%) optaram por “Sim”, ou seja, a maioria

dos inquiridos não se sente integrada. No aspeto sociocultural, o desconhecimento pode levar as pessoas a pensar com base em preconceitos e a criar pressupostos errados durante o processo de comunicação. Talvez seja devido a esta falta de conhecimento dos chineses, alguns inquiridos perdem a vontade de investir na própria integração na sociedade portuguesa e viram-se para os compatriotas, o que faz com que os chineses prefiram rodear-se e depender maioritariamente da comunidade chinesa – atitude que pode determinar o falhanço do processo de adaptação e integração na comunidade de acolhimento.

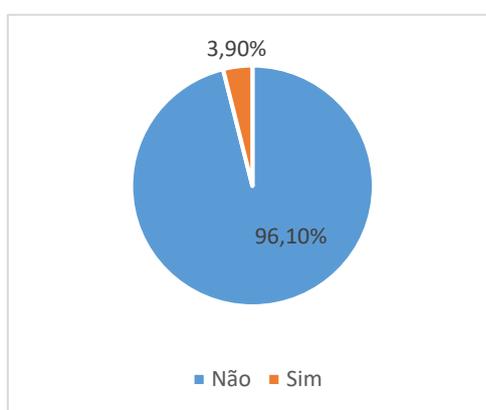


Figura 37: Distribuição dos inquiridos que acredita que os portugueses conhecem bem os chineses

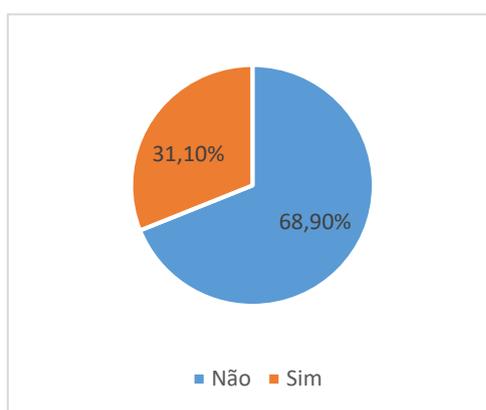


Figura 38: Distribuição dos inquiridos que se considera integrado na sociedade portuguesa

3.2.2. Autoavaliação da população relativa ao processo de adaptação e integração

Na segunda parte do inquérito, “Perceção dos inquiridos relativamente ao seu processo de adaptação e integração em Portugal”, solicitou-se aos inquiridos que avaliassem o seu grau de adaptação e integração em relação à cultura, língua e sociedade portuguesas e, ainda, que avaliassem a sua situação de acolhimento e de convivência com portugueses. Para tal foi adotada uma escala de tipo Linkert, com valores entre 1 a 5, sendo que 1 corresponde ao resultado mais negativo e 5 ao resultado mais positivo: 1. Muito mau; 2. Mau; 3. Razoável; 4. Bom; 5. Muito bom.

Na questão “Como avalia a sua adaptação à cultura portuguesa?”, o resultado da autoavaliação dos inquiridos é o mostrado na figura 39: 45 indivíduos (43,7%) avaliaram a sua adaptação como tendo sido Razoável, 31 inquiridos (30,1%) consideraram a sua adaptação Boa e 13 pessoas (12,6%) Muito boa. Apenas 10 inquiridos (9,8%) avaliaram a sua adaptação como sendo Má e 4 pessoas (3,9%) como sendo Muito má.

De acordo com estes resultados, verificamos que os inquiridos sentem menos dificuldades de adaptação à cultura portuguesa.

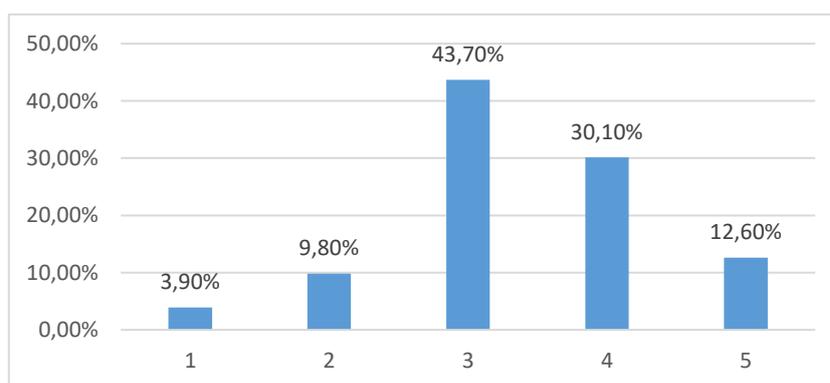


Figura 39: Questão “Como avalia a sua adaptação à cultura portuguesa?”

Em termos da autoavaliação da adaptação à língua portuguesa, como se pode verificar na figura 40, 43 inquiridos (41,7%) avaliaram a sua adaptação em 3 (Razoável). 28 inquiridos (27,2%) avaliaram em 4 e 5 inquiridos (4,9%) em 5, isto é,

Bom e Muito bom, respetivamente. No polo oposto, 18 pessoas (17,5%) avaliaram a sua adaptação à língua em 2 e 9 pessoas (8,7%) em 1, ou seja, como tendo sido Má e Muito má, respetivamente.

Em geral, os inquiridos adaptam-se mais ou menos bem à língua, no entanto, verificamos que são poucos os indivíduos que consideram o seu nível de adaptação à língua como sendo elevado. Em simultâneo, há aproximadamente um quarto dos inquiridos têm dificuldades de adaptação à língua.

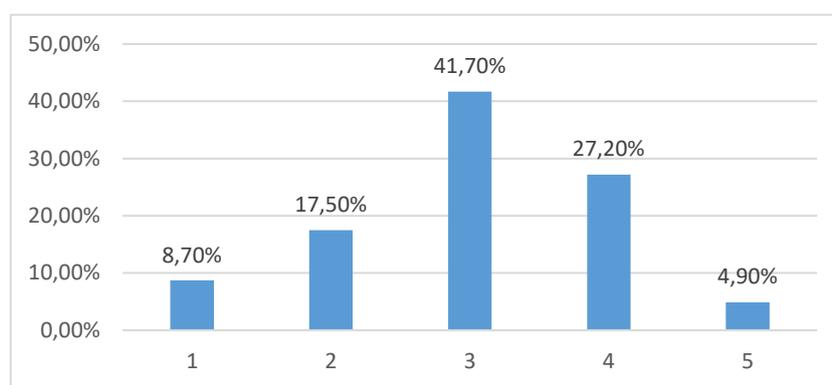


Figura 40: Questão “Como avalia a sua adaptação à língua portuguesa?”

Na questão “Como avalia a sua adaptação à sociedade portuguesa?”, os resultados apresentados na figura 41 demonstram que a maioria dos inquiridos se situa entre o Razoável e o Bom, respetivamente, 41 inquiridos (39,8%) e 36 inquiridos (35%). 10 pessoas (9,7%) avaliaram em 5, 14 pessoas (13,6%) em 2 e apenas dois inquiridos (1,9%) consideraram a sua adaptação à sociedade portuguesa Muito má. No geral, os inquiridos adaptam-se bem à sociedade portuguesa.

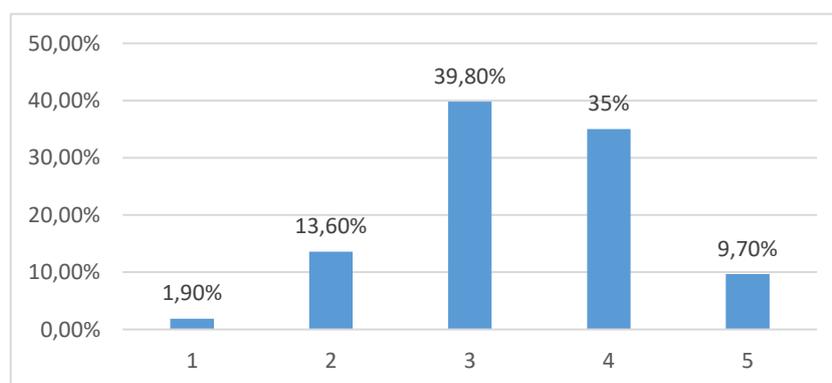


Figura 41: Questão “Como avalia a sua adaptação à sociedade portuguesa?”

No que diz respeito à forma como os respondentes foram acolhidos em Portugal (Figura 42), 42 inquiridos (20,8%) consideraram que o seu processo de acolhimento foi Razoável e 37 inquiridos (35,9%) indicaram que foi Bom. 11 pessoas (10,7%) avaliaram o seu acolhimento em 5, 11 pessoas (10,7%) em 2 e, por fim, 2 pessoas (1,9%) consideram que foi Muito má a forma como foram acolhidos. Em suma, a maioria dos inquiridos considera que foi bem acolhida em Portugal.

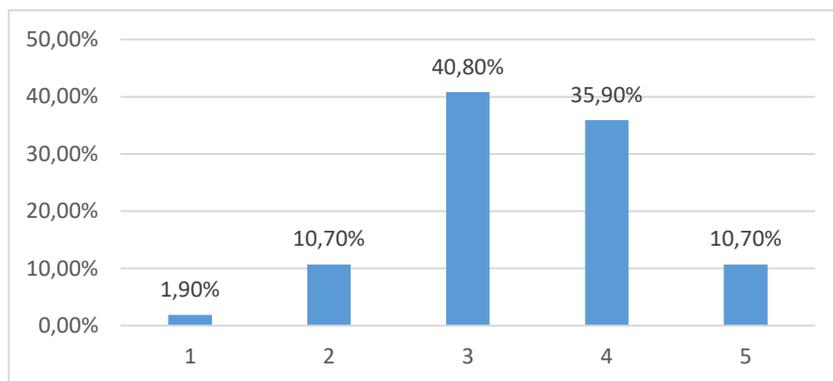


Figura 42: Questão “Como avalia a forma como foi acolhido em Portugal?”

Quanto à convivência com portugueses (Figura 43), há 37 inquiridos (35,9%) que avaliaram a mesma como sendo Boa, 29 inquiridos (28,2%) como Razoável e 13 pessoas (12,6%) como sendo Muito Boa. Apenas 5 pessoas (4,9%) avaliaram a sua convivência com os portugueses em 2 e 2 pessoas (1,9%) avaliaram-na em 1. A grande maioria dos inquiridos (93,2%) avalia, assim, a sua convivência como sendo positiva.

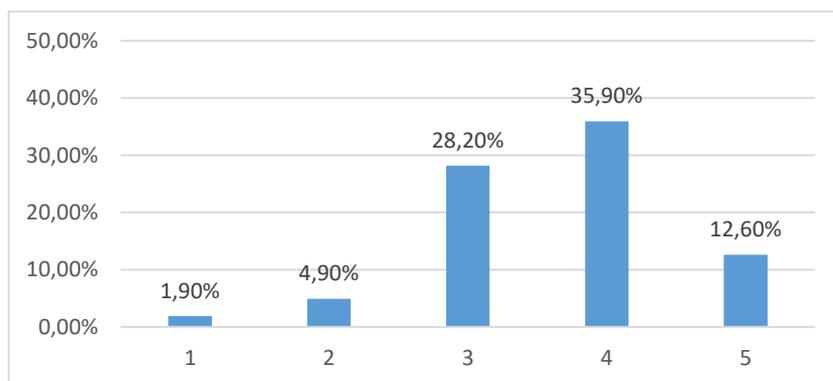


Figura 43: Questão “Como avalia a sua convivência com portugueses?”

No cômputo geral, podemos concluir que no que diz respeito à percepção dos respondentes relativamente às 5 questões que acabámos de apresentar, os migrantes chineses não percebem a sua adaptação a Portugal como sendo difícil, mesmo que haja muitas diferenças entre Portugal e a China. No entanto, no que toca à adaptação à língua portuguesa, há uma percentagem considerável de imigrantes que sentem dificuldades, sendo, por isso, a língua o fator mais notório que prejudica o processo de adaptação e integração.

3.2.3. Caracterização do processo de adaptação e integração de três grupos de imigrantes chineses em Portugal

Na terceira parte do inquérito apresenta-se um conjunto de questões que pretende avaliar de forma mais focada a percepção de três grupos distintos de imigrantes chineses, a saber, os estudantes, os trabalhadores e os investidores. Com a caracterização de cada grupo separadamente, podemos observar a situação de imigrantes chineses de forma mais detalhada e particularizada.

O caso dos estudantes

No que diz respeito ao nível de ensino que se encontram a frequentar em Portugal, todos os 42 inquiridos estudam em instituições do ensino superior. Como ilustrado na figura 44, 50% (21) encontram-se a frequentar o mestrado, 42,9% (18) frequentam um curso de licenciatura, 4,8% (2) estão a realizar o seu doutoramento e um dos inquiridos está na fase de pós-doutoramento.

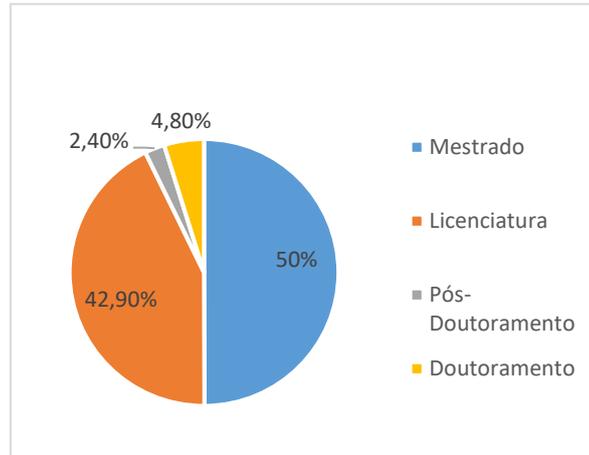


Figura 44: Distribuição dos inquiridos por grau de ensino em Portugal

No referente aos cursos que se encontram a frequentar em Portugal (Figura 45), 21 inquiridos (50%) referiram que frequentam cursos de Língua e Cultura Portuguesas. 7,1% dos inquiridos (3) estudam Linguística, Literatura e Tradução. A frequentar cursos tradicionalmente menos comum para estudantes chineses, regista-se um inquirido (2,4%) a frequentar cada um dos seguintes cursos: Economia, Ambiente, Engenharia Eletrotécnica e Computadores, Direito, Matemática, Estudos Chineses, Estudos Interculturais, Património, Relações Interculturais, Física, Português e Comércio, Estudos Literários, Culturais e Interartes. Perante estes resultados, podemos concluir que os cursos da área das Letras são os mais prevalentes no caso dos estudantes chineses.

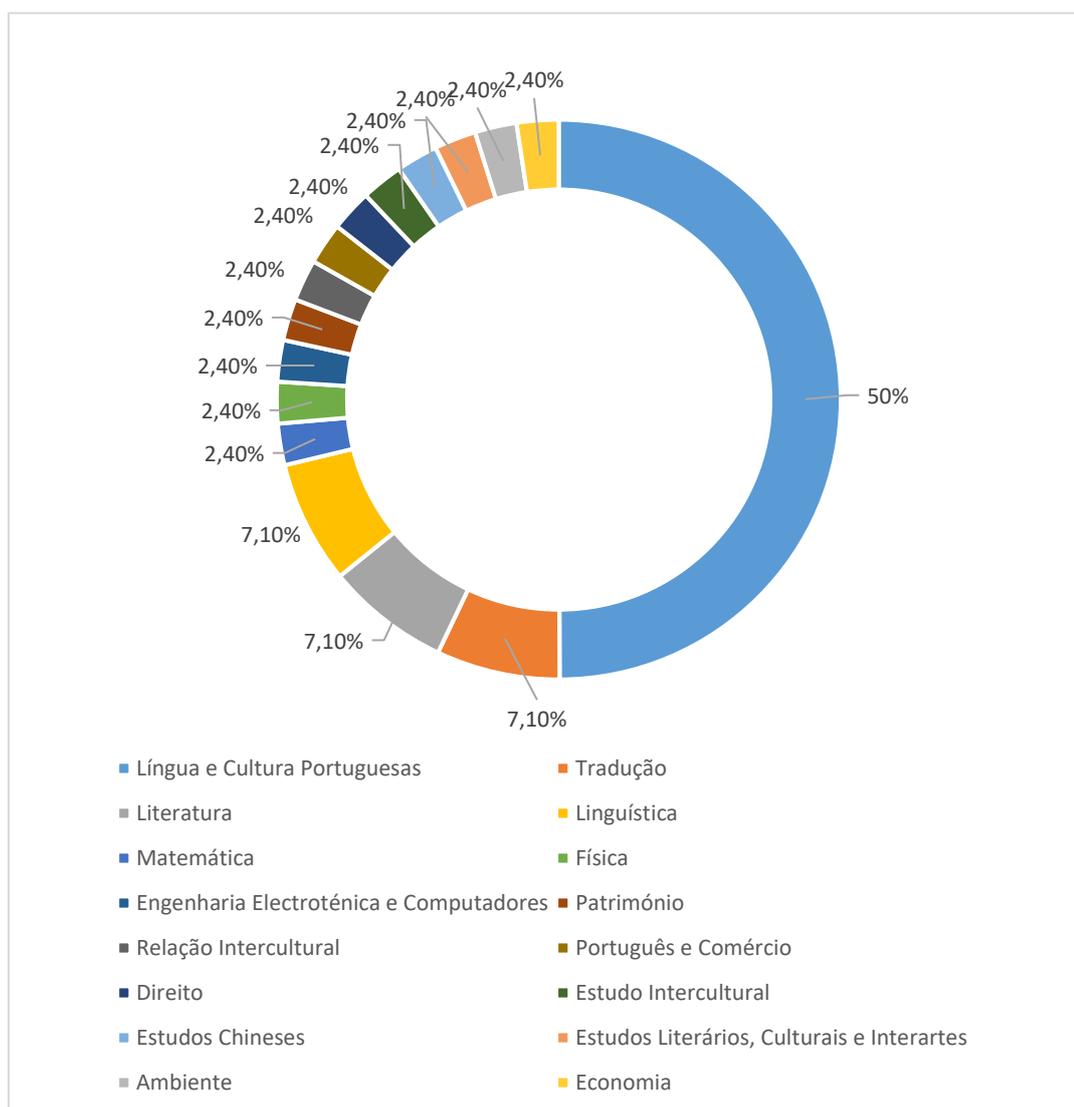


Figura 45: Distribuição dos inquiridos por curso

No que concerne à questão “Há quanto tempo estuda em Portugal?”, 18 estudantes (42,9%) indicam que já tinham estudado em Portugal por um ano, a mesma percentagem dos que já estudaram em Portugal durante um e três anos; 3 estudantes (7,1%) apontaram que estudam em Portugal há um semestre, sendo este também o número dos que indicaram estudar em Portugal há mais de três anos (veja-se figura 46).

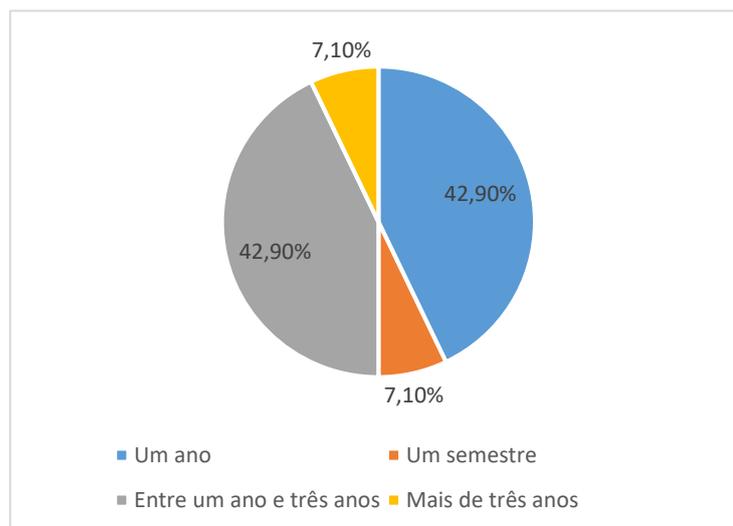


Figura 46: Questão “Há quanto tempo estuda em Portugal?”

Na questão de escolha múltipla “Por que escolheu estudar em Portugal?”, o autor recebeu 65 respostas dos 42 inquiridos. Em 27 dessas respostas é indicado o facto de existir uma parceria entre a sua universidade chinesa e a universidade portuguesa, 12 inquiridos manifestam que a razão de optarem por Portugal reside na vontade de conhecerem Portugal, 18 respondentes indicaram que a sua opção foi baseada no desejo de mudar de ambiente de estudo, 1 inquirido indicou que escolheu Portugal para estudar Português como Língua Estrangeira e 2 inquiridos identificaram como a razão de escolha de Portugal para estudar a vontade de ficarem em Portugal e o entusiasmo pelo país.

Aparentemente, segundo os dados apresentados na figura 45, a maioria dos inquiridos vem para Portugal com o objetivo de frequentarem um curso de Língua e Cultura Portuguesas. Como mencionado no primeiro capítulo, tal circunstância estará relacionada com o facto de as relações Portugal-China estarem cada vez mais intensificadas e de cada vez mais haver universidades chinesas que abrem cursos de Português. No entanto, e de acordo com as respostas recolhidas, também observamos que a razão pela qual a maioria dos estudantes escolhe estudar em Portugal é mais a vontade de mudar de ambiente de estudo do que a de conhecer o país. Ou seja, os

inquiridos desempenham um papel mais passivo com respeito ao processo de adaptação e integração.

No que diz respeito ao grau de satisfação dos estudantes relativamente à educação em Portugal, numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a Insatisfeito e 5 a Muito satisfeito, 20 estudantes (47,6%) apontaram para 3, ou seja, uma satisfação moderada; 18 estudantes (42,9%) avaliaram o seu grau de satisfação com 4 e 3 estudantes (7,1%) avaliaram a educação em Portugal com 5 e nenhum inquirido avaliou “1”, indicando que os inquiridos de forma geral estão satisfeitos quanto à qualidade da educação portuguesa.

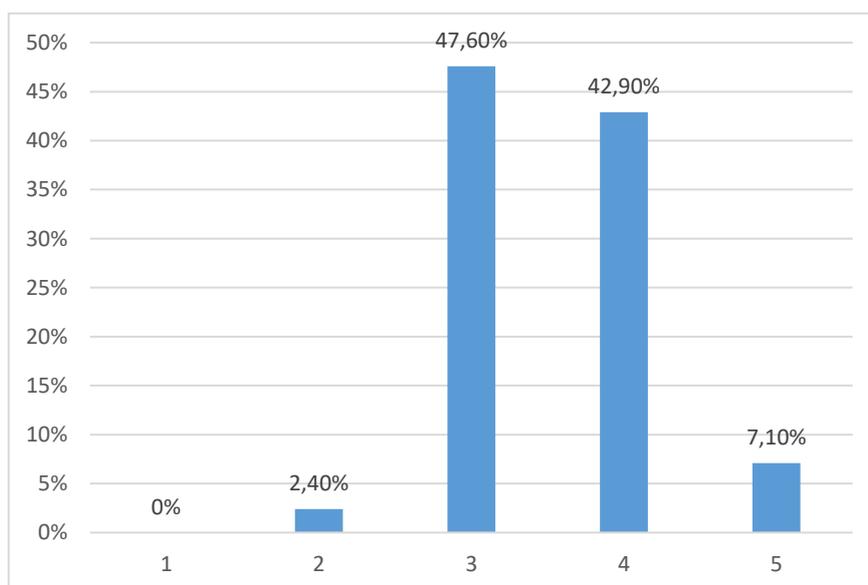


Figura 47: Grau de satisfação dos estudantes relativamente à educação em Portugal

Quando questionados se há colegas portugueses nas respetivas turmas (Figura 48), as respostas repartem-se de forma equitativa, com 50% dos inquiridos a responderem afirmativamente e os outros 50%, negativamente. Ou seja, mesmo estudando em Portugal, muitos inquiridos não têm contacto direto com os estudantes portugueses em contexto de aula, o que, na verdade, reduz a possibilidade de interação entre os estudantes chineses e os estudantes portugueses. Sem a presença de

colegas portugueses nas aulas será maior a dificuldade de os estudantes chineses conhecerem melhor os seus pares e de se integrarem na vida universitária.

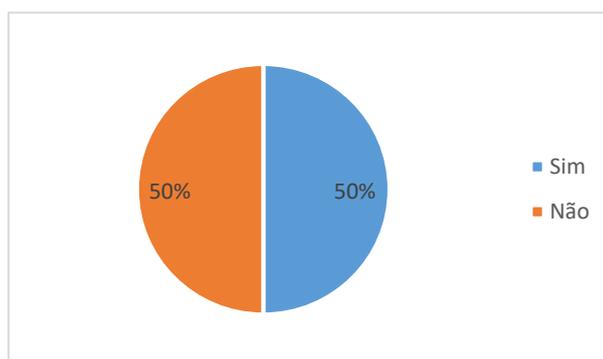


Figura 48: Questão “Há colegas portugueses na sua turma?”

Quanto à questão “Costuma estudar com os portugueses?” (Figura 49), 23 estudantes (54,8%) indicaram que estudaram às vezes com os portugueses, 13 estudantes (31%) escolheram a resposta “Sim” e 6 estudantes (14,3%) escolheram a resposta “Nunca”. Isto é, a maioria dos inquiridos têm o hábito de estudar juntamente com estudantes portugueses, circunstância que indica uma tendência positiva de interação com os alunos locais fora do contexto da sala de aula.

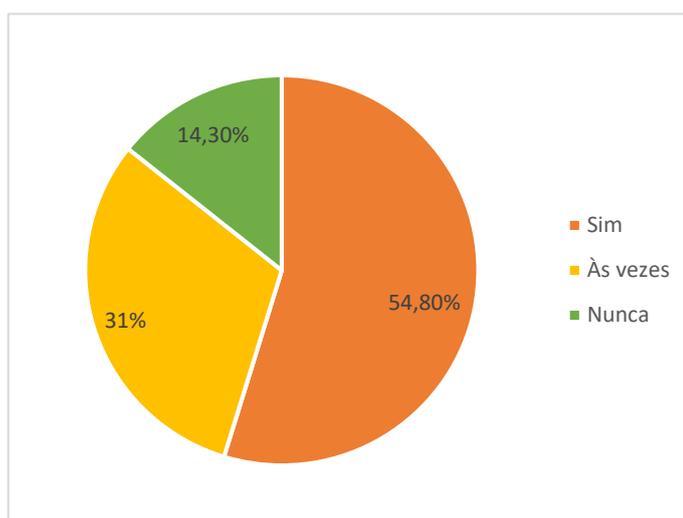


Figura 49: Questão “Costuma estudar com os portugueses?”

Na figura 50, verificamos que 26 estudantes (61,9%) já participaram em alguma atividade realizada pela universidade, ao passo que 16 estudantes (38,1%) nunca participaram em nenhuma atividade universitária.

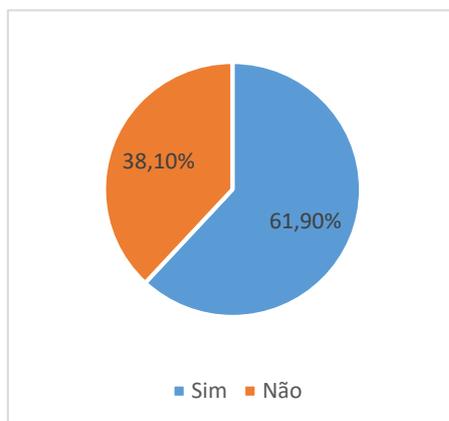


Figura 50: Questão “Participou em alguma atividade realizada pela/na sua universidade?”

Na figura 51 verifica-se que o impacto da participação dos inquiridos na vida universitária não é muito significativo, sendo que apenas 10 estudantes (23,8%) indicaram que gostaram de participar nos eventos organizados pela/na universidade, 9 estudantes (21,4%) escolheram a resposta “Não gosto” e 23 estudantes (54,8%) afirmaram que as festas não tiveram importância para eles.

Mediante estes resultados, conclui-se, assim, que as atividades portuguesas não vão ao encontro do gosto dos inquiridos. Tendo em conta que há diferenças culturais entre as universidades chinesas e as portuguesas, é normal que os inquiridos não gostem das atividades universitárias portuguesas. Podemos supor que existe um grande choque cultural na vida universitária para os inquiridos. Por exemplo, muitas festas universitárias em Portugal são organizadas em bares e na China não há o costume de se frequentar este tipo de estabelecimentos que, de resto, se encontram associados a atividades duvidosas ou ilegais. O não apreciar e/ou a indiferença face aos eventos universitários pode também contribuir para diminuir as hipóteses de interação entre os estudantes chineses e os estudantes portugueses, o que afeta o seu processo de adaptação e integração na vida universitária em Portugal e faz com que se

percam oportunidades de conhecer a cultura portuguesa mais aprofundadamente. Apesar de terem tido algumas experiências, muitos são os estudantes que desistiram de continuar a participar nestes eventos.

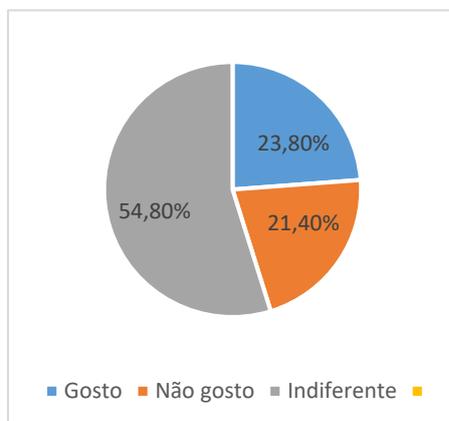


Figura 51: Questão “Gosta de participar nas festas organizadas pela/na universidade?”

Na última questão do questionário aos estudantes chineses, a qual visa aferir se os inquiridos têm vontade de continuar a sua educação em Portugal (Figura 52), 20 estudantes (47,6%) escolheram a resposta “Sim”, 5 estudantes (11,9%) escolheram a resposta “Não” e 17 estudantes (40,5%) optaram pela resposta “Vou pensar”. Isto é, depois de terem estudado durante algum tempo em Portugal, os inquiridos, em geral, sentem-se satisfeitos e consideram Portugal como uma opção para uma educação mais aprofundada.

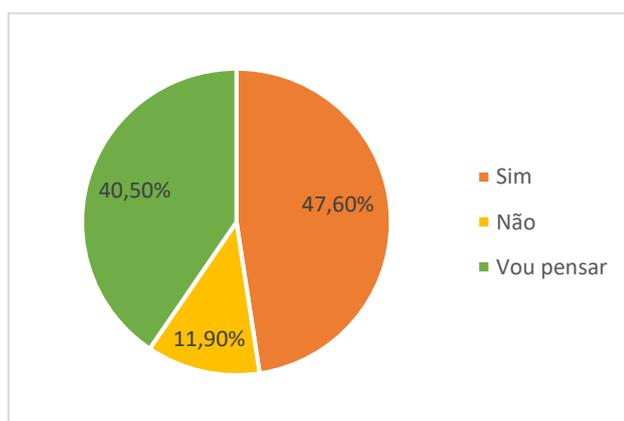


Figura 52: Questão “Quer continuar a estudar mais tempo em Portugal no futuro?”

O caso da classe trabalhadora

Na questão “Por que motivos escolheu trabalhar em Portugal?” (Figura 53), 6 inquiridos (20%) indicaram que a maior motivação foi o facto de o salário ser mais alto do que na China; 2 inquiridos (6,7%) escolheram a resposta “Melhores condições de vida”; 5 inquiridos (16,7%) optaram pela resposta “Melhor qualidade de vida”; 7 pessoas (23,3%) elegeram a “Intenção de imigração para a Europa”; 4 pessoas (13,3%) elegeram a “Intenção de imigração para a Europa”; 4 pessoas (13,3%) indicaram que o motivo se prende com o facto de terem já familiares em Portugal. Em percentagem igual (3,3%), os inquiridos indicaram também que migraram para Portugal para se casar, devido ao bom ambiente para estudar e trabalhar, à menor pressão no trabalho e porque foram convidados por amigos. Há ainda 2 pessoas (6,7%) que responderam “Outros”, contudo, optaram por não especificar os seus motivos. Em suma, o salário e o intento de imigração para a Europa são os motivos principais entre os inquiridos e o ambiente de vida também é uma razão importante pela qual Portugal é eleito pelos Chineses como o destino de migração.

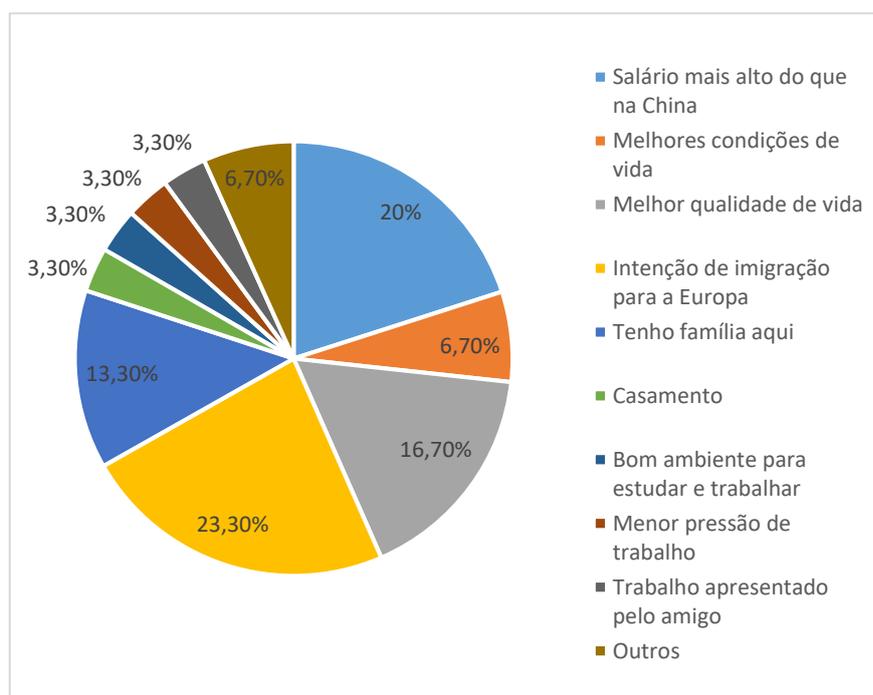


Figura 53: Questão “Por que motivos escolheu trabalhar em Portugal?”

Com respeito à área de trabalho dos inquiridos (Figura 54), 8 inquiridos (26,7%) trabalham na área de restauração; 4 inquiridos (13,3%) no comércio grossista e 4 inquiridos (13,3%) elegeram a opção “Loja chinesa”; 3 pessoas (10%) indicaram trabalhar no âmbito de educação; 2 inquiridos (6,7%) trabalham na área do turismo e 2 inquiridos (6,7%) trabalham na área de religião. Com menor representatividade (3,3%), a amostra inclui também indivíduos que colaboram nas seguintes áreas/setores: Tradução, Loja de luxo, Agência de consultoria, Seguradora, Manufatura, Comércio Portugal-China e Supermercado.

Segundo os dados obtidos, observamos que as áreas em que os inquiridos trabalham são bastante diversas. À exceção das áreas de trabalho mais tradicionais na comunidade chinesa em Portugal, há muitos outros setores de trabalho, os quais, de certo modo, correspondem ao desenvolvimento de parceria estratégica entre Portugal e a China e ao peso do investimento chinês em Portugal.

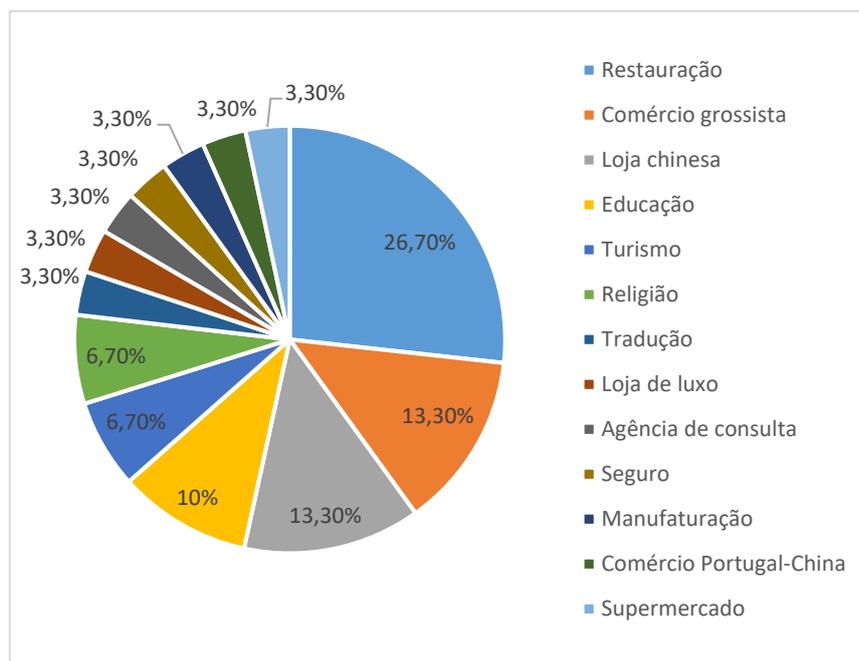


Figura 54: Distribuição dos inquiridos por área em que trabalham

À questão “Há quanto tempo trabalha em Portugal?” (Figura 55), 13 inquiridos (43,3%) indicaram trabalhar em Portugal há mais de 5 anos; 7 inquiridos (23,3%) trabalham em Portugal entre há 2 e 5 anos; 4 pessoas (13,3%) afirmaram trabalhar em

Portugal entre há 1 e 2 anos; 6 trabalhadores (20%) indicaram trabalhar em Portugal há menos de um ano. Os dados indicam que cerca de um terço dos inquiridos são novos imigrantes.

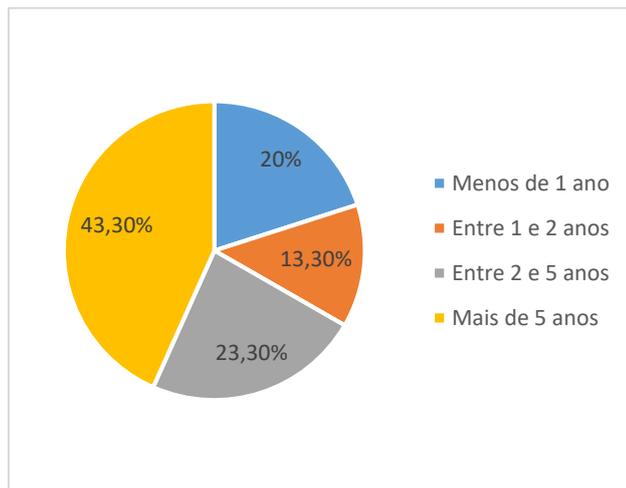


Figura 55: Distribuição dos inquiridos por há quanto tempo trabalha em Portugal

Na questão “A sua chefia é chinesa ou portuguesa?”, 25 inquiridos (83,3%) indicaram ter chefia chinesa e apenas 4 inquiridos (13,3%) têm chefia portuguesa. Além disso, há uma inquirida (3,3%) cuja chefia é dos EUA (Veja-se na figura 56).

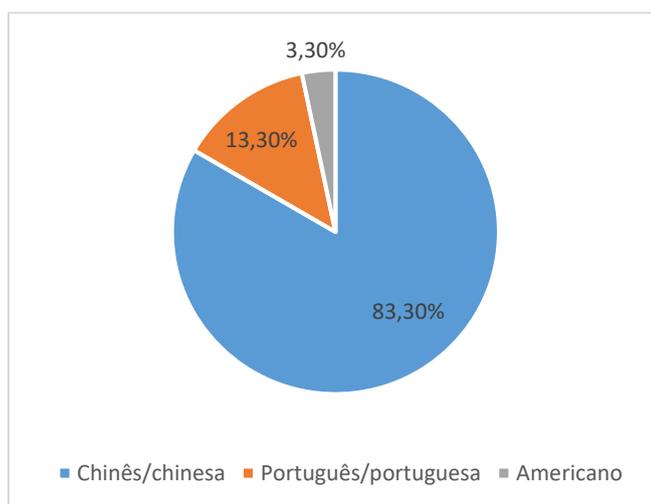


Figura 56: Questão “A sua chefia é chinesa ou portuguesa?”

Em relação à questão “Como encontrou o presente trabalho?” (Figura 57), 14 inquiridos (46,7%) indicaram encontrar o emprego na internet. 3 inquiridos (10%) encontraram o trabalho através de um familiar. 6 inquiridos (20%) selecionaram a opção “Através de um amigo”. 3 inquiridos (10%) encontraram o trabalho por si próprios e 1 pessoa (3,3%) respondeu que o presente trabalho lhe foi apresentado pelo namorado. Entre os 30 inquiridos, existem 10 pessoas que encontraram trabalho através da ajuda de terceiros, o que revela que, nesta amostra, é significativo o número de sujeitos que depende de outros para definir o seu percurso profissional.

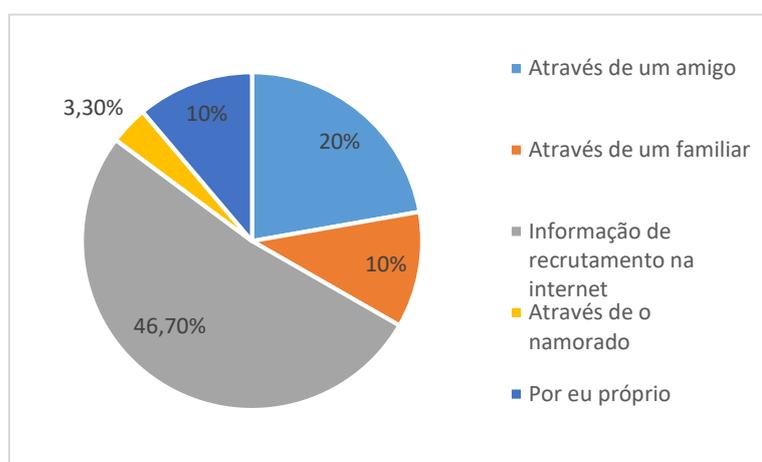


Figura 57: Questão “Como encontrou o presente trabalho?”

Quanto à existência de colaboradores portugueses no local do trabalho, através da figura 58 é possível observar que 15 dos inquiridos (50%) escolheram a resposta “Sim” e os restantes 15 inquiridos (50%) escolheram a resposta “Não”. Observamos que metade dos inquiridos não tem contacto com colaboradores portugueses, ou seja, neste contexto em concreto não há qualquer cooperação e comunicação com cidadãos portugueses. O local do trabalho é, obviamente, um lugar onde os inquiridos poderiam interagir mais com portugueses, contudo, sem a presença destes colaboradores os inquiridos não conseguem trocar informações culturais, normas de relacionamento entre as pessoas, etc. A presença de colaboradores de ambos os países não só poderia melhorar o entendimento entre chineses e portugueses, mas também contribuiria significativamente para o processo de adaptação e integração da comunidade chinesa,

visto que o local de trabalho seria um local propício para o encontro de culturas e para a prática da língua portuguesa.

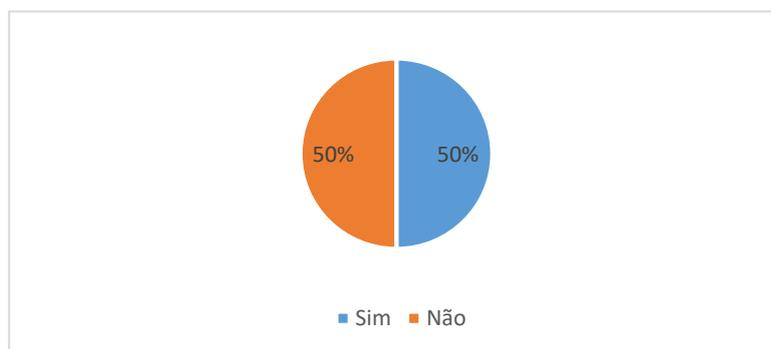


Figura 58: Questão “Há colaboradores portugueses no seu local do trabalho?”

No caso dos inquiridos que escolheram a resposta “Não” à questão anteriormente formulada, 2 inquiridos (13,3%) manifestaram vontade de trabalharem com colaboradores portugueses, 5 inquiridos (33,3%) indicaram não querer trabalhar com colaboradores portugueses e para 8 inquiridos (53,3%) tal possibilidade é-lhes indiferente (Figura 59).

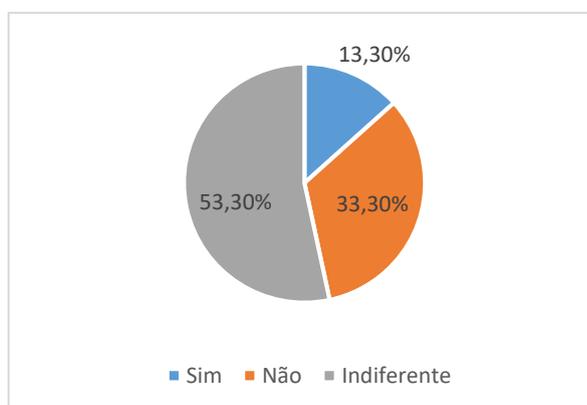


Figura 59: Questão “Se respondeu “Não” na questão anterior, gostaria de trabalhar com portugueses?”

Por seu turno, os inquiridos que responderam “Sim” foram ainda questionados se se sentiam próximos dos seus colegas de trabalho portugueses. 14 inquiridos escolheram a resposta “Mais ou menos”, sendo que apenas 1 respondente considerou sentir-se muito próximo do colega português (Figura 60).

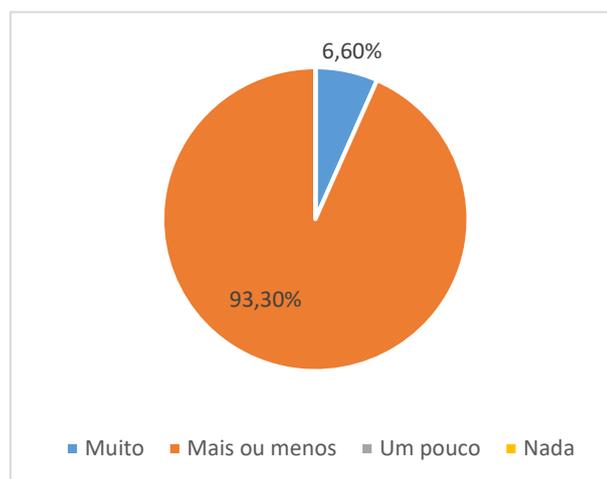


Figura 60: Questão “Se respondeu ‘Sim’ na questão anterior, sente-se próximo dos seus colegas de trabalho portugueses?”

Na questão “Gostaria de desenvolver a sua carreira a longo prazo em Portugal?” (Figura 61), 18 inquiridos (60%) referiram que “Sim” e 12 inquiridos (40%) escolheram a resposta “Não”.

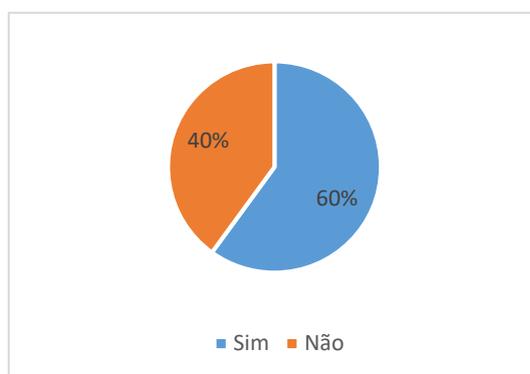


Figura 61: Questão “Gostaria de desenvolver a sua carreira a longo prazo em Portugal?”

A respeito da questão “Depois de obter o título de residência permanente, pensará trabalhar noutros países europeus?” (Figura 62), 14 inquiridos (46,7%) responderam “Não”, 4 inquiridos (13,3%) escolheram a resposta “Sim” e 12 pessoas (40%) optaram pela resposta “Vou pensar”.

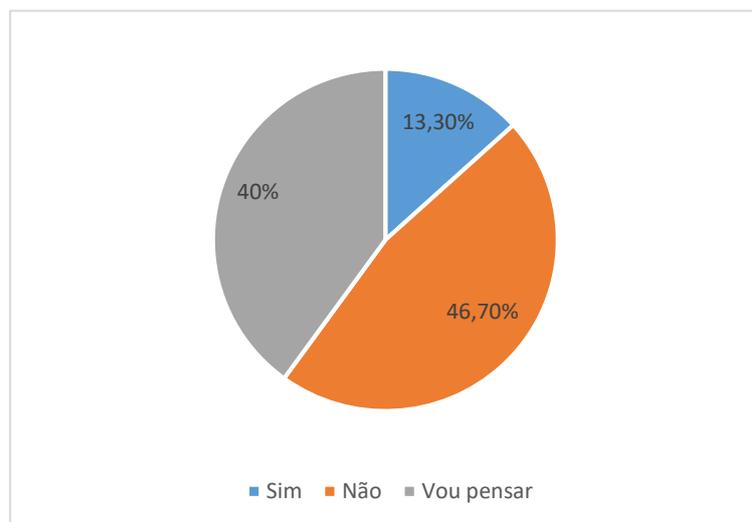


Figura 62: Distribuição dos inquiridos por depois de ter título de residência permanente, pensará trabalhar noutros países europeus

O caso dos investidores

Relativamente à questão “Solicitou a atribuição de um Visto Gold antes de investir em Portugal?”, 7 inquiridos (22,6%) escolheram a resposta “Sim” e 24 inquiridos (77,4%) escolheram a resposta “Não”. Quanto aos inquiridos que solicitaram o Visto Gold, as razões pelas quais o fizeram resumem-se na Tabela 5.

Tabela 5: Questão “Com que finalidade solicitou Visto Gold?”

Finalidade de solicitação do Visto Gold	Número de inquiridos
Para investir/criar/gerir uma empresa em Portugal	2
Para investir no mercado imobiliário	2
Para poder viver no país	3
Para poder circular livremente pela Europa	1
Para os meus filhos poderem estudar em Portugal	3
Para uma melhor qualidade do ar e segurança alimentar	1

Através dos dados apresentados podemos concluir que, na verdade, poucas pessoas solicitaram um Visto Gold com o objetivo de conduzirem atividades de natureza empresarial. No fundo, e não obstante o propósito original para a criação do programa do Visto Gold, não foram criadas empresas, nem gerados postos de trabalho, nem fomentadas atividades no âmbito das relações laborais. Nesse sentido, para todos aqueles que solicitaram um Visto Gold mas que não investiram numa empresa em Portugal, a sua participação no questionário deu-se aqui por terminada.

No total, na nossa amostra existem 26 inquiridos investidores que gerem a sua empresa ou negócio em Portugal, alguns dos quais investiram em mais do que uma área. Na Tabela 6, podemos observar quais as áreas que se revelaram mais atrativas para estes investidores chineses. Na figura 62, 20 destes inquiridos (76,9%) investem em Portugal há mais de 5 anos; 3 deles (11,5%) investem no mercado português entre há 2 e 5 anos; uma pessoa (3,8%) investe no país entre há 1 e 2 anos; apenas 2 pessoas (7,7%) investem há menos de 1 ano.

Tabela 6: Questão “Em que área investe em Portugal?”

Área de investimento	Número de inquiridos
Restauração	14
Supermercado	1
Comércio grossista	5
Farmácia	1
Loja chinesa	3
Agência imobiliário	2
Mercado imobiliário	1

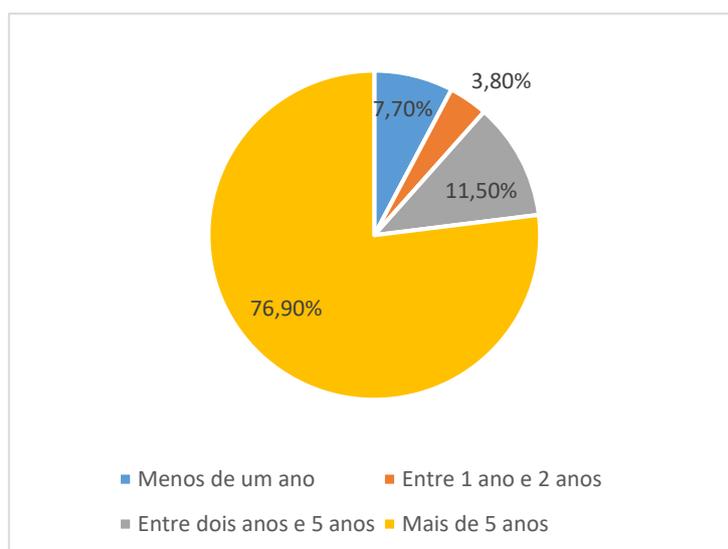


Figura 63: Distribuição dos inquiridos pelo período temporal em que investem em Portugal

Quanto à questão “Pretende expandir os seus negócios/o seu investimento em Portugal?” (Figura 64), de entre os 26 investidores, 20 inquiridos (76,9%) demonstraram a sua intenção de expandirem o seu investimento e apenas 6 inquiridos (23,1%) indicaram não pretender investir mais. O resultado indica que a maioria dos inquiridos estão satisfeitos e positivos em relação ao mercado português e pensam que é um mercado com potencial.



Figura 64: Questão “Pretende expandir os seus negócios/ o seu investimento em Portugal?”

Na questão “A maioria dos seus empregados são chineses ou portugueses?”, 16 investidores (61,5%) afirmaram que empregam mais colaboradores chineses; 7 indicaram ter mais empregados portugueses (26,9%); 2 investidores (7,7%) indicaram

que metade dos empregados são chineses e que a outra metade é portuguesa (Figura 65).

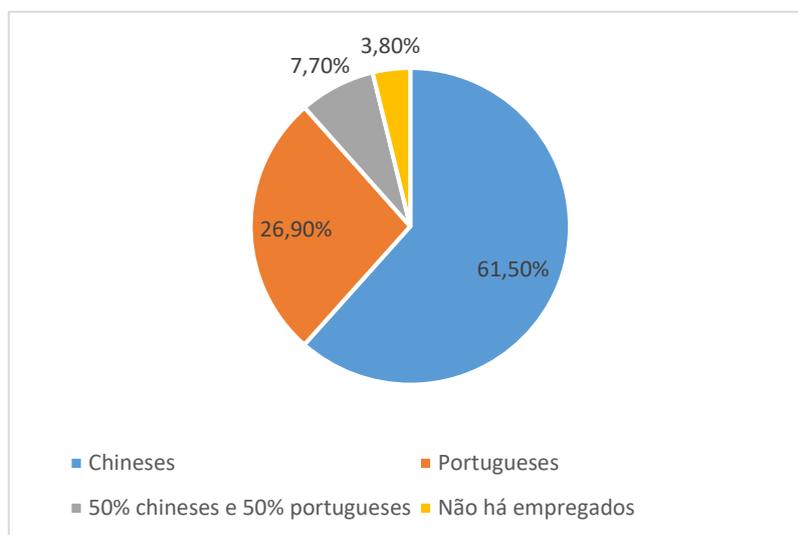


Figura 65: Questão “A maioria dos seus empregados são chineses ou portugueses?”

Com respeito à questão “No caso de ter funcionários portugueses, aplica formas de gestão chinesas ou portuguesas?” (Figura 66), 16 investidores (61,5%) preferem aplicar formas de gestão mistas; 7 investidores (26,9%) gostam mais de aplicar formas portuguesas; 3 dos inquiridos (11,5%) escolhem aplicar as formas chinesas. Os dados apontam para que a maioria dos investidores tende a procurar um balanço com empregados portugueses em termos das formas de gestão.

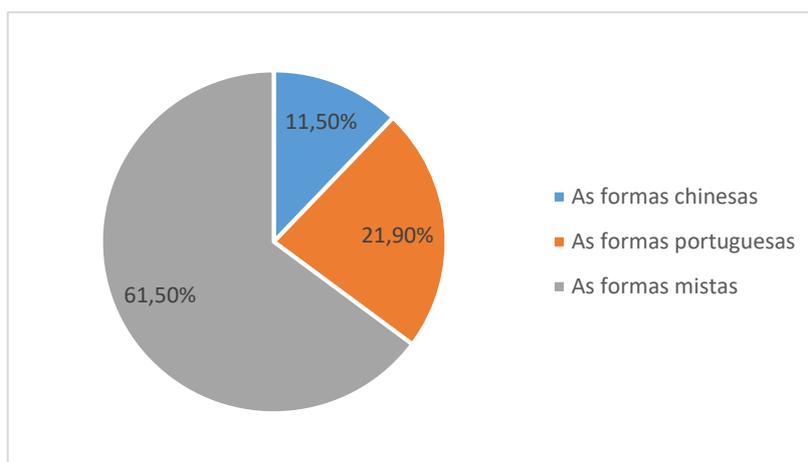


Figura 66: Questão “No caso de ter funcionários portugueses, aplica formas de gestão chinesas ou portuguesas?”

Na questão seguinte, “Prefere recrutar portugueses ou chineses?”, 17 inquiridos preferem recrutar chineses e 9 inquiridos preferem recrutar portugueses (Figura 67).

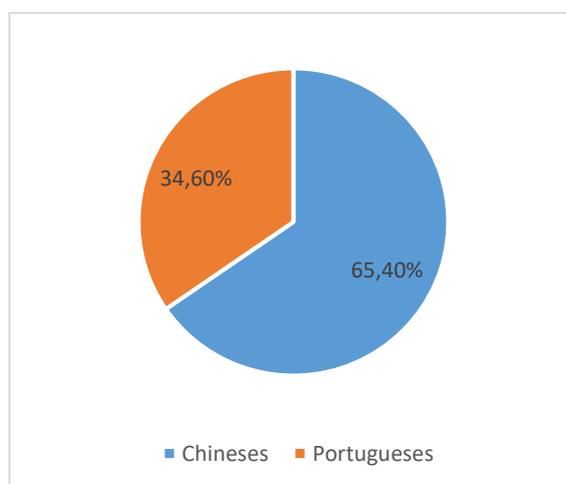


Figura 67: Distribuição dos inquiridos por preferir recrutar chineses ou portugueses

Na questão “Por que razão escolheu investir em Portugal?”, podemos notar que as razões predominantes são a menor pressão de concorrência e o facto de Portugal ser um mercado com potencial e baixo custo. Nesta pergunta, 4 inquiridos optaram por não deixar qualquer indicação.

Tabela 7: Razão de investimento em Portugal

Razão pela qual escolheu investir em Portugal	Número de inquiridos
Baixo custo	6
Requerimentos menos complexos no que toca à política de investimento por parte de imigrantes	4
Mercado com potencial	7
Menor pressão da concorrência	9
Casamento	1
Indicação de um amigo de que o país seria um bom local para investimento	1
Não indica	4

Na questão seguinte, “Arrepende-se de ter investido em Portugal?”, 23 inquiridos (88,5%) indicaram não se arrepender de ter investido em Portugal e 3 inquiridos (11,5%) afirmaram arrepender-se, indicando, todavia, que reconhecem potencial e que confiam no mercado português (Figura 68).

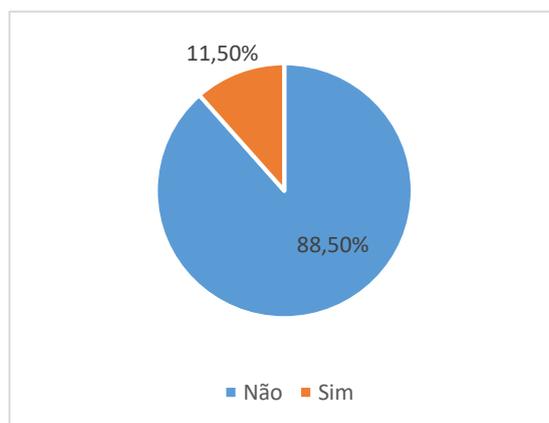


Figura 68: Questão “Arrepende-se de ter investido em Portugal?”

Nas respostas à questão “Quais são as vantagens de investir em Portugal comparando com outros países?”, vemos que em comparação com outros países a maior vantagem de investir em Portugal é a menor pressão de concorrência. Simultaneamente, razões como o baixo custo, a maior facilidade em obter a autorização de comércio e o facto de Portugal ser um mercado com potencial também são consideradas importantes.

Tabela 8: Vantagens de investir em Portugal comparando com outros países

Vantagens de investir em Portugal	Número de inquiridos
Baixo custo	7
Mais fácil obter a autorização de comércio	5
Mercado com potencial	6
Menor pressão da concorrência	9
Não há nenhuma vantagem	1
Não indica	2

Na última questão, “Pensa alargar o seu investimento a outros países?”, só 3 inquiridos (11,5%) confirmaram que vão alargar o investimento a outros países; 12 inquiridos (46,2%) indicaram que não; os outros 11 inquiridos (42,3%) escolheram a resposta “Vou pensar” (Figura 69). Numa palavra, a maioria dos inquiridos estão mais focados no seu negócio em Portugal.

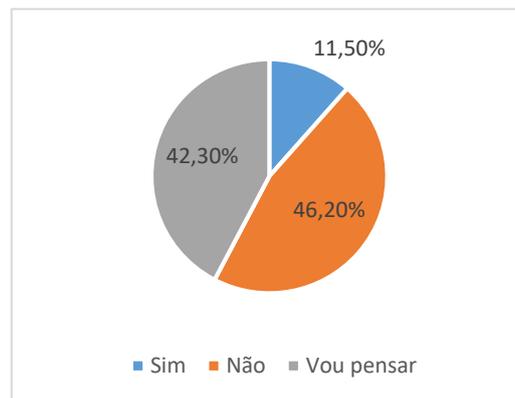


Figura 69: Distribuição dos inquiridos por pensar alargar o seu investimento a outros países

Capítulo 4 - Reflexão Crítica

O presente capítulo procurará, com base nos dados apresentados, analisar e discutir a situação atual dos imigrantes chineses em Portugal e o seu processo de adaptação e integração, numa perspetiva mais global e em três grupos distintos de imigrantes chineses em particular. Em articulação com o enquadramento teórico, este capítulo pretende assinalar, de uma forma mais profunda e detalhada, os factos e dificuldades de adaptação e integração. Para além disso, pretende-se igualmente caracterizar o perfil da comunidade chinesa em Portugal, assim como apontar para uma previsão futura do seu perfil.

Para entender a situação atual dos imigrantes chineses e resolver os problemas que dificultam e/ou impedem o processo de adaptação e integração, é necessário responder às seguintes perguntas:

1. Quais são as diferenças culturais e dificuldades que afetam o processo de adaptação e integração?
2. Como é o processo de adaptação e integração dos imigrantes chineses, visto a partir de uma perspetiva geral e a partir de grupo mais definido de imigrantes?
3. Qual é o perfil da comunidade chinesa atual em Portugal e a previsão de imigrantes chineses para Portugal no futuro?

4.1. Reflexão sobre as diferenças culturais e as maiores dificuldades no processo de adaptação e integração

Antes de mais, a partir das teorias e modelos apresentados, sabemos que existem normas e comportamentos distintos entre a cultura chinesa e a cultura portuguesa, os quais variam de acordo com importância atribuída a certos valores. Estes mesmos valores orientam o comportamento e as atitudes dos imigrantes chineses e levam-nos a adaptar diferentes estratégias perante os problemas de adaptação e integração.

Em segundo lugar, a partir das respostas dos inquiridos podemos verificar que a

maioria dos respondentes acha que o ambiente da sociedade portuguesa é lento e de baixa eficiência; devido ao facto de tais aspetos serem algo com o qual os chineses se importam bastante, essa perceção vem realçar uma maior diferença entre os chineses e os portugueses, o que poderá dar origem a um maior choque cultural.

Segundo a comparação do grau de Masculinidade e Feminilidade, as particularidades da “cultura masculina” da China e as características da “cultura feminina” de Portugal são obviamente opostas. As respostas às várias questões relativas à perceção sobre os portugueses e Portugal coincidem com os resultados destas características e revelam que tal é um fator crucial em relação ao processo de adaptação e integração. A eficiência, para além disso, é muito sentida em termos de trabalho e pode ser um obstáculo difícil de ultrapassar, no caso de existência de interação entre chineses e portugueses. Talvez por esta razão, e como os dados demonstram, 65,4% dos inquiridos-investidores prefere recrutar colaboradores chineses e 50% dos inquiridos-trabalhadores não trabalha com indivíduos portugueses, já que as normas comportamentais chinesas adotadas durante o trabalho podem atingir uma eficácia que vai ao encontro dos requisitos dos empregadores chineses. Como a maioria dos inquiridos acham que a sociedade portuguesa é lenta, na dimensão de indulgência e restrições, entendemos que a cultura chinesa com o seu mais elevado grau de restrições se regula por normas sociais mais exigentes do que a cultura portuguesa.

A respeito das dimensões Individualismo vs. Coletivismo, Portugal e a China são ambos países que demonstram um elevado grau de coletivismo. Como alguns inquiridos indicaram, os Portugueses fazem questão de manter boas relações com os amigos e a família, tal como os chineses. Os dados do inquérito permitem-nos observar que a maioria dos inquiridos mantém um maior contacto com a comunidade chinesa, sendo que 61,2% coabita com outros Chineses. Entre os inquiridos, 80,6% afirmou que tem vontade de travar amizade com Portugueses e a maioria deles manifestou a vontade de conhecer melhor a cultura portuguesa e aprender a língua portuguesa no seu tempo livre. No entanto, apenas 19,4% dos inquiridos responderam

“Sim” à questão “Tem vontade de morar com portugueses?”. Os inquiridos chineses têm vontade de se aproximar dos Portugueses, contudo parecem hesitar em dar esse passo. A comparação destes resultados revela igualmente que o coletivismo dos inquiridos chineses é mais “sino-cêntrico”, isto é, os seus valores culturais levam-nos a querer ficar mais próximos da sua própria comunidade. Por exemplo, os Chineses, seja na China, seja no estrangeiro, habitualmente chamam os povos não chineses “estrangeiros (Laowai)”; em Portugal, também é frequente chamarem os portugueses “Laowai”, mesmo que os imigrantes chineses sejam, na verdade, os estrangeiros. Esta especialidade de uso de linguagem pode, inconscientemente, delinear as definições de “Nós” e “Outros”, ou seja, a identificação dos imigrantes é mais dificilmente alterada no processo de adaptação e integração.

A partir dos dados do inquérito, podemos ver que existem três “barreiras” mais evidentes que dificultam ou impedem o processo de adaptação e integração dos imigrantes chineses: i) o desconhecimento dos Portugueses relativamente ao povo e cultura chinesa, ii) a língua portuguesa e iii) a discriminação.

Conforme os dados recolhidos, 96,1% dos inquiridos acha que os Portugueses não conhecem bem os Chineses. Isto implica que muitas vezes os Portugueses podem assumir pressupostos errados ou criar uma imagem incorreta sobre os Chineses durante o processo de convivência e comunicação intercultural. Segundo a analogia do iceberg de Hall, a cultura consiste em duas partes, a parte visível e a parte invisível. A parte invisível do iceberg cultural que se situa debaixo da água é a parte nuclear da cultura. Evidentemente, os dados do inquérito confirmam que faltam o contacto profundo e a prática eficaz no caso de comunicação intercultural e convivência entre os imigrantes chineses e os portugueses. O desconhecimento dos Chineses relativamente aos Portugueses e vice-versa prejudica o entendimento mútuo e pode fazer com que os conflitos se agravem.

A língua é também uma dificuldade muito sentida pelos imigrantes chineses. Como Ramos (2001, p.166) indica, a comunicação intercultural envolve os problemas e os processos de interação verbais e não verbais. Mediante as dificuldades de

comunicação ou até o desconhecimento da língua portuguesa por parte de alguns Chineses, são recorrentes situações de interação ineficazes, demonstrando a realidade que é, pois, necessário aprofundar o conhecimento da língua do país de acolhimento e, assim, aperfeiçoar o processo de comunicação.

No que respeita aos problemas de discriminação, 59,2% dos inquiridos indicam que foram já alvo de xenofobia ou racismo, o que pode criar uma imagem negativa de Portugal e dos Portugueses. Como mencionado anteriormente, os Portugueses parecem não conhecer bem os Chineses, o que significa que a sua perceção dos Chineses pode ser “pré-programada” e baseadas em preconceitos, situação que facilita a existência e a continuação de situações de discriminação. Tal como Berry (1997, p.10) ilustra a partir do seu modelo, quando o indivíduo migrante evita a interação ou tem pouco interesse em desenvolver relações com os outros, o seu processo de adaptação e integração pode passar pela adoção de uma estratégia de separação ou de marginalização. Em suma, quando um imigrante chinês experiencia situações de preconceito ou discriminação, o seu processo de adaptação e integração fica afetado, podendo este indivíduo adotar umas dessas estratégias, afastando-se, assim, da sociedade portuguesa.

4.2. Reflexão sobre o processo de adaptação e integração da amostra

De acordo com Hofstede (2010, p.384), todo o processo de adaptação a um novo país e a uma nova cultura é complexo, podendo conduzir a vários cenários, tal como os indicados no modelo de Berry (1997, p.10), os quais podem variar de acordo com a vontade do sujeito de se manter fiel ou não aos valores originais da sua identidade cultural e, ainda, com o nível de abertura e aceitação da sociedade de acolhimento.

Como ilustrado no modelo de Kim (2001, p.57), a adaptação e a integração de um sujeito num novo ambiente resultam de um processo contínuo e gradual, sendo que a aculturação poderá resultar de uma pressão para a conformidade com o objetivo de esse mesmo sujeito se adaptar a essa sociedade. Hofstede (2010, p.384) sugere que o processo de aculturação ocorre ao longo de quatro fases e que perante alguns

choques culturais os indivíduos que imergem num novo ambiente apresentam mudanças de sentimentos, podendo estes, no final, ser positivos, neutros ou negativos.

Os dados dos inquéritos traçam de forma explícita a configuração da situação do processo de adaptação e integração dos inquiridos chineses a residir em Portugal e também se evidenciam os problemas que precisam de ser resolvidos. A partir destes resultados, observamos que a maioria dos inquiridos tem vontade de conhecer melhor a língua e a cultura portuguesas e a maioria deles manifesta vontade em criar relações mais próximas com os Portugueses. Recorrendo ao modelo de Berry (1997, p.10), podemos observar que os inquiridos optam por se dirigir no sentido da integração ou da assimilação. Para os inquiridos, os Portugueses, de forma genérica, são um povo simpático e amigável e, com base em critérios como a tranquilidade e a segurança, o clima agradável, as melhores condições e qualidade de vida, Portugal é considerado um bom lugar para viver.

Em simultâneo, na opinião dos inquiridos o ambiente da sociedade portuguesa é lento e sem eficiência. De acordo com a “curva da aculturação” de Hofstede, sabemos que na fase de choque cultural os sentimentos das pessoas no novo ambiente se tornam negativos visto que experienciam um confronto entre os seus valores pessoais e os do país de acolhimento. Para os inquiridos chineses, a questão da eficiência representa o maior choque cultural.

Na questão “Que aspetos mais divergiram entre a sua ideia inicial e a realidade encontrada?”, os fatores mais frequentes são a boa imagem dos portugueses e a ineficiência dos Portugueses. Estes dois fatores conduzem a sentimentos contraditórios: i) no que diz respeito à questão da eficiência e gestão do tempo, o processo de adaptação desenvolve-se num estado negativo. ii) no que toca à impressão global sobre os portugueses, a convivência e adaptação ocorre de forma positiva. Mesmo que mais de metade dos inquiridos tivesse alguma experiência de discriminação em Portugal, a imagem dos Portugueses para os inquiridos é positiva, mantendo-se a vontade em travar amizade com portugueses e integrar a sociedade portuguesa. No entanto, um número significativo de inquiridos (68,9%, num universo de 103 respondentes) reconhece não se sentir muito bem integrado. Nas várias

questões relativamente ao contacto com a comunidade chinesa, os dados refletem que na sua vida quotidiana em Portugal os inquiridos demonstram uma elevada dependência da comunidade chinesa.

Com base nas autoavaliações registadas na segunda parte do inquérito (Figura 70), podemos verificar que os inquiridos em geral não sentem muita dificuldade de adaptação e problemas em viverem com os Portugueses. Todavia, os resultados parecem ser de alguma forma contraditórios na medida em que muitos afirmam também que não se sentem parte do grupo da maioria.

Quando as pessoas de uma dada cultura passam a integrar um ambiente cultural distinto, a identidade cultural pode hesitar ou não se disponibilizar para aceitar outros pressupostos culturais. É, pois, fácil entender que as pessoas com a mesma origem prefiram aproximar-se de indivíduos com quem partilham o mesmo mapa identitário, isto é, a mesma visão do mundo, os seus princípios e valores, hábitos e comportamentos, em suma, a mesma “língua”. Neste sentido, será normal que os inquiridos prefiram desenvolver uma maior proximidade com os seus compatriotas, uma vez que tal opção reforça a sua identidade, neste caso, a de “a minoria” ou “a comunidade chinesa”, saindo a identidade cultural deste grupo mais reforçada. Como já referido anteriormente, para os Chineses, independentemente do local onde se encontram, o “Outro” é sempre o “Estrangeiro” – que significa que, mesmo inconscientemente, os imigrantes chineses consideram os cidadãos dos países de acolhimento “diferentes”. Nesse caso, a identidade chinesa parece recusar a ideia de inclusão de duas culturas, o que, de certo modo, poderá justificar as dificuldades ou resistência à sua integração.

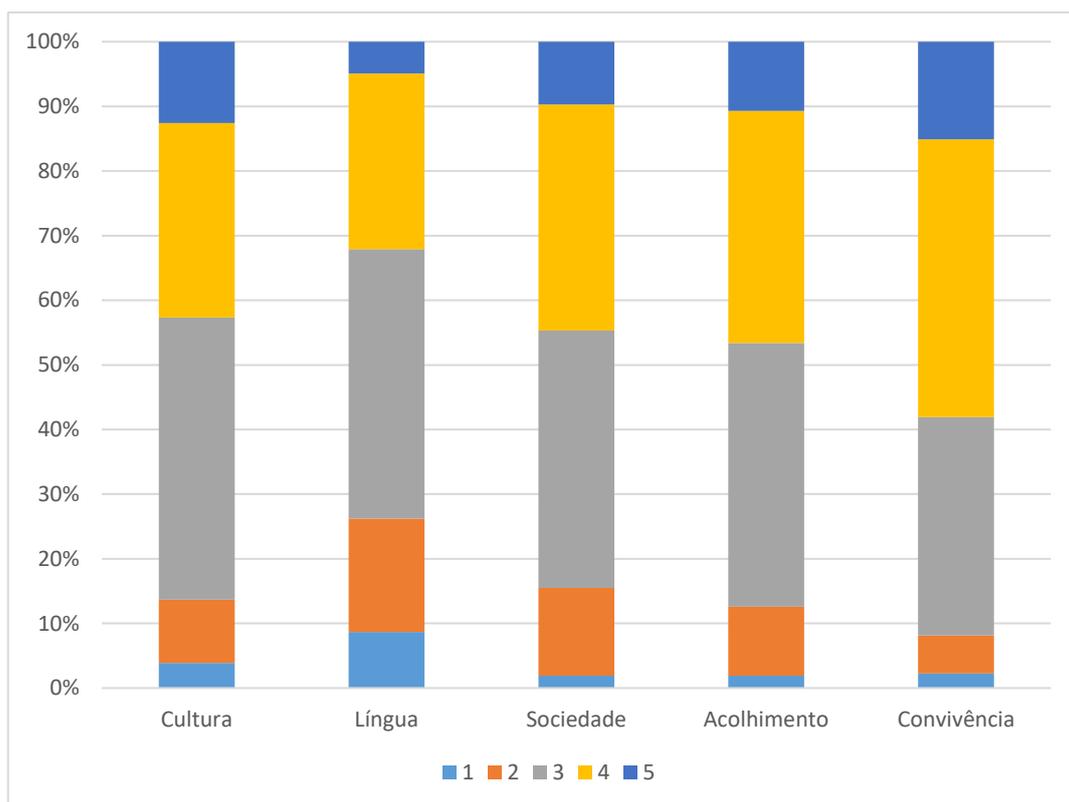


Figura 70: Autoavaliação do processo de adaptação à cultura, à língua e à sociedade, do acolhimento e da convivência com os portugueses

Ao olharmos para o modelo de cebola cultural de Hofstede (2010, p.9), percebemos que através práticas que atravessam as camadas periféricas podemos encontrar os valores interiores de uma cultura. Contudo, no caso dos imigrantes chineses podemos afirmar que esta metáfora se replica por diferentes “cebolas culturais”, na medida em que a comunidade chinesa é composta por diferentes grupos de imigrantes. Cada grupo de imigrantes chineses possui as suas próprias características e desenvolve a sua comunicação intercultural em moldes distintos, o que pode conduzir a resultados diferentes no que aos processos de adaptação e integração diz respeito. Para além disso, as principais motivações que levaram à situação de migração variam de grupo para grupo, facto que pode levar a dinâmicas distintas no início do processo de adaptação e integração numa nova sociedade.

Seguidamente, apresenta-se uma reflexão em torno de cada um dos grupos caracterizados neste trabalho.

- **Os estudantes**

De acordo os resultados obtidos a partir dos inquéritos realizados, os estudantes vieram estudar para Portugal, na sua maioria, mais por vontade de mudar de ambiente do estudo do que propriamente de conhecer Portugal. Tal implicará que inicialmente este grupo de inquiridos poderá ter adotado uma atitude mais passiva no que diz respeito à participação na sociedade portuguesa e ao conhecer a cultura portuguesa.

Durante o processo de adaptação e integração, os inquiridos indicaram ter participado nas atividades ou festas realizadas pela universidade, momentos que possibilitaram contactar com a cultura portuguesa. Contudo, verificou-se que a maioria dos inquiridos não apreciou particularmente essas atividades. No entanto, sempre que oportuno aproveitaram para estudar com estudantes portugueses, ou seja, para terem mais proximidade com os Portugueses. O caso dos estudantes reflete que sob a pressão de adaptação e integração, a maioria dos estudantes escolheram as estratégias de integração e assimilação. Podemos dizer que o processo de adaptação e integração da maioria dos inquiridos se desenvolve no sentido positivo.

- **A classe trabalhadora**

Os trabalhadores chineses vieram trabalhar em Portugal com uma intenção mais pragmática, a de melhorarem a sua condição de vida, sendo que um número considerável de inquiridos indica terem encontrado trabalho através da indicação / recomendação de conhecidos. A maioria dos inquiridos trabalha para empregadores chineses e metade não mantém contacto com colaboradores portugueses. Os resultados apontam também para problemas ao nível da comunicação intercultural com colaboradores portugueses. Para os que não trabalham com colaboradores portugueses, apenas 13,3% indicou que gostaria de trabalhar com portugueses. Para os que têm colaboradores portugueses no seu local de trabalho, 93,3% dos inquiridos indica que a relação com colegas de trabalho portugueses é normal, nem muito próxima nem muito afastada. Os dados mostram que a interação e a comunicação intercultural entre os trabalhadores chineses e portugueses são realizadas sem muita eficiência, sendo que, na sua maioria, os inquiridos adotaram estratégias de

separação e marginalização. Por isso, podemos concluir que para muitos inquiridos o processo de adaptação e integração no trabalho terá evoluído num sentido negativo.

- **Os empresários / investidores**

O grupo dos empresários ou investidores abarca os inquiridos que participaram no programa de Vistos Gold e também os que, apesar de não terem solicitado um Visto Gold, também constituíram as suas empresas em Portugal. Os dois tipos de investidores apresentam diferenças no que diz respeito à natureza dos contactos estabelecidos com os Portugueses. Por um lado, muitos dos inquiridos que investiram no país através dos Vistos Gold não criam empresas em Portugal, o que significa que não há possibilidade de contacto ou de práticas de comunicação intercultural de âmbito laboral. Por outro lado, os inquiridos que de facto constituíram empresas em Portugal preferem na sua maioria recrutar imigrantes chineses. É fácil entender que as pessoas sentem maior facilidade em trabalharem com os compatriotas, já que partilham características semelhantes e falam a mesma língua. No trabalho, nos casos em que são contratados colaboradores portugueses, a maioria dos inquiridos prefere não aplicar as formas de gestão totalmente chinesas ou portuguesas. A escolha de formas de gestão pode facilitar a adaptação mútua e aumenta a eficiência das interações. Creio que podemos facilmente imaginar que se um empregador chinês tentasse impor aos Portugueses modelos de gestão e estratégias de comunicação estritamente chinesas que o desfecho provável seriam situações de conflito ou desconforto ao nível das relações interpessoais ou, até, de uma (ainda maior) quebra na eficiência – o motivo para o maior choque cultural sentido pelos inquiridos. A aplicação de formas mistas que mantêm características de ambas as culturas pode ser um elemento facilitador para a integração de empregados portugueses e pode também propiciar que os empregadores chineses e os empregados portugueses trabalhem de forma mais harmonizada e a ritmos mais eficazes. Neste processo, os empregadores procuram cooperar com os empregados portugueses e os empregados portugueses aprendem quais os aspetos, nomeadamente métodos de trabalho, mais valorizados pelos Chineses. De acordo com a amostra, a maioria dos investidores-empregadores

revela vontade de se adaptarem, que indica que no seu trabalho optam por uma estratégia de integração.

4.3. Reflexão sobre o perfil da comunidade chinesa em Portugal e a imigração chinesa no futuro

De acordo com os dados do inquérito conduzido para o presente estudo, verifica-se que a comunidade chinesa residente em Portugal é cada vez mais diversificada. Inicialmente, a comunidade chinesa era constituída principalmente por imigrantes oriundos da Província de Zhejiang, juntando-se a estes mais tarde também imigrantes das províncias do Norte da China. A partir dos dados obtidos, podemos constatar que a comunidade chinesa em Portugal é cada vez mais diversa, existindo imigrantes oriundos de províncias que tradicionalmente não são de migração. Apesar de o número de imigrantes originários destas regiões ser menor do que o número de imigrantes vindos de províncias tradicionalmente associadas à migração, a vinda e permanência desses indivíduos no país significa que Portugal tem ganhado particular atenção e também relevância enquanto destino para migração. De entre os inquiridos, muitos deles apresentam um elevado grau de escolaridade, o que indica também que o perfil socioeconómico desta comunidade está a mudar do de uma migração não qualificada para uma mais qualificada.

Os resultados permitem-nos observar também que os âmbitos profissionais dos imigrantes chineses se têm alargado, desde as indústrias tradicionais, restauração e o comércio grossista até outras áreas de atuação, nomeadamente, agências de consultoria e empresas de serviços de tradução. Com efeito, desde 2005, quando se estabeleceu a parceria estratégica entre Portugal e a China, deu-se um crescimento considerável da população de imigrantes chineses em Portugal, sendo este ainda mais expressivo após o lançamento dos Vistos Gold, em 2012. A partir da Reforma e Abertura da China e com a revitalização económica da China, esta passa a ser uma das maiores potências económicas, tendo saído muitos Chineses para viajar ou investir no estrangeiro, o que também tem conduzido ao desenvolvimento de algumas indústrias/áreas económicas portuguesas. Com o estreitamento das relações

Portugal-China, os dois países têm atingido um nível de colaboração sem precedentes; para além disso, Portugal é percebido por muitos como um trampolim de entrada para a Europa, tornando-se, assim, num destino mais significativo para os Chineses na atualidade.

Paralelamente às questões demográficas e económicas associadas a este fluxo migratório, surge também a questão da adaptação cultural destes indivíduos. Os imigrantes chineses, sejam eles estudantes, trabalhadores, ou investidores/empregadores, assumem problemas ou dificuldades de adaptação e integração perante este encontro cultural e o novo ambiente social. O presente estudo permite-nos verificar que, muito embora a maioria dos inquiridos não tivesse avaliado o seu processo de adaptação e integração no sentido negativo, a maioria deles também revelou não se sentir um membro da sociedade portuguesa. Verificou-se também que, na opinião da esmagadora maioria dos inquiridos, os Portugueses não conhecem bem os Chineses. Isto é, o desconhecimento dos Chineses pelos Portugueses é uma grande barreira entre os dois povos e este parece ser um problema irá perdurar durante muito tempo.

Os dados do inquérito permitem constatar que a maioria da amostra do grupo dos estudantes veio estudar em Portugal pelo projeto entre as universidades chinesas e portuguesas e que, no futuro, a maioria não pretende continuar em Portugal. No caso dos trabalhadores chineses, a maioria encontra o trabalho através dos seus contactos pessoais. A maioria dos inquiridos trabalhadores também indicou que depois de ter obtido o título de residência permanente não pretende migrar para outros países, o que significa que a médio / longo prazo a estrutura deste grupo será estável. Os inquiridos investidores-empregadores elegeram Portugal como destino de investimento essencialmente por razões relacionadas com o menor custo e a menor pressão de concorrência, e a maioria indica não se ter arrependido de ter apostado no mercado português, manifestando ainda vontade de alargar o seu negócio em Portugal. Isto é, de forma geral, os investidores estão satisfeitos com a situação e os resultados alcançados em Portugal.

Com as relações Portugal-China cada vez mais intensificadas, e não obstante algumas das dificuldades identificadas, é um facto que os Chineses conhecem Portugal cada vez melhor. Podemos, pois, prever que no futuro mais imigrantes chineses virão. Será também provável que mais universidades chinesas abram cursos de Língua e Cultura Portuguesas e que cada vez mais estudantes que estudam a Língua Portuguesa na China desejem vir estudar em Portugal.

A partir de dados disponibilizados no sítio da República Portuguesa (2019⁴), o autor elaborou a tabela 9, a qual permite verificar quais os distritos com comunidades chinesas mais expressivas.

Tabela 9: Distribuição de imigrantes chineses em Portugal em 2017 por distrito: os 10 distritos com comunidades mais expressivas

Fonte: Elaboração própria

Distrito de Portugal	População chinesa
Lisboa	10558
Porto	2475
Faro	1727
Setúbal	1588
Leiria	1042
Braga	869
Aveiro	841
Santarém	840
Coimbra	685
Viseu	333

Podemos observar que os imigrantes chineses se estabelecem principalmente nas cidades de Lisboa, Porto, Faro, Setúbal, Leiria, Braga, Aveiro, Santarém, Coimbra e Viseu. Exceto Faro, Setúbal, Santarém e Viseu. Nestas e ainda noutras cidades, há universidades que têm acordos cooperação com universidades chinesas para ensino de

Língua Portuguesa. Tendo em conta que todos os anos chegam a estas cidades estudantes chineses, podemos considerar que o crescimento da população imigrante estudantil poderá, de certo modo, estimular algumas áreas da economia, nomeadamente as que foram criadas e são geridas por chineses, tais como supermercados chineses ou o muito apreciado bar Bubble Tea. Correndo estes investimentos de forma favorável, serão certamente necessários mais colaboradores chineses e a população de imigrantes chineses irá crescer (considerando que os empregadores chineses preferem recrutar trabalhadores chineses). Com a diversificação das áreas de atuação nas quais encontramos Chineses atualmente a trabalhar, será expectável que estas se ampliem ainda mais e que cada vez mais imigrantes qualificados queiram aqui desenvolver a sua carreira profissional.

No futuro, com o aumento da cooperação entre Portugal e a China e das interações interculturais que daí resultam, espera-se que a imagem que os Portugueses construíram dos Chineses seja mais clara, que o diálogo intercultural entre os dois grupos possa ser melhorado e que o processo de adaptação e integração dos imigrantes chineses possa ser concretizado com maior sucesso.

Conclusão

As relações entre Portugal-China têm uma longa história, sendo agora mais estreitas, especialmente desde as últimas décadas em que são formalizados cada vez mais acordos de cooperação e organizadas cada vez mais iniciativas que fomentam a interação entre os dois países. Com a abertura da China para o mundo e a melhoria das relações entre Portugal e a China, tem-se assistido a um aumento da chegada de cidadãos chineses a Portugal. Ao longo das várias vagas migratórias, as características da população chinesa residente em Portugal têm sofrido alterações e, em simultâneo, o processo de adaptação ao país e integração na sociedade tem também evoluído. Com efeito, neste novo auge de relações entre os dois países, têm chegado cada vez mais estudantes, trabalhadores e investidores chineses a Portugal e a comunidade chinesa tem crescido de forma mais rápida quando comparada com século anterior.

O primeiro capítulo da presente tese apresenta a evolução socioeconómica da China, a evolução de migração chinesa e as relações cada vez mais intensificadas entre os dois países. Ao mesmo tempo, também se analisam os fatores principais e possíveis da evolução de imigração chinesa para Portugal, especialmente nos últimos anos.

No segundo capítulo, apresentam-se os conceitos, as teorias e os modelos que nos permitem compreender os conceitos de cultura, adaptação e integração, comunicação intercultural e identidade cultural, explicando-se ainda a influência da cultura no processo de adaptação de um indivíduo a um novo ambiente. Em simultâneo, o autor apresenta uma breve análise das diferenças culturais entre Portugal e a China.

No terceiro capítulo, o autor analisa os dados de um questionário elaborado por si, cuja amostra é constituída por 103 chineses residentes em Portugal, indivíduos com três perfis distintos: i) os que estudam no país, ii) os que trabalham e iii) os que investiram/gerem um negócio. O autor não só procurou avaliar o processo de adaptação e integração dos inquiridos na sua vida quotidiana em Portugal, mas

procurou também identificar e avaliar aspetos mais específicos a cada grupo. Com base nos resultados obtidos a partir deste questionário, o autor concluiu que os Chineses em Portugal, de forma geral, consideram que conseguem conviver bem com os Portugueses, porém não se sentem totalmente integrados; mesmo que tenham sentido dificuldades em lidar com aspetos como a língua, a discriminação e a menor eficiência encontrada neste país, a maioria deles têm atitudes positivas perante estes obstáculos e querem integrar-se na sociedade portuguesa. Concluiu-se também que cada grupo demonstra uma vontade diferente de querer ultrapassar esses obstáculos e um grau distinto de adaptação e integração.

No último capítulo, o autor analisou os resultados do questionário e procurou estabelecer pontes com o enquadramento teórico do segundo capítulo, o que resultou numa reflexão sobre as características da comunidade chinesa e numa previsão da evolução da comunidade chinesa em Portugal. Para tal, analisaram-se as diferenças culturais, as dificuldades encontradas no processo de adaptação e integração e a situação específica deste processo junto de cada grupo de imigrantes chineses. Com os resultados e conclusões apresentadas, o autor caracterizou a comunidade chinesa em Portugal e fez uma previsão sobre a situação de imigração chinesa para Portugal no futuro.

A cultura chinesa e a cultura portuguesa possuem aspetos convergentes e também divergentes. A Masculinidade da cultura chinesa, tal como nos é apresentada nos estudos sobre as dimensões culturais de Gerard Hofstede, é a diferença mais evidente e que, de facto, vai ao encontro daquele que é o elemento que maior choque cultural parece causar: a questão da eficiência.

Como referido anteriormente, a maioria dos chineses tende a adaptar-se e integrar-se bem na sociedade portuguesa. Perante os obstáculos encontrados, a maioria dos imigrantes chineses opta por estratégias de integração ou assimilação, no entanto, seria desejável que se tornassem menos dependentes da comunidade chinesa e que buscassem um maior contacto com os Portugueses.

Como cada grupo de imigrantes chineses apresenta os seus próprios problemas de adaptação e integração, problemas que devem ser refletidos e para os quais se deve

procurar uma solução. Os estudantes devem tentar participar mais nas atividades universitárias e aproveitá-las para, assim, terem um contacto mais estreito com os Portugueses e a cultura portuguesa. Os trabalhadores devem melhorar a sua relação com os restantes colaboradores portugueses e tentar chegar a um melhor entendimento mútuo que facilite a comunicação no trabalho. Os investidores/empregadores poderiam recrutar mais funcionários portugueses a fim de conhecerem melhor a forma como os portugueses abordam os assuntos e quais são as melhores estratégias para uma gestão de recursos humanos mais eficaz.

Embora neste momento haja dificuldades e problemas no processo de adaptação e integração dos imigrantes chineses, espera-se que este estudo consiga colocar em evidência alguns aspetos que podemos melhorar no futuro.

O trabalho que agora se conclui apresenta, claro, algumas limitações, resultantes não só da natureza limitativa do inquérito, como também de dificuldades encontradas pelo próprio autor. Por um lado, as questões propostas não conseguem investigar todos os aspetos inerentes à situação dos imigrantes chineses; por outro lado, a amostra obtida pelo autor representa apenas uma pequena porção da comunidade chinesa residente em Portugal, não tendo sido possível alargar a amostra uma vez que muitos dos potenciais inquiridos regressaram à China devido à pandemia de Covid-19, deixando de ter acesso ao *link* do Google Forms. Apesar disso, acredita-se que a amostra obtida possa ser representativa e que os resultados possam ser úteis para caracterizar o perfil dos imigrantes chineses que residem em Portugal, entender as questões interculturais exploradas neste estudo e, ainda, que o mesmo possa contribuir para um melhor conhecimento da comunidade chinesa.

Bibliografia

Agência Xinhua. (2018). China busca abertura e reformas com zonas de livre comércio. *Valor Econômico*, 21 de novembro. Disponível em:

<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2018/11/21/china-busca-abertura-e-reformas-com-zonas-de-livre-comercio.ghtml>

Agência Lusa. (2019¹). Visto Gold. Há cada vez mais brasileiros e menos chineses a investir em Portugal. *Observador*, 20 de outubro. Disponível em:

<https://observador.pt/2019/10/20/vistos-gold-ha-cada-vez-mais-brasileiros-e-menos-chineses-a-investir-em-portugal/>

Agência Lusa. (2019²). Visto gold: Investimento chinês cai 11% até Setembro e brasileiro sobe 46%. *Público*, 20 de outubro.

Disponível em:

<https://www.publico.pt/2019/10/20/economia/noticia/investimento-brasileiro-sobe-46-1890710>

Agência Lusa. (2020). Fim dos “Visto Gold” em Lisboa e Porto foi aprovado. *Rtp*, 5 de fevereiro.

Disponível em:

https://www.rtp.pt/noticias/economia/fim-dos-vistos-gold-em-lisboa-e-porto-foi-aprovado_n1202933

Almeida, Joana. (2017). Portugal é o país europeu onde o investimento chinês tem mais impacto na economia. *Jornal Económico*, 3 de abril. Disponível em:

<https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/portugal-e-o-pais-europeu-onde-o-investimento-chines-tem-mais-impacto-na-economia-141467>

Almeida, Manuel. (2017). Concedidos 4.202 visto gold. Chineses e brasileiros são principais nacionalidades. *Observador*, 26 de janeiro. Disponível em:

<https://observador.pt/2017/01/26/concedidos-4-202-vistos-gold-chineses-e-brasileiros-sao-principais-nacionalidades/>

Ânia Nunes. (2019). Galo de Barcelos é protagonista na China. *CM Jornal*, 29 de dezembro. Disponível em:

<https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/galo-de-barcelos-e-protagonista-na-china>

Bauru. (2006). *A Comunicação em Contextos Interculturais: A Excelência das Relações Públicas em Organizações Multinacionais*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.

Berry, John W. (1997). Lead Article Immigration, Acculturation, and Adaptation. *International Association of Applied Psychology*, 46 (1). pp. 5-68.

Carvalho, Evandro. (2019). 40 anos de reforma e abertura. *Chinahoje*, 1 de outubro. Disponível em: <http://www.chinahoje.net/40-anos-de-reforma-e-abertura/>

Carvalho, Rita P. (2018). Uma ilha cada vez mais isolada. Neste momento, apenas 17 países mantêm relações diplomática com Taiwan. *Sapo*, 27 de novembro. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/626439/todos-fogem-de-taiwan-ja-so-restam-17-estados-amigo?seccao=Mundo>

Casaburi, Ivana. (2018). *Tendencias de la inversión china en Europa 2018*. Barcelona: ESADE Business School. Disponível em: http://proxymy.esade.edu/gd/facultybio/publicos/1478857175886_Tendencias_de_la_inversion_china_en_Europa_informe_2016_17.pdf

Duarte, José A. (2017). República Popular da China: Relações Diplomáticas. *Portal do governo*. 5 de dezembro. Disponível em: <https://www.portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/historia-diplomatica?view=article&id=325:republica-popular-da-china&catid=119:relacoes-diplomaticasrepublica-popular-da-china>

Embaixada de Portugal em Pequim. (2020). RELAÇÕES LUSO-CHINESAS. Disponível em: <http://portugueseembassybeijing.com/relaes-portugalchina>

Fonseca, Miguel. (2013). *Portugal and Germany: Geert Hofstede's Five Cultural Dimensions*. GRIN.

Gillert, Arne. (2001). Conceitos de aprendizagem intercultural. *Mochila Pedagógica sobre Aprendizagem Intercultural*. Conselho da Europa e Comissão Europeia.

Governo Central Chinês. (2019). *新时代的中国与世界*. Pequim: State Council Information Office. Disponível em: http://www.gov.cn/zhengce/2019-09/27/content_5433889.htm

Hall, Edward T. (1959). *The Silent Language*. New York: Anchor Books Editions.

Hall, Edward T. (1976). *Beyond Culture*. New York: Anchor Books Editions.

Hofstede, Geert. (2011). *Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context*. Online Readings in Psychology and Culture, 2(1).

Disponível em:

<https://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1014&context=orpc>

Hofstede, G., Hofstede, G. J. & Minkov, M. (2010). *Cultures and organizations: software of the mind: intellectual cooperation and its importance for survival*. New York: McGraw-Hill.

Hu, Angang. (2018). 对外开放是中国基本国策. *Jornal Renmin*, 15 de maio.

Disponível em: http://www.gov.cn/xinwen/2018-05/15/content_5291023.htm

Instrumentos Bilaterais para assinatura. (2018). *Declaração conjunta e acordos assinados na visita de Estado do Presidente da República Popular da China*.

Disponível em:

<https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=c8775658-cf7e-4fcb-92a8-eb32444f62ec>

International Organization for Migration. (2020). *World Migration Report 2020*. Geneva: International Organization for Migration.

Jornal de Negócios. (2019). Chineses da CRRC ganham fornecimento de comboios ao Metro do Porto por 50 milhões. *Jornal de Negócios*, 13 de dezembro.

Disponível em:

<https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/transportes/detalhe/chineses-da-crrc-ganha-m-fornecimento-de-comboios-ao-metro-do-porto-por-50-milhoes>

Kim, Young Yin. (2001). *Becoming intercultural: An integrative Theory of Communication and Cross-Cultural Adaptation*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Lieberthal, Kenneth, G. (2020). Cultural Revolution. *Britannica*, 3 de março.

Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Cultural-Revolution>

Lin & Chen. (2014). 中国改革开放以来的三次移民浪潮.

Disponível em:

<http://www.ihuawen.com/article/index/id/33797/cid/71>

Lopes, Bruno F. (2018). A China, os novos donos de Portugal. *Sábado*, 4 de dezembro.

Disponível em:

<https://www.sabado.pt/dinheiro/detalhe/a-china-os-novos-donos-de-portugal>

Matias, Ana. (2007). *Imagens e Estereótipos da Sociedade Portuguesa sobre a Comunidade Chinesa – Interação Multiosecular via Macau*. [Dissertação de mestrado]. Lisboa: ISCET.

Mühlhahn, Klaus. (2019). Reform and Opening: China's Turning Point.

Disponível em: <https://chinachannel.org/2019/02/07/reform-opening/>

Neves, Céu. (2017). Vistos gold dispararam neste ano e chineses são a maioria. *DN*, 5 de fevereiro.

Disponível em:

<https://www.dn.pt/portugal/vistos-gold-dispararam-neste-ano-e-chineses-sao-a-maioria-a-5648844.html>

Neves, M. S. & Rocha-Trindade, M. B. (2008). *Diasporas and globalisation - The Chinese bussiness community in Portugal and the integration of China into the world economy*. Lisboa: ACIDI. pp.155-179.

O TOP3 dos investimentos chineses em Portugal. (2019). *NihaoPortugal*, 6 de novembro.

Disponível em:

<https://www.nihaoportugal.pt/o-top3-dos-investimentos-chineses-em-portugal/>

Pimental, Paula. (2006). *Imigração e identidade processo que se cruzam*. [Dissertação de mestrado]. Lisboa: Universidade Aberta.

Pines, Jim. *Cultural Identity and Diaspora - Stuart Hall. Journal Framework*, no. 36. pp.222-237.

Pinto, Paulo S. (2017). Início da “Revolução Cultural”, na China. RTP ensina.

Disponível em:

<https://ensina.rtp.pt/artigo/inicio-da-revolucao-cultural-na-china/>

PORDATA. (2019). População estrangeira com estatuto legal de residente: total e por algumas nacionalidades. Disponível em:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+total+e+por+algumas+nacionalidades-24-184451>

PORDATA. (2020). Taxa de poupança das famílias. Disponível em:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+poupan%C3%A7a+das+fam%C3%ADlias-2340>

Ramos, Natália. (2001). Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. no. 2. pp. 155-178.

Redfield, R., Linton, R. & Herskovits, M. (1936). Memorandum on the study of acculturation. *American Anthropologist*, vol. 38(1). pp. 149-152.

República Portuguesa. (2018). Portugal e a China criam laboratório para o espaço e os oceanos. Disponível em:

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/noticia?i=portugal-e-china-criam-laboratorio-para-o-espaco-e-os-oceanos>

República Portuguesa. (2019¹). Procura da língua portuguesa cresce à escala global. Disponível em:

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/noticia?i=procura-da-lingua-portuguesa-cresce-a-escala-global>

República Portuguesa. (2019²). Festival de Cultura Portuguesa na China.

Disponível em:

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/comunicado?i=festival-de-cultura-portuguesa-na-china-em-2019>

República Portuguesa. (2019³). Governo abre o mercado chinês à usa de mesa portuguesa. Disponível em:

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/comunicado?i=governo-abre-mercado-chines-a-uva-de-mesa-portuguesa>

República Portuguesa. (2019⁴). População Estrangeira Residente em Portugal - China. Disponível em:

<https://www.gee.gov.pt/pt/docs/doc-o-gee-2/estatisticas-de-imigrantes-em-portugal-por-nacionalidade/paises/china-1/3955-populacao-estrangeira-com-estatuto-legal-de-residente-em-portugal-china/file>

Santos, R. V. M. C. (2009). *A questão da securitização da imigração chinesa em Portugal no quadro na União Europeia*. [Dissertação de mestrado]. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Schein, Edgar H. (1984). Coming to a new awareness of organizational culture. *Sloan Management Review*. Vol, 25. no.2. pp. 3-16.

Shibata, Anne M. (1998). Intercultural Communication Concepts and Implication for Teachers. *JALT Journal*. Vol, 20. no. 2. pp.104-118.

Silva, Inês. (2020). Salário mínimo em 2020: conheça os valores. *E-konomista*, 13 de janeiro.

Disponível em: <https://www.e-konomista.pt/salario-minimo/>

Silver, Caleb. (2020). The Top 20 Economies in the World. *Investopedia*, 18 de março.

Disponível em: <https://www.investopedia.com/insights/worlds-top-economies/>

Smircich, Linda. (1983). *Concepts of Culture and Organizational Analysis*. pp. 339-358. Ithaca: University of Cornell.

Song, Yuehong. (2009). 第一批经济特区.

Disponível em:

<http://dangshi.people.com.cn/GB/151935/164242/9760505.html>

Spencer-Oatey, Helen. (2012). *What is Culture? A compilation of Quotations*. Coventry: University of Warwick.

Thomas, Eva-Ulrike A., Kinast & S. Schroll-Machl (Eds). (2010). *Handbook of Intercultural Communication and Cooperation. Volume 1: Basics and Areas of Application*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

Trompenaars, F. & Hampden-Turner, C. (2000). *Riding the Waves of Culture: Understanding Cultural Diversity in Business*. London: Nicholas Brealey Publishing.

Tylor, Edward. (1874). *Primitive Culture*. Boston: Estes & Lauriat.

UNESCO. (2001). *UNESCO Universal Declaration on Cultural Diversity*. Paris: UNESCO.

Xia, Wu. (2016). *Impacto de Aspectos Culturais em Contexto de Trabalho*. [Dissertação de mestrado]. Minho: Universidade do Minho.

Xu, Wenxiu. (2017). 中国传统集体主义生成极其现实意义. *Journal of Hubei University of Economics (Humanities and Social Science)*. issue. 5. pp. 8-10.

Yang, Yang. (2019). Minimum wage increases to improve welfare in China. *Chinadaily*, 10 de maio.

Disponível em:

<https://www.chinadaily.com.cn/a/201905/10/WS5cd4eda0a3104842260baf7a.html>

Yu, Yijing. (2015). *A imigração chinesa em Portugal e a sua integração linguística e cultural na sociedade portuguesa*. [Dissertação de mestrado]. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Zhang, Fengyang. (2016). *Os chineses em Portugal: as razões da vinda e a sua situação atual*. [Dissertação de mestrado]. Braga. Universidade de Minho.

Zhuang. (2015). 全球化时代中国海外移民的新特点.

Disponível em:

<https://www.csr-china.net/a/guandian/pinglun/2015/0518/3092.html>

Zilber, Ariel. (2019). United States will drop to become the world's THIRD biggest economy behind China and India by 2030, new financial rankings suggest. *Dailymail & Reuters*, 25 de janeiro.

Disponível em:

<https://www.dailymail.co.uk/news/article-6575793/China-worlds-largest-economy-2030-India-surpass-U-S.html>

ANEXOS

ANEXO 1

关于在葡华人学生群体的适应与融入问题的调查 (Adaptação e integração da comunidade chinesa na sociedade portuguesa: o caso dos estudantes)

本问卷调查是在安娜贝拉·瓦朗特·西蒙斯教授的指导下，在阿威罗大学语言与文化系教授的葡萄牙语作为第二外语的硕士课程“论文”中编写的。这项研究的目的是评估在葡华人群体的适应与融入问题。本调查问卷专门为学生设计。

为此，您的协助非常重要。请如实回答下列所有问题。完成问卷大概需要5分钟。所收集的数据是匿名且保的。

预先感谢您的合作与支持。

O presente questionário é elaborado no âmbito da unidade curricular "Dissertação" do Mestrado em Português Língua Estrangeira, ministrado no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, sob a orientação da Professora Anabela Valente Simões. O objetivo deste estudo é o de avaliar a perceção da comunidade chinesa no que diz respeito ao seu processo de adaptação e integração na vida e sociedade portuguesas. O inquérito que se segue é dirigido especificamente a estudantes.

Para tal a sua colaboração é muito importante. Por favor, resposta às questões que se seguem. O preenchimento do questionário demorará 5 minutos. Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Desde já agradecemos a sua colaboração e apoio.

第一部分/Parte 1

受访者信息及对在葡生活的看法/Caracterização da amostra e da vida quotidiana dos inquiridos em Portugal

1. 性别/Género *

请仅选择一个答案。

女 (Feminino)

男 (Masculino)

2. 您的年龄/Idade *

请仅选择一个答案。

- < 20 (menos de 20)
- 20~30 (entre 20 e 30)
- 31~40 (entre 31 e 40)
- > 40 (mais de 40)

3. 您已取得毕业证的教育背景 (Grau de escolaridade) *

请仅选择一个答案。

- 小学 (Ensino básico/primário)
- 初中 (Ensino secundário)
- 高中 (Ensino médio)
- 中专 (Ensino Médio Técnico)
- 大专 (Pós-Secundário)
- 本科 (Licenciatura)
- 硕士 (Mestrado)
- 博士 (Doutoramento)
- 职业技术培训 (Formação Técnica e Profissional)
- 其他: _____

4. 来自中国哪里 (Localidade Chinesa de origem) *

5. 目前居住的城市 (Local de residência em Portugal) *

6. 和谁一起在葡萄牙生活 (Pessoas com quem vive em Portugal) *

请仅选择一个答案。

- 一个人 (sozinho(a))
- 和家人在一起 (com família)
- 和朋友一起 (com amigos)
- 和伴侣一起 (com namorado(a))
- 其他: _____

7. 在葡萄牙和谁住在一起? (Nacionalidade das pessoas com quem mora em Portugal) *

请仅选择一个答案。

- 一个人 (sozinho(a))
- 和中国人住在一起 (com chineses)
- 和葡萄牙人住在一起 (com portugueses)
- 其他: _____

8. 您想和葡萄牙人一起居住吗? (Gosta / Gostaria de morar com portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 想 (Sim)
- 不想 (Não)
- 无所谓 (Indiferente)

9. 当需要一些讯息的时候, 您求助于华人群体还是葡萄牙人群体? (Quando precisa de algumas informações, recorre à comunidade chinesa ou portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 求助于华人群体 (à comunidade chinesa)
- 求助于葡萄牙人群体 (à comunidade portuguesa)
- 求助于华人与葡萄牙人群体 (às duas comunidades)
- 其他: _____

10. 对葡萄牙社会环境的印象 (Impressões sobre o ambiente da sociedade portuguesa) *

请仅选择一个答案。

- 舒适的 (confortável)
- 安宁的 (sossego)
- 缓慢的 (lento)
- 有条理的 (organizado)
- 无秩序的 (desorganizado)
- 和中国差不多 (mais ou menos como na China)

11. 您最喜欢葡萄牙的什么? (Características da sociedade portuguesa de que mais gosta.) *

请仅选择一个答案。

- 安静 (Tranquilidade)
- 安全 (Segurança)
- 气候 (Clima)
- 食物 (Comida)
- 其他 _____

12. 您最讨厌葡萄牙的什么? (Características da sociedade portuguesa de que menos gosta.)*

请仅选择一个答案。

- 效率 (Eficiência)
- 官僚主义 (Burocracia)
- 气候 (Clima)
- 食物 (Comida)
- 其他 _____

13. 葡萄牙与中国之间最大的不同是什么? (Quais são as maiores diferenças entre Portugal e a China?) *

请选择所有使用答案。

- 生活压力 (Depressão de vida)
- 效率 (Eficiência)
- 生活态度 (Atitudes de vida)
- 生活质量 (Qualidade de vida)

14. 您能轻松和葡萄牙人交朋友吗? (Faz amizades facilmente com os portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 能 (Sim)
- 不能 (Não)

15. 您想和葡萄牙人交朋友吗? (Tem vontade de travar amizade com os portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 想 (Sim)
 不想 (Não)

16. 您有参加过葡萄牙的节日吗? (Participou em alguma festa portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

17. 您有关注葡萄牙的政治与社会活动吗? (Está atento à vida política e social em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

18. 当您有困难时, 您倾向求助于葡萄牙人还是中国人? (Quando tem dificuldade, prefere pedir a ajuda aos portugueses ou chineses?) *

请仅选择一个答案。

- 求助于中国人 (aos chineses)
 求助于葡萄牙人 (aos portugueses)
 其他 _____

19. 您对葡萄牙人的印象是怎么样? (Qual é a imagem que tem sobre os portugueses?) *

请选择所有使用答案。

- 友好的 (amistosos)
 勤劳刻苦的 (diligentes)
 思想开放的 (abertos)
 不友好的 (antipáticos)
 懒的 (preguiçosos)
 思想闭塞的 (fechados)

20. 在融入葡萄牙的过程中最大的阻碍是什么? (Qual foi / tem sido o maior obstáculo no processo de adaptação e integração?) *

请仅选择一个答案。

- 语言 (Língua)
- 文化 (Cultura)
- 人际交往方式 (Normas de relacionamento entre as pessoas)
- 交流 (Comunicação)
- 其他: _____

21. 您在葡萄牙的生活中, 与华人群体联系更多还是和葡萄牙人群体联系更多? (Em Portugal, tem mais contacto com a comunidade chinesa ou comunidade portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 华人群体 (Comunidade chinesa)
- 葡萄牙人群体 (Comunidade portuguesa)

22. 您有关系要好的葡萄牙朋友吗? (Tem algum amigo português que lhe seja mais próximo?)*

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
- 没有 (Não)

23. 您在闲暇之余会去学习葡语吗? (Nos tempos livres, procura aprender português?) *

请仅选择一个答案。

- 会 (Sim)
- 不会 (Não)

24. 您在闲暇之余会去了解葡萄牙文化吗? (Nos tempos livres, procura conhecer a cultura portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 会 (Sim)
- 不会 (Não)

25. 您在葡萄牙有过被排外或被歧视的经历吗? (Alguma vez foi alvo de xenofobia ou racismo em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

26. 您认为有被葡萄牙人平等对待吗? (Acha que é tratado(a) de forma igual pelos portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

27. 在来葡萄牙之前, 您有想去学习过关于葡萄牙语言、文化和社会的东西吗? (Antes de ter migrado para Portugal, procurou aprender algo sobre a língua, a cultura e a sociedade portuguesas?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

28. 在葡萄牙居住一段时间后, 您对葡萄牙和葡萄牙人的看法有改变吗? (Depois de ter vivido algum tempo em Portugal, a sua opinião sobre Portugal e os portugueses mudou?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

29. 如果您觉得对葡萄牙和葡萄牙人的看法从之前和现在相比有所改变, 那么是在哪些方面体现的呢? (Se respondeu 'sim', que aspetos mais divergiram entre a sua ideia inicial e a realidade encontrada?)

30. 您认为葡萄牙人了解中国人吗? (Acha que os portugueses conhecem bem os chineses?)*

请仅选择一个答案。

- 了解 (Sim)
 不了解 (Não)

31. 您认为您是葡萄牙社会的一份子吗? (Considera-se integrado(a) na sociedade portuguesa?)*

请仅选择一个答案。

- 认为 (Sim)
 不认为 (Não)

第二部分/Parte 2

受访者对自己融入葡萄牙的状况的看法/Perceção dos inquiridos relativamente ao seu processo de adaptação e integração em Portugal

32. 在1-5分制中,其中1表示非常不适应,到5则表示非常适应,您如何评价您适应葡萄牙文化的程度?
(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua adaptação à cultura portuguesa)*

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不适应 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常适应 (Muito boa)				

33. 在1-5分制中,其中1表示非常不适应,到5则表示非常适应,您如何评价您适应葡萄牙语言的程度?
(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua adaptação à língua portuguesa)*

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不适应 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常适应 (Muito boa)				

34. 在1-5分制中，其中1表示非常不适应，到5则表示非常适应，您如何评价您适应葡萄牙社会的程度? (Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua adaptação à sociedade portuguesa) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不适应 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常适应 (Muito boa)				

35. 在1-5分制中，其中1表示非常不被接受，到5则表示非被接受，您如何评价您在葡萄牙被接受的程度? (Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito mal recebido(a) e 5 a muito bem recebido(a), como avalia a forma como foi acolhido em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不被接受 (Muito mal recebido(a))	<input type="radio"/>	非常被接受 (Muito bem recebido(a))				

36. 在1-5分制中，其中1表示非常不好，到5则表示非常好，您如何评价您与葡萄牙人的相处程度? (Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua convivência com portugueses) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不好 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常好 (Muito boa)				

第三部分/Parte 3

葡萄牙华人学生群体的现状/Situação atual dos estudantes imigrantes chineses residentes em Portugal

37. 您在葡萄牙的教育属于哪个阶段? (Qual é a fase da sua educação em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 本科 (Licenciatura)
- 硕士 (Mestrado)
- 博士 (Doutoramento)
- 其他 _____

38. 您在葡萄牙学习的专业是什么? (Que curso se encontra a frequentar?) *

39. 您在葡萄牙学习了多久? (Há quanto tempo estuda em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 一个学期 (1 semestre)
- 一年 (1 ano)
- 一到三年 (Entre 1 e 3 anos)
- 大于三年 (Mais de 3 anos)
- 其他 _____

40. 您为什么选择在葡萄牙学习? (Porque escolheu estudar em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 因为学校之间有项目 (Porque há uma parceria / um protocolo entre as universidades)
- 因为想了解葡萄牙 (Porque quero conhecer Portugal)
- 因为想换个学习环境 (Porque quero mudar de ambiente de estudo)
- 因为葡萄牙有更好的教育 (Porque Portugal tem melhor educação)
- 其他 _____

41. 在1-5分制中, 其中1表示不满意, 到5则表示非常满意, 您如何评价您对葡萄牙教育的满意程度? (Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a insatisfeito e 5 a muito satisfeito, como avalia o seu grau de satisfação relativamente à educação em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
不满意 (Insatisfeito)	<input type="radio"/>	非常满意 (Muito satisfeito)				

42. 您的班级里有葡萄牙同学吗? (Há colegas portugueses na sua turma?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
- 没有 (Não)

43. 您习惯和葡萄牙人一起学习吗? (Costuma estudar com os portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 会 (Sim)
- 有时会 (Às vezes)
- 从来不会 (Nunca)

44. 您参加过葡萄牙大学内组织的活动吗? (Participou em alguma atividade realizada pela universidade?) *

请仅选择一个答案。

- 参加过 (Sim)
- 从未参加过 (Nunca)

45. 您喜欢参加学校里举办的聚会吗? (Gosta de participar nas festas concretizadas pela universidade?) *

请仅选择一个答案。

- 喜欢 (Gosto)
- 不喜欢 (Não gosto)
- 无所谓 (Indiferente)

46. 您想在葡萄牙继续学习更长时间吗? (Quer continuar a estudar mais tempo em Portugal no futuro?) *

请仅选择一个答案。

- 想 (Sim)
- 不想 (Não)
- 可能会考虑 (Vou pensar)

ANEXO 2

关于在葡华人工人群体的适应与融入问题的调查 (Adaptação e integração da comunidade chinesa na sociedade portuguesa: o caso da classe trabalhadora)

本问卷调查是在安娜贝拉·瓦朗特·西蒙斯教授的指导下，在阿威罗大学语言与文化系教授的葡萄牙语作为第二外语的硕士课程“论文”中编写的。这项研究的目的是评估在葡华人工人群体的适应与融入问题。本调查问卷专门为工人群体设计。

为此，您的协助非常重要。请如实回答下列所有问题。完成问卷大概需要5分钟。所收集的数据是匿名且保的。

预先感谢您的合作与支持。

O presente questionário é elaborado no âmbito da unidade curricular "Dissertação" do Mestrado em Português Língua Estrangeira, ministrado no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, sob a orientação da Professora Anabela Valente Simões.

O objetivo deste estudo é o de avaliar a perceção da comunidade chinesa no que diz respeito ao seu processo de adaptação e integração na vida e sociedade portuguesas. O inquérito que se segue é dirigido especificamente a classe trabalhadora.

Para tal a sua colaboração é muito importante. Por favor, resposta às questões que se seguem. O preenchimento do questionário demorará 5 minutos. Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Desde já agradecemos a sua colaboração e apoio.

第一部分/Parte 1

受访者信息及对在葡生活的看法/Caracterização da amostra e da vida quotidiana dos inquiridos em Portugal

1. 性别/Género *

请仅选择一个答案。

女 (Feminino)

男 (Masculino)

2. 您的年龄/Idade *

请仅选择一个答案。

- < 20 (menos de 20)
- 20~30 (entre 20 e 30)
- 31~40 (entre 31 e 40)
- > 40 (mais de 40)

3. 您已取得毕业证的教育背景 (Grau de escolaridade) *

请仅选择一个答案。

- 小学 (Ensino básico/primário)
- 初中 (Ensino secundário)
- 高中 (Ensino médio)
- 中专 (Ensino Médio Técnico)
- 大专 (Pós-Secundário)
- 本科 (Licenciatura)
- 硕士 (Mestrado)
- 博士 (Doutoramento)
- 职业技术培训 (Formação Técnica e Profissional)
- 其他: _____

4. 来自中国哪里 (Localidade Chinesa de origem) *

5. 目前居住的城市 (Local de residência em Portugal) *

6. 和谁一起在葡萄牙生活 (Pessoas com quem vive em Portugal) *

请仅选择一个答案。

- 一个人 (sozinho(a))
- 和家人在一起 (com família)
- 和朋友一起 (com amigos)
- 和伴侣一起 (com namorado(a))
- 其他: _____

7. 在葡萄牙和谁住在一起? (Nacionalidade das pessoas com quem mora em Portugal) *

请仅选择一个答案。

- 一个人 (sozinho(a))
- 和中国人住在一起 (com chineses)
- 和葡萄牙人住在一起 (com portugueses)
- 其他: _____

8. 您想和葡萄牙人一起居住吗? (Gosta / Gostaria de morar com portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 想 (Sim)
- 不想 (Não)
- 无所谓 (Indiferente)

9. 当需要一些讯息的时候, 您求助于华人群体还是葡萄牙人群体? (Quando precisa de algumas informações, recorre à comunidade chinesa ou portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 求助于华人群体 (à comunidade chinesa)
- 求助于葡萄牙人群体 (à comunidade portuguesa)
- 求助于华人与葡萄牙人群体 (às duas comunidades)
- 其他: _____

10. 对葡萄牙社会环境的印象 (Impressões sobre o ambiente da sociedade portuguesa) *

请仅选择一个答案。

- 舒适的 (confortável)
- 安宁的 (sossego)
- 缓慢的 (lento)
- 有条理的 (organizado)
- 无秩序的 (desorganizado)
- 和中国差不多 (mais ou menos como na China)

11. 您最喜欢葡萄牙的什么? (Características da sociedade portuguesa de que mais gosta.) *

请仅选择一个答案。

- 安静 (Tranquilidade)
- 安全 (Segurança)
- 气候 (Clima)
- 食物 (Comida)
- 其他 _____

12. 您最讨厌葡萄牙的什么? (Características da sociedade portuguesa de que menos gosta.)*

请仅选择一个答案。

- 效率 (Eficiência)
- 官僚主义 (Burocracia)
- 气候 (Clima)
- 食物 (Comida)
- 其他 _____

13. 葡萄牙与中国之间最大的不同是什么? (Quais são as maiores diferenças entre Portugal e a China?) *

请选择所有使用答案。

- 生活压力 (Depressão de vida)
- 效率 (Eficiência)
- 生活态度 (Atitudes de vida)
- 生活质量 (Qualidade de vida)

14. 您能轻松和葡萄牙人交朋友吗? (Faz amizades facilmente com os portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 能 (Sim)
- 不能 (Não)

15. 您想和葡萄牙人交朋友吗? (Tem vontade de travar amizade com os portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 想 (Sim)
 不想 (Não)

16. 您有参加过葡萄牙的节日吗? (Participou em alguma festa portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

17. 您有关注葡萄牙的政治与社会活动吗? (Está atento à vida política e social em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

18. 当您有困难时, 您倾向求助于葡萄牙人还是中国人? (Quando tem dificuldade, prefere pedir a ajuda aos portugueses ou chineses?) *

请仅选择一个答案。

- 求助于中国人 (aos chineses)
 求助于葡萄牙人 (aos portugueses)
 其他 _____

19. 您对葡萄牙人的印象是怎么样? (Qual é a imagem que tem sobre os portugueses?) *

请选择所有使用答案。

- 友好的 (amistosos)
 勤劳刻苦的 (diligentes)
 思想开放的 (abertos)
 不友好的 (antipáticos)
 懒的 (preguiçosos)
 思想闭塞的 (fechados)

20. 在融入葡萄牙的过程中最大的阻碍是什么? (Qual foi / tem sido o maior obstáculo no processo de adaptação e integração?) *

请仅选择一个答案。

- 语言 (Língua)
- 文化 (Cultura)
- 人际交往方式 (Normas de relacionamento entre as pessoas)
- 交流 (Comunicação)
- 其他: _____

21. 您在葡萄牙的生活中, 与华人群体联系更多还是和葡萄牙人群体联系更多? (Em Portugal, tem mais contacto com a comunidade chinesa ou comunidade portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 华人群体 (Comunidade chinesa)
- 葡萄牙人群体 (Comunidade portuguesa)

22. 您有关系要好的葡萄牙朋友吗? (Tem algum amigo português que lhe seja mais próximo?)*

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
- 没有 (Não)

23. 您在闲暇之余会去学习葡语吗? (Nos tempos livres, procura aprender português?) *

请仅选择一个答案。

- 会 (Sim)
- 不会 (Não)

24. 您在闲暇之余会去了解葡萄牙文化吗? (Nos tempos livres, procura conhecer a cultura portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 会 (Sim)
- 不会 (Não)

25. 您在葡萄牙有过被排外或被歧视的经历吗? (Alguma vez foi alvo de xenofobia ou racismo em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

26. 您认为有被葡萄牙人平等对待吗? (Acha que é tratado(a) de forma igual pelos portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

27. 在来葡萄牙之前, 您有想去学习过关于葡萄牙语言、文化和社会的东西吗? (Antes de ter migrado para Portugal, procurou aprender algo sobre a língua, a cultura e a sociedade portuguesas?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

28. 在葡萄牙居住一段时间后, 您对葡萄牙和葡萄牙人的看法有改变吗? (Depois de ter vivido algum tempo em Portugal, a sua opinião sobre Portugal e os portugueses mudou?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

29. 如果您觉得对葡萄牙和葡萄牙人的看法从之前和现在相比有所改变, 那么是在哪些方面体现的呢? (Se respondeu 'sim', que aspetos mais divergiram entre a sua ideia inicial e a realidade encontrada?)

30. 您认为葡萄牙人了解中国人吗? (Acha que os portugueses conhecem bem os chineses?)*

请仅选择一个答案。

- 了解 (Sim)
 不了解 (Não)

31. 您认为您是葡萄牙社会的一份子吗? (Considera-se integrado(a) na sociedade portuguesa?)*

请仅选择一个答案。

- 认为 (Sim)
 不认为 (Não)

第二部分/Parte 2

受访者对自己融入葡萄牙的状况的看法/Perceção dos inquiridos relativamente ao seu processo de adaptação e integração em Portugal

32. 在1-5分制中,其中1表示非常不适应,到5则表示非常适应,您如何评价您适应葡萄牙文化的程度?
(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua adaptação à cultura portuguesa)*

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不适应 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常适应 (Muito boa)				

33. 在1-5分制中,其中1表示非常不适应,到5则表示非常适应,您如何评价您适应葡萄牙语言的程度?
(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua adaptação à língua portuguesa)*

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不适应 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常适应 (Muito boa)				

34. 在1-5分制中，其中1表示非常不适应，到5则表示非常适应，您如何评价您适应葡萄牙社会的程度？(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua adaptação à sociedade portuguesa) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不适应 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常适应 (Muito boa)				

35. 在1-5分制中，其中1表示非常不被接受，到5则表示非被接受，您如何评价您在葡萄牙被接受的程度？(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito mal recebido(a) e 5 a muito bem recebido(a), como avalia a forma como foi acolhido em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不被接受 (Muito mal recebido(a))	<input type="radio"/>	非常被接受 (Muito bem recebido(a))				

36. 在1-5分制中，其中1表示非常不好，到5则表示非常好，您如何评价您与葡萄牙人的相处程度？(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua convivência com portugueses) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不好 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常好 (Muito boa)				

第三部分/Parte 3

葡萄牙华人工人群体的现状/Situação atual dos trabalhadores imigrantes chineses residentes em Portugal

37. 您为什么选择来葡萄牙工作? (Por que motivos escolheu trabalhar em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 工资比在中国高 (Salário mais alto do que na China)
- 生活条件更好 (Melhores condições de vida)
- 生活质量高 (Melhor qualidade de vida)
- 想移民欧洲 (Intenção de imigração para a Europa)
- 其他: _____

38. 您在葡萄牙的工作是哪方面的? (Em que área trabalha?) *

请仅选择一个答案。

- 餐饮 (Restauração)
- 三百店 (Loja chinesa)
- 批发 (Comércio grossista)
- 翻译 (Tradução)
- 教育 (Educação)
- 旅游业 (Turismo)
- 其他 _____

39. 您在葡萄牙工作多久了? (Há quanto tempo trabalha em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 不到一年 (menos de 1 ano)
- 一到两年 (entre 1 e 2 anos)
- 两到五年 (entre 2 e 5 anos)
- 五年以上 (mais de 5 anos)

40. 您的老板是中国人还是葡萄牙人? (A sua chefia é chinesa ou portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 中国人 (Chinês/chinesa)
- 葡萄牙人 (Português/portuguesa)
- 其他: _____

41. 您是如何找到目前的工作的? (Como encontrou o presente trabalho?) *

请仅选择一个答案。

- 朋友介绍 (Através de um amigo)
- 家人介绍 (Através de um familiar)
- 网络上看到的招聘信息 (Informação de recrutamento na internet)
- 其他: _____

42. 您所在的工作地点有葡萄牙员工吗? (Há colaboradores portugueses no seu local de trabalho?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
- 没有 (Não)

43. 如果您上述问题选择“没有”，那么您想和葡萄牙人一起工作吗? (Se respondeu 'não' na questão anterior, gostaria de trabalhar com portugueses?)

请仅选择一个答案。

- 想 (Sim)
- 不想 (Não)
- 无所谓 (Indiferente)

44. 如果42题您回答“有”，那么您觉得您和您的葡萄牙同事关系近吗？(Se respondeu 'sim' na questão 42, sente-se próximo dos seus colegas de trabalho portugueses?)

请仅选择一个答案。

- 很近 (Muito)
- 一般 (Mais ou menos)
- 有点近 (Um pouco)
- 一点都不 (Nada)

45. 您想在葡萄牙长期发展吗？(Gostaria de desenvolver a sua carreira a longo prazo em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 想 (Sim)
- 不想 (Não)

46. 您在葡萄牙拿到永久居留后有考虑去别的欧盟国家发展吗？(Depois de ter título de residência permanente, pensará trabalhar noutros países europeus?) *

请仅选择一个答案。

- 会 (Sim)
- 不会 (Não)
- 会考虑 (Vou pensar)

ANEXO 3

关于在葡华人投资人群体的适应与融入问题的调查 (Adaptação e integração da comunidade chinesa na sociedade portuguesa: o caso dos investidores)

本问卷调查是在安娜贝拉·瓦朗特·西蒙斯教授的指导下，在阿威罗大学语言与文化系教授的葡萄牙语作为第二外语的硕士课程“论文”中编写的。这项研究的目的是评估在葡华人投资人群体的适应与融入问题。本调查问卷专门为投资人设计。

为此，您的协助非常重要。请如实回答下列所有问题。完成问卷大概需要5分钟。所收集的数据是匿名且保密的。

预先感谢您的合作与支持。

O presente questionário é elaborado no âmbito da unidade curricular "Dissertação" do Mestrado em Português Língua Estrangeira, ministrado no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, sob a orientação da Professora Anabela Valente Simões.

O objetivo deste estudo é o de avaliar a perceção da comunidade chinesa no que diz respeito ao seu processo de adaptação e integração na vida e sociedade portuguesas. O inquérito que se segue é dirigido especificamente a investidores.

Para tal a sua colaboração é muito importante. Por favor, resposta às questões que se seguem. O preenchimento do questionário demorará 5 minutos. Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

第一部分/Parte 1

受访者信息及对在葡生活的看法/Caracterização da amostra e da vida quotidiana dos inquiridos em Portugal

1. 性别/Género *

请仅选择一个答案。

女 (Feminino)

男 (Masculino)

2. 您的年龄/Idade *

请仅选择一个答案。

- < 20 (menos de 20)
- 20~30 (entre 20 e 30)
- 31~40 (entre 31 e 40)
- > 40 (mais de 40)

3. 您已取得毕业证的教育背景 (Grau de escolaridade) *

请仅选择一个答案。

- 小学 (Ensino básico/primário)
- 初中 (Ensino secundário)
- 高中 (Ensino médio)
- 中专 (Ensino Médio Técnico)
- 大专 (Pós-Secundário)
- 本科 (Licenciatura)
- 硕士 (Mestrado)
- 博士 (Doutoramento)
- 职业技术培训 (Formação Técnica e Profissional)
- 其他: _____

4. 来自中国哪里 (Localidade Chinesa de origem) *

5. 目前居住的城市 (Local de residência em Portugal) *

6. 和谁一起在葡萄牙生活 (Pessoas com quem vive em Portugal) *

请仅选择一个答案。

- 一个人 (sozinho(a))
- 和家人在一起 (com família)
- 和朋友一起 (com amigos)
- 和伴侣一起 (com namorado(a))
- 其他: _____

7. 在葡萄牙和谁住在一起? (Nacionalidade das pessoas com quem mora em Portugal) *

请仅选择一个答案。

- 一个人 (sozinho(a))
- 和中国人住在一起 (com chineses)
- 和葡萄牙人住在一起 (com portugueses)
- 其他: _____

8. 您想和葡萄牙人一起居住吗? (Gosta / Gostaria de morar com portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 想 (Sim)
- 不想 (Não)
- 无所谓 (Indiferente)

9. 当需要一些讯息的时候, 您求助于华人群体还是葡萄牙人群体? (Quando precisa de algumas informações, recorre à comunidade chinesa ou portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 求助于华人群体 (à comunidade chinesa)
- 求助于葡萄牙人群体 (à comunidade portuguesa)
- 求助于华人与葡萄牙人群体 (às duas comunidades)
- 其他: _____

10. 对葡萄牙社会环境的印象 (Impressões sobre o ambiente da sociedade portuguesa) *

请仅选择一个答案。

- 舒适的 (confortável)
- 安宁的 (sossego)
- 缓慢的 (lento)
- 有条理的 (organizado)
- 无秩序的 (desorganizado)
- 和中国差不多 (mais ou menos como na China)

11. 您最喜欢葡萄牙的什么? (Características da sociedade portuguesa de que mais gosta.) *

请仅选择一个答案。

- 安静 (Tranquilidade)
- 安全 (Segurança)
- 气候 (Clima)
- 食物 (Comida)
- 其他 _____

12. 您最讨厌葡萄牙的什么? (Características da sociedade portuguesa de que menos gosta.)*

请仅选择一个答案。

- 效率 (Eficiência)
- 官僚主义 (Burocracia)
- 气候 (Clima)
- 食物 (Comida)
- 其他 _____

13. 葡萄牙与中国之间最大的不同是什么? (Quais são as maiores diferenças entre Portugal e a China?) *

请选择所有使用答案。

- 生活压力 (Depressão de vida)
- 效率 (Eficiência)
- 生活态度 (Atitudes de vida)
- 生活质量 (Qualidade de vida)

14. 您能轻松和葡萄牙人交朋友吗? (Faz amizades facilmente com os portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 能 (Sim)
- 不能 (Não)

15. 您想和葡萄牙人交朋友吗? (Tem vontade de travar amizade com os portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 想 (Sim)
- 不想 (Não)

16. 您有参加过葡萄牙的节日吗? (Participou em alguma festa portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
- 没有 (Não)

17. 您有关注葡萄牙的政治与社会活动吗? (Está atento à vida política e social em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
- 没有 (Não)

18. 当您有困难时, 您倾向求助于葡萄牙人还是中国人? (Quando tem dificuldade, prefere pedir a ajuda aos portugueses ou chineses?) *

请仅选择一个答案。

- 求助于中国人 (aos chineses)
- 求助于葡萄牙人 (aos portugueses)
- 其他 _____

19. 您对葡萄牙人的印象是怎么样? (Qual é a imagem que tem sobre os portugueses?) *

请选择所有使用答案。

- 友好的 (amistosos)
- 勤劳刻苦的 (diligentes)
- 思想开放的 (abertos)
- 不友好的 (antipáticos)
- 懒的 (preguiçosos)
- 思想闭塞的 (fechados)

20. 在融入葡萄牙的过程中最大的阻碍是什么? (Qual foi / tem sido o maior obstáculo no processo de adaptação e integração?) *

请仅选择一个答案。

- 语言 (Língua)
- 文化 (Cultura)
- 人际交往方式 (Normas de relacionamento entre as pessoas)
- 交流 (Comunicação)
- 其他: _____

21. 您在葡萄牙的生活中, 与华人群体联系更多还是和葡萄牙人群体联系更多? (Em Portugal, tem mais contacto com a comunidade chinesa ou comunidade portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 华人群体 (Comunidade chinesa)
- 葡萄牙人群体 (Comunidade portuguesa)

22. 您有关系要好的葡萄牙朋友吗? (Tem algum amigo português que lhe seja mais próximo?)*

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
- 没有 (Não)

23. 您在闲暇之余会去学习葡语吗? (Nos tempos livres, procura aprender português?) *

请仅选择一个答案。

- 会 (Sim)
- 不会 (Não)

24. 您在闲暇之余会去了解葡萄牙文化吗? (Nos tempos livres, procura conhecer a cultura portuguesa?) *

请仅选择一个答案。

- 会 (Sim)
- 不会 (Não)

25. 您在葡萄牙有过被排外或被歧视的经历吗? (Alguma vez foi alvo de xenofobia ou racismo em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

26. 您认为有被葡萄牙人平等对待吗? (Acha que é tratado(a) de forma igual pelos portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

27. 在来葡萄牙之前, 您有想去学习过关于葡萄牙语言、文化和社会的东西吗? (Antes de ter migrado para Portugal, procurou aprender algo sobre a língua, a cultura e a sociedade portuguesas?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

28. 在葡萄牙居住一段时间后, 您对葡萄牙和葡萄牙人的看法有改变吗? (Depois de ter vivido algum tempo em Portugal, a sua opinião sobre Portugal e os portugueses mudou?) *

请仅选择一个答案。

- 有 (Sim)
 没有 (Não)

29. 如果您觉得对葡萄牙和葡萄牙人的看法从之前和现在相比有所改变, 那么是在哪些方面体现的呢? (Se respondeu 'sim', que aspetos mais divergiram entre a sua ideia inicial e a realidade encontrada?)

30. 您认为葡萄牙人了解中国人吗? (Acha que os portugueses conhecem bem os chineses?)*

请仅选择一个答案。

- 了解 (Sim)
 不了解 (Não)

31. 您认为您是葡萄牙社会的一份子吗? (Considera-se integrado(a) na sociedade portuguesa?)*

请仅选择一个答案。

- 认为 (Sim)
 不认为 (Não)

第二部分/Parte 2

受访者对自己融入葡萄牙的状况的看法/Perceção dos inquiridos relativamente ao seu processo de adaptação e integração em Portugal

32. 在1-5分制中,其中1表示非常不适应,到5则表示非常适应,您如何评价您适应葡萄牙文化的程度?
(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua adaptação à cultura portuguesa)*

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不适应 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常适应 (Muito boa)				

33. 在1-5分制中,其中1表示非常不适应,到5则表示非常适应,您如何评价您适应葡萄牙语言的程度?
(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua adaptação à língua portuguesa)*

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不适应 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常适应 (Muito boa)				

34. 在1-5分制中，其中1表示非常不适应，到5则表示非常适应，您如何评价您适应葡萄牙社会的程度？(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua adaptação à sociedade portuguesa) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不适应 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常适应 (Muito boa)				

35. 在1-5分制中，其中1表示非常不被接受，到5则表示非被接受，您如何评价您在葡萄牙被接受的程度？(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito mal recebido(a) e 5 a muito bem recebido(a), como avalia a forma como foi acolhido em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不被接受 (Muito mal recebido(a))	<input type="radio"/>	非常被接受 (Muito bem recebido(a))				

36. 在1-5分制中，其中1表示非常不好，到5则表示非常好，您如何评价您与葡萄牙人的相处程度？(Numa escala de 1-5, sendo que 1 corresponde a muito má e 5 a muito boa, como avalia a sua convivência com portugueses) *

请仅选择一个答案。

	1	2	3	4	5	
非常不好 (Muito má)	<input type="radio"/>	非常好(Muito boa)				

第三部分/Parte 3

葡萄牙华人工人群体的现状/Situação atual dos trabalhadores imigrantes chineses residentes em Portugal

37. 您在投资葡萄牙之前是否申请黄金签证？(Solicitou a atribuição de um Visto Gold antes de investir em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 是 (Sim)
 否 (Não)

38. 如果上述问题回答‘是’，那么您申请黄金签证的目的是？(Se respondeu ‘sim’, na questão anterior, com que finalidade solicitou o seu visto?)

如果您的选择是选项2 - 6其中之一，那么本次问卷调查到此处为止，谢谢您的合作！(Se a sua resposta recaiu sobre as opções 2 - 6, obrigado pela sua colaboração. O seu questionário termina aqui.)

请选择所有适用项。

- 为了在葡萄牙开公司 (Para investir/criar/gerir uma empresa em Portugal)
- 为了投资房地产 (Para investir no mercado imobiliário)
- 为了能够在葡萄牙生活 (Para poder viver no país)
- 为了能在欧洲各国通行 (Para poder circular livremente pela Europa)
- 为了孩子能在葡萄牙念书 (Para os meus filhos poderem estudar em Portugal)
- 其他 _____

39. 您在葡萄牙的投资是什么领域的？(Em que área investe em Portugal?) *

请选择所有适用项。

- 餐饮 (Restauração)
- 三百店 (Loja chinesa)
- 超市 (Supermercado)
- 批发 (Comércio grossista)
- 旅游业 (Turismo)
- 翻译 (Tradução)
- 房产中介 (Agência imobiliária)
- 其他 _____

40. 您在葡萄牙的投资有多长时间了？(Há quanto tempo investe em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 不到一年 (menos de 1 ano)
- 一到两年 (entre 1 e 2 anos)
- 两到五年 (entre 2 e 5 anos)
- 五年以上 (mais de 5 anos)

41. 您打算以后在葡萄牙扩大自己的投资吗？(Pretende expandir os seus negócios / o seu investimento em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 打算 (Sim)
- 不打算 (Não)

42. 您的员工主要是中国人还是葡萄牙人? (A maioria dos seus empregados são chineses ou portugueses?) *

请仅选择一个答案。

- 中国人 (Chineses)
- 葡萄牙人 (Portugueses)
- 其他: _____

43. 当您有葡萄牙员工时, 您会针对葡萄牙员工采取葡萄牙式管理还是中国式管理? (No caso de ter funcionários portugueses, aplica formas de gestão chinesas ou portuguesas?) *

请仅选择一个答案。

- 中国式管理 (À chinesa)
- 葡萄牙式管理 (À portuguesa)
- 混合式管理 (À mista)
- 其他: _____

44. 您更倾向雇佣葡萄牙人还是中国人? (Prefere recrutar portugueses ou chineses?) *

请仅选择一个答案。

- 中国人 (Chineses)
- 葡萄牙人 (Portugueses)

45. 您为什么选择投资葡萄牙? (Por que razão escolheu investir em Portugal?) *

请选择所有适用项。

- 成本小 (Baixo custo)
- 投资移民政策门槛低 (Requerimentos menos complexos no que toca à política de investimento por parte de imigrantes)
- 市场有潜力 (Mercado com potencial)
- 竞争压力小 (Menor pressão da concorrência)
- 其他: _____

46. 您有因为选择投资葡萄牙后悔吗? (Arrepende-se de ter investido em Portugal?) *

请仅选择一个答案。

- 后悔 (Sim)
- 不后悔 (Não)

47. 您觉得投资葡萄牙比在其他国家投资的优势是什么? (Quais são as vantagens de investir em Portugal comparando com outros países?) *

请选择所有适用项。

- 成本小 (Baixo custo)
- 更容易拿到经营许可 (Mais fácil obter a autorização de comércio)
- 市场有潜力 (Mercado com potencial)
- 竞争压力小 (Menor pressão da concorrência)
- 其他: _____

48. 您打算以后将投资延伸到其他国家吗? (Pensa alargar o seu investimento a outros países?)*

请仅选择一个答案。

- 打算 (Sim)
- 不打算 (Não)
- 会考虑 (Vou pensar)